3 1761 07041765 4

NARCOTICOS

Camillo Castello Branco

NARCOTICOS

II

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS, HISTORICAS,
CRITICAS E HUMORISTICAS

PORTO
LIVRARIA DE CLAVEL & C.ª — EDITORES
123, Rua do Almada, 123

MDCCCLXXXII

LIBRARY
DEC 28 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9261
C3N28
1882
v. 2

PORTO
IMPRENSA INTERNACIONAL
Rua da Victoria 166

1882

OS CONTRAFACTORES

DO BRAZIL

ALEXANDRE Herculano tratou excentricamente a questão controvertida de propriedade litteraria. Acepilhou sophismas que parecem incompossiveis com um juizo tão recto como esclarecido. Attinge a conclusão de que a propriedade litteraria é um paradoxo, e assenta que o escriptor é tão proprietario das suas idéas quanto o marceneiro o é d'uma cadeira que inventou. Escreve o doutissimo historiador: «Um marceneiro inventou uma cadeira elegante e commoda; deu depois existencia e vulto á sua concepção, fabricando uma duzia ou um cento de ca-

ctiva, promiscuamente, contra Sue e Kock, Balzac e Dickens! Parece que está fallando do marquez de Sade e de Aretino! O romancista inglez a *corromper a mocidade e as mulheres!* Dickens é um amigo dulcissimo e zeloso do genero humano. A caridade com os desherdados é o factor do maior numero dos seus livros. Não exalta as soberbias da razão em detrimento dos preceitos santificados na divindade da sua origem. Respeita as religiões todas, e todas as ordens constituidas. Abstem-se de escalpellar as carnes onde poreja o pus das infermidades mortaes. Cobre de crepe os cadaveres e faz á volta d'elles o asco das ulceras e o terror do vicio. A Inglaterra considera Dickens um bemfeitor, e em Portugal admira-se Julio Diniz que lhe seguiu a escóla. Não poderá a França dizer o mesmo do seu Balzac, o pantheista, e historiador prolixo das doenças dos individuos pela primeira vez diagnosticadas por processos scientificos nem sempre verdadeiros; mas, se a França o não relê como consolador, nem já o admira na sua iniciativa de naturalismo, Balzac ficará na perpetuidade de Rabelais, de Montagne, de Labruyère, de Molière, de Voltaire á volta das retortas em que se operaram lentas, mas profundas evoluções. Não é pois sobremodo airoso para Portugal que o seu mais acatado escriptor, em pleno seculo XIX, escrevesse de Balzac e Dickens phrases que estão revendo a zanga algum tanto ca-

turra de um admirador sertanejo do *Feliz independente* e da *Virgem da Polonia*.

Repisando no mesmo terreno da argumentação sempre apontada a desfalcar a propriedade dos romancistas, insiste o grande historiador: «Em vez da anarchia deleteria e repugnante que o regimen da propriedade litteraria produz e em que o homem de talento, mas immoral, envenena as multidões para se locupletar, em quanto o genio da sciencia e consciencia morre de fome, um systema de recompensas publicas prudentemente organisado, traria a ordem e a justiça, e substituiria o verdadeiro progresso ás orgias intellectuaes, á veniaga da corrupção moral, resultado infallivel da conversão das idéas em capital productivo.»

É tão exacto o *envenenamento das multidões* pelo romance como a *morte do genio da sciencia e consciencia* pela fome. Os sabios n'este paiz, se perecem de fome, tão obscuramente o fazem que nem os localistas da imprensa diaria tem occasião de fulminar os governos que deixam vasquejar a sciencia á mingoa de pão; e pelo que respeita ás *multidões envenenadas* pelas novellas de Balzac, Dickens e outros, é isso um pompear de phrases que denota quanto Alexandre Herculano estava sequestrado da sociedade pratica em que os vicios tem uma inveterada antiguidade mais coeva do Livro 5.º das *Ordenações* que dos romances de Paulo de Kock.

O sonoroso author do *Eurico,* n'isto de fulminações aos maus costumes, deixava-se levar das harmonias musicaes do seu estylo cadencioso de phrases rijas e brunidas como o aço das panoplias, e parecia estar-se sempre enlevado nos arrobos visionarios do heretico Lamennais. Ficou-lhe aquelle geito grande, largo e estrondoso da *Voz do Propheta.*

Impugna o tratado de propriedade litteraria com a França — pelo qual o ingresso das edições belgas foi defezo — porque d'ahi resultava *grangearem os romancistas, os poetas, os especuladores litterarios da França mais uma noite de orgias ou os meios de dar mais uma vez por anno verniz nas suas carruagens.*

Este odio aos romancistas felizes é incongruente no author do *Monge de Cister,* das *Lendas e narrativas,* das romanticas phantasmagorias que proporcionaram o suave repouso do fatigado lidador na quinta de Val de Lobos. Dado ainda que Herculano não provasse a mão com singular pericia na novella historica, ainda como historiador lhe competia acamaradar-se de boas avenças com os romancistas, porque, no dizer profundamente conceituoso de Thiers, «um grande historiador é um romancista da verdade, e um grande romancista é um historiador que inventa».

Em conclusão dos seus articulados contra a propriedade litteraria, quer Alexandre Herculano

que *os livros frivolos ou deleterios, que o direito absoluto de propriedade protege tanto como os bons e uteis, e que infelizmente o mercado protege, sem comparação, mais, ficassem expostos sem defeza á especulação dos contrafactores, e na propria procura do mercado achassem para seus authores o instrumento do castigo.*

Sim, a contrafacção, apoucando os lucros, seria um castigo para o escriptor; mas com certeza não seria emenda nem triaga ao «envenenamento das multidões»; por quanto o romancista continuaria a produzir ganhando 20 em vez de ganhar 100, o publico continuaria a lêr e a envenenar-se, indifferente á questão da propriedade, e o contrafactor — para quem Herculano não pede castigo nem sequer censura — continuaria a locupletar-se. A final, quem colhe as fructuosas consequencias das primicias do grande escriptor são os ladrões, com a mais desbragada impunidade.

As idéas de Alexandre Herculano agradaram infinitamente no imperio brazileiro, quero dizer, adivinharam-as com rara intuição os contrafactores do Brazil, porque eu não imagino que elles, antes de nos reproduzirem os livros, se dobrassem meditabundos, á lampada nocturna, sobre os *Opusculos* do celebre historiador, assim como nunca me constou que lá os seus salteadores da *Ilha da Caqueirada* lêssem com espirito hostil as invectivas de Proudhon contra a propriedade

quando a estabeleciam nas algibeiras dos honrados burguezes da rua do Ouvidor.

Tambem não posso accusar os contrafactores de nos quererem infligir, roubando-nos, o castigo alvitrado pelo Mestre, que votou pela dieta dos discipulos logo que elles não locubrassem as suas vigilias em livros d'uma conspicuidade assás unctuosa. Não.

Os livreiros do Brazil operam as suas contrafacções movidos d'um pensamento chão, correntio e singelo: roubar-nos. Elles não desejam definitivamente que os escriptores portuguezes desanimem e vão para o Brazil alistar-se em maltas que medrem no latrocinio; pelo contrario, ambicionam que a pobreza nos aguilhôe e force a escrever muito, para que elles, como pregoeiros da nossa fecundidade, possam continuar a roubar-nos e encher-nos de edições e glorias transatlanticas. A gloria! que mais queremos nós? Alexandre Herculano aconselha com eloquencia commovente os escriptores a darem-se por pagos com a *consideração, respeitos e distincções com que a sociedade trata o homem que perante o seu tribunal deu provas indubitaveis de talento ou de genio;* e ao mesmo tempo nos vai contando, no mesmo escripto, e quasi na mesma pagina, que *o genio da sciencia e da consciencia morre de fome,* e que *Luiz de Camões morrera entre as angustias da miseria e do abandono na pobre*

enxerga de um hospital — como se isto fosse verdade.

Como quer que seja, os contrafactores é que não escorregam n'estas incoherencias.

Com uma seriedade harmonica, systematica e impávida não só reproduzem a milhares os livros que em Portugal ainda encontram editores ousados e temerarios; mas até com um desvergonhamento que deslumbra o nitido descaro da ladroeira, contrafizeram um livro que não se vendeu em Portugal, e que fôra enviado ao Rio de Janeiro com uma veneravel resalva que os piratas não respeitaram. Traduziu o snr. D. Luiz I, como é notorio e até glorioso, o *Hamlet* de Shakspeare. Distribuiu S. M. os exemplares da sua versão pelos monarchas, pelas bibliothecas publicas, pelos diplomatas, pelos seus amigos e por escriptores notaveis. Logo que escrevi *escriptores notaveis* seria pleonasmo acrescentar que fui excluido; mas não me despeço de deleitar-me na leitura d'esta versão d'el-rei, quando eu puder haver um dos exemplares contrafeitos no Rio de Janeiro, e vendidos a irrisorios pregões no peristilo dos theatros. Apregoavam os gaiatos subalternos a *traducção do Hameleto,* feita por *D. Luiz, rei dos ilhéos.* E aquellas gentes variegadas, de beiços grossos e rubros, olhares mortiços do quebranto langoroso da mulataria, davam casquinadas de riso, compravam o livro com a boçal presumpção de o

perceberem, e associavam-se em alegrias biltres á proterva satisfação do contrafactor. Vai n'isto tudo uma porcaria infame, o *cachet* d'um paiz de mercantilagem pelintra.

Que fazer? É o titulo moderno de um romance do russiano Tchenischefski, em que se dá o relêvo de insanaveis aleijões da sua sociedade. Que fazer contra o crime de roubo perpetrado pelos contrafactores do Brazil aos escriptores e editores portuguezes? A idéa mais obvia — na impossibilidade do tribunal e da grilhêta — é a celebração de um tratado de propriedade litteraria com o Brazil.

Quando esteve em Portugal, pela primeira vez, o snr. D. Pedro II, os litteratos e editores de Lisboa projectaram ir em corporação pedir ao doutissimo imperador que preponderasse com a sua benigna e poderosa e efficacissima influencia na celebração do tratado. Esperavam os supplicantes que S. M. I. aproveitaria a occasião para fazer enforcar ou pelo menos suspender temporariamente os ladrões que lhe marchavam o imperio e passeavam triumphalmente os seus chapéos do Chili em Petropolis e no Corcovado. Constando, porém, que Alexandre Herculano, era avêsso ao requerimento dos espoliados, e que o imperador abundava nas idéas do seu illustre amigo, em materia de propriedade, a junta dos queixosos desanimou e debandou; parte foi jan-

tar á taberna ingleza, outros ao Penim, e os verdadeiramente sabios, segundo o funereo threno do Mestre, morreriam de fome.

Conta o snr. Ramalho Ortigão, no seu estylo de conceituosa graça, que já foi conviva em um jantar no *Hotel Universal,* onde se congregaram os escriptores para comer o boi e discutir o espirito da propriedade litteraria. Como o boi tympanisou, ao que parece, a glandula depositaria da idéa em discussão, nada discutiram; e o insigne critico, roubado em Pernambuco, pede que se torne a jantar a fim de se obter com o Brazil um tratado de propriedade litteraria.

Eu não confio nada no segundo jantar no *Hotel Universal.* Discussões sérias são incompativeis com digestões pesadas. De mais a mais, ss. exc.as os escriptores, com os ventres repletos, desbotariam a côr local do assumpto, sendo o seu intuito reclamarem como escriptores famintos.

A mim me quer parecer que incumbe ao governo attender a uma necessidade que não carece de ser discutida e formulada em assembléas. Alexandre Herculano alvitra que seja o Estado quem dê os meios de subsistencia aos escriptores prejudicados ou não prejudicados pelas contrafacções. Se pois o governo portuguez não quer ou não póde celebrar com o governo brazileiro uma lei que caucione os meus direitos á remuneração do trabalho, e os direitos sagrados dos editores a quem

vendo os meus livros, diga-me a que repartição hei de ir mensalmente receber a pensão indemnisadora do roubo irremediavel. Em geral, n'este paiz, ha um só escriptor que sem prejuizo sensivel na algibeira póde ser reproduzido no Brazil: é o snr. D. Luiz I. Felicito o augusto litterato; e peço-lhe curvadamente que influa no seu governo sentimentos benignos a favor dos seus collegas pobres e subditos humildes.

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

ESTUDOS DE

MANUEL BERNARDES BRANCO

da Academia Real das Sciencias de Lisboa

O snr. Manoel Bernardes Branco mal respirou as fragrantes atmospheras da mocidade. A vida tem-lhe sido dura, e bem modelada pelo preceito originalmente divino do trabalho imposto áquelle calaceiro Adão que, se não transgredisse a prescripção ácerca do pomar edenico, daria de si uma posteridade de mandriões ditosos. Conheço ha muitos annos o snr. Bernardes Branco nas lides do professorado e nas jornalisticas, sem intercadencia de desalento. Nunca o encontrei em botequins e theatros. Achava-o ás vezes extraordinariamente jubiloso com o encontro propicio de al-

gum livro roído, lustroso do sebo de dez gerações, cheio de seculos e locuções castiças. As orgias da sua mocidade não passaram d'estes afagos usurpados a Tito Livio, a Fénélon, a Thucidedes, a Goldsmith. Creio que o snr. Bernardes Branco ensinava no Porto, ha vinte annos, os quatro idiomas; e, no latino, deu por esse tempo uma versão litteral muito estimavel de alguns livros do historiador de Roma.

Não me espantou a empresa nem a grossura dos volumes quando vi que era o snr. Bernardes Branco o author de *Portugal e os Estrangeiros*. O que me assombrou foi o cabedal de fadigas que esta obra representa; e, ao mesmo tempo, a engenhosa alliança que se dá entre o impertinente mister de trasladar titulos de livros e a critica esclarecida que nos desenfada de semelhante leitura.

Não sei de nacionalidade alguma que possua um monumento litterario d'esta especie. As grandes nações não teem vagar para se informarem do que a seu respeito escrevem as outras, ou descuram desdenhosas tanto a injuria como a lisonja. Nós, porém, os portuguezes, como velhos fidalgos pobres que se assentam no escabello duro e armoreado a lêr cartapacios genealogicos, sentimos remoçar-se-nos o sangue quando nos fallam do passado e nos bafeja a viração da Africa e do Oriente um pouquinho impregnada do acre bafio

do sangue. Consola-nos saber o que pensam de nós os viajantes que fumam londrés nas janellas do Hotel Central. Imaginamos que elles, olhando lá em baixo a barra franjada de ouro, fantasiam que vem entrando as naus dos quintos, lá onde alvejam e arfam os panos da rasca *Santo Antonio e Almas* com carga de sal. E, se acaso nos beliscam a prosapia com epigrammas e petulancias de Byron, de Harrison, de Fernandes de los Rios, de John Latouche, erguemo-nos do escabello compellidos pelo brio luso, e sentamo-nos outra vez obrigados pela preguiça portugueza. Eu por mim sahi ha pouco d'estes habitos nacionaes, traduzindo e commentando a *Fair Lusitania* de lady Jackson. Como annotei com um sorriso benevolo as ligeirices da illustre escriptora a respeito de crendices e costumes portuguezes, houve ahi um artifice de litteratagem na imprensa do Porto que me arguiu de indelicado com a senhora estrangeira. No conceito d'este jornaleiro de gazetilha fiquei para com as damas de Inglaterra, em primores cavalleirosos, muito abaixo do grão Magriço.

O meu exemplo com certeza não moveria o snr. M. B. Branco a publicar o seu *Portugal e os Estrangeiros,* se elle não tivesse empenhado n'esse lavor um empate de dez annos de vida, como conta ao senhor D. Luiz I, a quem dedica a sua obra.

O mais persuasivo testemunho que posso dar ao operoso escriptor de que li os seus livros com deleitoso estudo e grande attenção, é trasladar para aqui as notas com que lhes marginei as paginas. Obras d'esta natureza jámais se completam. Podem aperfeiçoar-se; mas nunca são perfeitas. Ellas mesmas de si, quando orçam pelo merito de *Portugal e os Estrangeiros,* incitam pessoas de grande e até de mediana erudição a quererem dar o seu subsidio para futuros aperfeiçoamentos. Eu sou dos segundos — perdoe-se-me a immodestia. Vivo em aldeia; estou preso á galé dos livros pela corrente do rheumatismo; acôlho com muito affecto os bons exemplares que compro, e sinto-me mais rico a par e passo que as obras do quilate d'esta do snr. Bernardes Branco me levam em prata o que me deixam em luz.

Conceda-me pois o benemerito collega uns ligeiros retoques, uma collaboração affectuosa na segunda edição da sua obra digna de paiz mais premiador do trabalho.

Pag. 21:

17) A... J... *A Compleat Account of the Portugueze Language,* etc. London, 1701, fol.

O author d'este diccionario é o padre Raphael Bluteau, que então estava em França; e, regres-

sando a Portugal em 1704, foi como desterrado para Alcobaça, d'onde mandou publicar em Lisboa em 1705, na officina de Miguel Manescal, a *Grammatica Anglo-Lusitanica* de que o snr. B. Branco se lembra nos *ultimos additamentos*, pag. 567, do 2.º vol. É a primeira d'esta especie que se imprimiu em Portugal, desconhecida a Innocencio.

Pag. 148. Traslada a carta mal vertida do francez que Boileau escreveu ao conde da Ericeira, traductor da *Arte poetica*. Parece ser a versão que acompanha a edição da *Arte poetica* de 1818. Seria bom que o snr. B. Branco tambem transcrevesse os periodos das cartas que Boileau escreveu a Brossette, zombando dos versos e do francez do conde da Ericeira. (Vej. *Œuvres complètes de Boileau Despréaux,* Paris, 1819.)

Pag. 376. Traslada do *Magasin Pittoresque de 1843* uma poesia de Fernando de Herrera. Dá-nos a versão franceza, pouco menos de deploravel, em versos deslavados. A não poder copial-a do original, parecia-me preferivel não dar nenhuma poesia nem afrancezar em *Ferdinand* o hespanhol Fernando.

Quem não possue algumas das raras edições do divino Herrera, encontra a *Cancion* III—*A la perdida del Rey Don Sebastian,* no *Tesoro del Parnaso Español* de Quintana, Paris, 1861, pag. 73.

Pag. 387. *Histoire secrète de D.* (aliás *Dom)*

Antoine, roy de Portugal, tirée des memoires de Dom Gomes de Vasconcellos Figueiredo (aliás *de Figueredo*). Paris, 1696.

A authora é M.me *Gillop de Sainctonge*. Torna o snr. B. Branco a catalogar a mesma obra com o nome da authora no n.º 1234 do 2.º tomo.

Pag. 402. Holland (*James*) *The tourist in Portugal illustrated from printings*. London, 1839. Esta obra é de W. H. Harrison. As gravuras é que são copiadas das pinturas de *James Holland*. Lá está no frontispicio o nome do author anteposto ao do famigerado pintor. A paginas 432 do 2.º tomo repete-se a mesma obra em portuguez inintelligivel: *O Toristã em Portugal*, attribuida justamente a *Harrison*.

Pag. 617. Diz o snr. B. Branco que Hughes, no poema *The Ocean Flower*, «não se mostra muito admirador» de Castilho. Ou leu com pouca attenção as prosas do poema, ou se fiou no que leu do snr. Pereira Caldas a pag. 43 do opusculo que editou em 1871, chamado *Favores do céo a Portugal*. Ahi diz o snr. Pereira Caldas que o *blasphemo anglicano* desfavorecera injustamente o nosso primeiro prosador e poeta; e depois cita a blasphemia de Hughes que é a seguinte: *The second living writer of Portugal, who appears to deserve the name of Poeta, is Antonio Feliciano de Castilho*. Traducção litteral: *Dos escriptores vivos de Portugal é Anto-*

nio Feliciano de Castilho o que parece digno do nome de poeta. Desconfio que o insigne professor bracharense traduziu o verbo *to deserve* para *desmerecer.* Se alguem blasphema, não é o *anglicano.* Aqui andou falta de diccionario.

Pag. 413. JACKSON (Lady) *Fair Lusitania. A Portuguese sketch Book. By —. With twenty very beautiful full-page Illustrations from photographs.* Está alterado o titulo do livro, que é este: *Fair Lusitania. By Catherine Charlotte Lady Jackson. White twenty illustrations from photographs.* O snr. Bernardes Branco leu provavelmente um annuncio de periodico inglez.

Pag. 419. JURE (*de*) *successionis regis in regno Lusitania, etc.* Middelburgi, 1591.

Esta obra de propaganda a favor de D. Antonio é uma das muitas que escreveu frei José Teixeira, confessor d'aquelle pretendente á corôa. Adiante fallarei d'este celebre dominicano. Como obra de author portuguez é incompetente n'este livro.

Pag. 435. LATOUCHE. (*John*) *Travels in Portugal, etc. London,* 1875.

É pseudonymo de *Oswald Crawfurd,* consul actual de Inglaterra no Porto. É o mesmo viajante que o snr. Bernardes Branco menciona a pag. 524 do 1.º tomo escrevendo *Notes of Travel in Portugal* em o *The new Quartely Review* (aliás *Magasine*). Traslada o author expressões

do viajante em louvor de A. Herculano. Esses louvores desappareceram do livro que Latouche ampliou e denominou *Travels,* etc. Latouche, n'esta 2.ª edição, restringe as suas admirações, e considera Barros e Herculano pouco longe do perfeito estylo historico, *nearly perfecty;* e, pelo que resta de litteratura portugueza, diz que estamos todos influenciados pelo «culteranismo», pelo sentimentalismo e pela rhetorica. Depois conta historias picarescas do Fajardo, e observa maravilhado que os portuguezes não escrevem *cão* sem pôrem uma estrella adiante do *c.* D'ahi procede ter elle lido em uma esquina de Lisboa o seguinte letreiro: «Travessa do olho do c * ». Deve-se isto á superabundancia do nosso sentimentalismo. Vivemos muito das estrellas; e, se necessitamos dizer «*o olho do cão*» dizemos só *c,* e apontamos para o céo.

Entremos no tomo 2.º

Pag. 31. PORTUGALLIÆ, *sive de regis Portugalliæ regnis et opibus commentarius.* Lugd. Batav. 1741. (Commentarios ácerca dos reinos e riquezas de Portugal.)

Cumpre emendar o titulo, o anno da impressão do livro, e a interpretação portugueza: — *Portugalliæ regnis et opibus commentarius.* Lugd. *Batav. Ex officina Elzeviriana,* CIↃ IↃC XLI (1641). (PORTUGAL, *ou commentario dos dominios e poderio do rei de Portugal*).

Este livro devia estar na secção dos traductores porque é uma reproducção latina do escripto *De antiquitatibus* de A. de Rezende, e uma versão litteral de Duarte N. de Leão, de Nicolao de Oliveira, do padre Antonio de Vasconcellos, Pedro de Mariz, Damião de Goes e outros.

Pag. 148. Robinson (I. C.)

Este consultor de bellas-artes do Museu de South Kensington veio a Portugal examinar a antiga escóla de pintura, e escreveu um opusculo, vertido e annotado pelo marquez de Sousa Holstein, notavel conhecedor em bellas-artes. Descobriu Robinson que os quadros da escóla de Vizeu não eram todos de Vasco, porque em alguns descobriu a assignatura *Velasco*. Descobriu tambem que o author do painel de Christo apresentado ao povo, e pertencente a Santa Cruz de Coimbra, se chamava Ovia, porque leu na flammula de uma lança ou quer que seja — OVIA. O marquez de Sousa aceitou o *Velasco* e — o que mais é — o *Ovia,* como se em paiz algum da Europa podesse haver um pintor chamado *Ovia*. Quanto a *Velasco* (aliás *Velascus,* porque a syllaba final, como se acha escripta, designa para os que tem alguma prática de paleographia *us* e não *o* [1]) é o nome

[1] Veja-se o opusculo do marquez de Sousa Holstein *A antiga escóla portugueza de pintura,* etc.

Vasco alatinado; e, se fosse *Velasco,* seria latinamente *Velasquius,* como se lê no epitaphio do famoso *Diogo Velasco da Silva,* pintor de Filippe IV:

D. Didacus Velasquius de Silva
Hispalensis,
pictor eximius, etc. [1]

Pelo que respeita a OVIA, eu, algum tempo, scismei que as quatro letras fossem as iniciaes de uma dedicatoria, a uso romano, como lá se faziam de estatuas, quadros, mosaicos, etc. Poderiam significar *Optimo Viro Incomparabile Amico;* porém, quando soube que as letras, á primeira luz do quadro, se liam n'uma tarja de um dos esbirros do Christo, quiz-me parecer que OVIA fosse uma exclamação como «*ó via,* ó rua da amargura...» E note-se que a peregrinação que eu possuo mais antiga á Terra Santa, por fr. Antonio d'Aranda que imprimiu em 1533 em Alcala a viagem que fizera em 1530, chama ao espaço, que medeia entre a casa de Pilatos e a casa de Kaipha, a *via* santa, que nós cá, ampliando a toda a tragedia da Paixão de Christo, chamamos a *via* sacra.

Por nenhum modo offereço estas considera-

[1] Moreri, tom. 8.º

ções ao snr. Manoel Bernardes Branco para que as aproveite. São presumpções que por emquanto me dispensam de reconhecer o Velasco e mais o Ovia do snr. Robinson.

Pag. 227. Além das obras de *Robert Sowthey* que o author aponta, conheço um prefacio d'elle ao *Amadis de Gaula,* impresso em Londres, em 1803. Sowthey erradamente attribue ao prior do Crato um soneto em honra de Vasco de Lobeira. Este soneto é o 33 dos *Poemas lusitanos* de Antonio Ferreira, impressos em 1598. Veja Ticknor, *Hist. da litt. hesp.,* versão de Magnabal, tom. 1.º, pag. 207, nota 3.ª

Pag. 264. Twiss (*Richard*). O snr. Bernardes Branco conhece o livro da versão franceza: *Voyage en Portugal et en Espagne,* etc. O titulo original é: *Travels trough Portugal and Spain, in 1772 and 1773. By Richard Twiss, Esq. F. R. S. With copper-plates* (seis magnificas estampas), etc. *London, 1775, 4.º gr.*

A versão franceza está inçada de inexactidões. O traductor, quando não percebia, saltava. Tem trechos curiosissimos o original. Twiss apenas encontrou em Coimbra, digno de nota, uns copos e umas caixas curiosas de corno, feitas ao torno, *cups and boxes of turned horn.* O traductor francez omittiu estas galanterias. Não sei como elle traduz uma aldeia da Beira Alta que o inglez chamou *Barilhe.* O snr. B. Branco escreve *Ba-*

richo; mas o seu nome portuguez é *Barril*. Parece-me bom corrigir os estrangeiros que adulteram a nossa geographia, senão elles são capazes de nol-a inventarem toda. Eu fiz o que pude, n'este sentido, nas notas da *Formosa Lusitania*.

Pag. 206. Vie (la) *de Dom Barthelemy des Martyrs... etc. Tirée de son histoire écrite en Espagnol et en Portugais par cinq Auteurs,* etc. A Paris, 1664, 8.° (aliás 1663).

O author ou traductor d'este livro é *Isaac Le Maitre de Saci*. O cap. xvi é uma admiravel descripção da batalha de Alcaçarquebir com bastantes traços de outra identica de Luis Cabrera de Cordoba, impressa em 1619. Menciona o snr. B. Branco uma edição resumida por Caittot (Caillot) de 1825, e outra de 1834. Ora, tendo eu outra edição de 1826, figura-se-me impraticavel tamanha devoção em França pelo nosso arcebispo. N'esta balburdia de versões dá-se a singularidade de um hespanhol, em 1737, traduzir do francez a mesma versão feita do hespanhol, e veio depois o portuguez padre Francisco Alvares Victorio e publicou em 1748 uma traducção de todos os outros. E não pára aqui. O actual arcebispo de Braga encommendou uma nova biographia do seu antecessor a um habil escriptor de Vianna do Castello. Fr. Luiz de Sousa já não serve: está fóra dos processos modernos. Em 1869 imprimiu-se em Monteregali uma *Vita venerabilis Bar-*

tholomei de Martyribus, etc. a *Fr. Joanne Thoma Ghilardi,* bispo Monragalense. 4.° gr.

Estamos no

SUPPLEMENTO E ADDITAMENTOS

Precede-os em italiano uma epigraphe de *João Baptista Marin.* Eu escreveria *Giambattista Marino* que era o nome do poeta napolitano. D'aquelle modo, fica bocado francez, bocado portuguez, e lá se lhe vae a autonomia do nome.

Pag. 389. MARCHE *(Olivier). Palavras do exc.mo snr. Theophilo Braga* — diz o snr. M. B. Branco: «As *Memorias* d'este escriptor francez, »organisadas entre 1435 e 1488, são a fonte mais »preciosa que se póde encontrar sobre as origens »tradicionaes das *Quinas portuguezas*. Podem-se »consultar na *Collection complète des Memoires »relatifs à l'Histoire de France, par Petitot,* tom. »IX, 2.ª serie, pag. 107. É para admirar que na »celebre polemica sobre o milagre de Ourique ne»nhum dos contendores se lembrasse de interpre»tar um texto tão importante». Até aqui o professor T. Braga.

O que muito é para admirar é que o snr. Theophilo Braga não visse largamente interpretado o importante texto por Alexandre Herculano em um dos seus opusculos de polemica intitulado

Solemnia verba (II), por causa do milagre de Ourique. Veja o tomo 3.º dos *Opusculos* do grande historiador desde pag. 150 até 154. Além d'isso, o texto já estava d'outro modo interpretado pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo desde 1786. Veja *Novos testemunhos da milagrosa apparição de Christo Senhor Nosso a el-rei D. Affonso Henriques,* etc. Diz o snr. Theophilo que Olivier de la Marche organisou as suas *Memorias* entre 1435 e 1488. Ora, Olivier de la Marche nasceu em 1426, segundo Petitot. Começou pois, segundo Theophilo, a organisar *Memorias* aos nove annos. Seria um prodigio; mas é apenas uma leviandade do senhor doutor. O proprio de la Marche diz: «Começo a escrever aos 66 annos de minha vida». Era em 1492, e morreu passados dez annos. Se o famoso professor e reformador dos estudos historicos lêsse A. Herculano, de certo não desacertaria em tantas coisas simultaneamente. O snr. Braga escreve por palpite. E por estas e por outras, quando o snr. Cunha Seixas me diz que o snr. Theophilo é *um dos nossos mais conspicuos escriptores e uma das mais elevadas e robustas intelligencias da Peninsula,* desconfio que o snr. Seixas está a desfrutar-me. Mau gosto. No entanto, parece-me que o snr. Branco, na 2.ª edição da sua obra, deve expungir o bilhetinho do snr. Theophilo.

Pag. 400. Entra o snr. Bernardes Branco,

apoiado no snr. Theophilo, com desusada acrimonia, na nacionalidade do Amadis de Gaula contra a opinião do snr. Amador de los Rios e Pascoal Gayangos que duvidam da existencia do original de Vasco de Lobeira na bibliotheca do duque de Aveiro. Não entro n'esta questão, e tomo para mim o conselho que o snr. Bernardes Branco dá com bastante energia ao snr. Amador de los Rios: «Quem não está habilitado para tratar de certos assumptos não se metta n'elles.» E é assim.

Pag. 402. Mestschherski (*le prince Elim*). Dá o snr. Bernardes noticia d'um drama intitulado *Camões,* e escripto em francez por aquelle principe russo. Informaram-no de que um dos personagens que figuram na agonia de Camões no hospital se chamava D. José Quebedo Castel-Branco. O personagem diz primeiro que é José Castel-Branc de Viade, e é pai de *Peres,* author do *Affonso Africano,* poema de Quevedo. Tinha direito á rectificação esta tolice russa de origem germanica.

Pag. 403. Monsieur M***. *Voyages faits en divers temps, en Espagne, en Portugal, en Allemagne, en France et ailleurs. Por —. Amsterdam, chez George Gallet, 1699, 8.°, 595 pag. com estampas.*

Este titulo contém duas inexactidões. Foi impresso o livro em 1700, e tem 295 pag. Lapsos

typographicos, de certo. O snr. Branco traduz alguma cousa sobre igrejas, casas, costumes maus das mulheres, e termina dizendo: «que esta viagem póde dar alguns esclarecimentos ácerca do modo de viver de D. Pedro II e de sua mulher D. Maria Francisca Isabel». Pois é isso justamente o que eu traduziria. A impressão banal que lhe causaram as casas e a falsa escravidão e velhaca perfidia das mulheres casadas importa menos que as alegrias da rainha nas touradas e nos bailes quando o rei, seu primeiro marido, estava preso no castello da ilha Terceira. O viajante esteve em Lisboa em 1670.

Pag. 436. ALARCON *(D. Antonio Soares de). Relaciones genealogicas de la casa dos marqueżes de Trocifal, condes de Torres Vedras.* Madrid, 1586, fol.

O livro foi impresso em 1656. O author portuguez, e primogenito da casa cuja genealogia escreve, é por tanto incompetente n'esta obra. Aquelles titulos de Trocifal e Torres Vedras estão hoje em Hespanha no duque da Victoria. Tem este livro curiosas noticias a respeito do prior do Crato.

Pag. 471. BARRAULT (*Sulpice Gaubier*). *La mort d'Inez de Castro pour servir d'essai a une traduction française en vers et complète de ce fameux pöeme portugais. Ouvrage dedié et presenté au roi le 6 de juin 1735, jour de la nais-*

saince de Sa Magesté, par... Major de la Place de Lisbonne. De l'Imprimerie Royale, 1752.

Não era regular que se imprimisse em 1752 um livro para ser offerecido ao rei em 1735. O titulo está adulterado. Innocencio transcreve-o um pouco mais correcto, e inculca a raridade do opusculo; mas faz nascer D. José I em 1872, e faz que *Barrault* se proponha a traduzir em verso *La mort d'Inez de Castro et Adamastor,* ellipsando um ponto e virgula entre Adamastor e Castro. A obra foi apresentada a D. José em 6 de junho de 1772. Não tem data de impressão.

Pag. 491. Dando a lista das edições das *Lettres d'amour d'une religieuse portugaise écrites au chevallier de C.,* etc. conclue o snr. B. Branco: «Hoje está provado até á evidencia ser esta obra originalmente portugueza». Eu por mim pendo um tanto á evidencia do contrario. Reproduzo a opinião que já escrevi a este respeito: J. Jacques Rousseau apostava que as cartas da religiosa haviam sido escriptas por um homem, e nós tambem apostamos por diversas causas das do philosopho das *Confissões.* Elle refuta que mulheres escrevam d'amor tão sentidamente; nós impugnamos que em 1663, no periodo de D. Bernarda Ferreira de Lacerda e soror Violante do Céo, uma senhora escrevesse n'aquelle estylo parco, natural, desenfeitado, desluzido do ouropel do tempo. As nossas duvidas assentam na for-

mação e não tem que vêr com a esthetica das amorosas suavidades da entranhada saudade que chora n'essas cartas. O torneio, a indole, a contextura da phrase recende as olorosas meiguices do genero epistolar francez. Se o morgado de Matheus e Francisco Manuel do Nascimento deram ás cinco cartas chamadas authenticas um boleio de sabor classico, ainda mais lhe prejudicaram a contrafeita origem, porque na segunda metade do seculo XVII aquellas fórmas estavam esquecidas.

Eu devêra ter aspado estas linhas e dar a opinião de A. Herculano que, consultado por Lopes de Mendonça, foi de parecer que *as cartas são originalmente escriptas em francez e dava pouco credito á tradição que as attribue a uma religiosa portugueza.*

Como quer que seja, o snr. Bernardes deve ter assentado a sua opinião contraria em argumentos fortes.

Segue a noticia das obras de portuguezes traduzidas. Devem incluir-se todos ou alguns volumes dos sermões de *Diogo de Paiva de Andrade,* trasladados a hespanhol por Benito de Alarcon. Em francez está traduzido e impresso em Lião em 1565 um dos X livros que elle publicou em Colonia em 1564, com o titulo *Orthodoxarum Explicationes Libri* X. O livro vertido é uma defeza da Companhia de Jesus. Diogo de Paiva grangeou grande sympathia entre os protestantes

por ter escripto nas *Explicationes orthodoxæ*... que *os philosophos que se esforçaram por conhecer o Deus verdadeiro e honral-o religiosamente tiveram a fé que aviventa o Justo*... *E que seria a maxima crueldade condemnar ás penas eternas homens porque não tiveram uma fé que lhes era inaccessivel.*

Leibnitz em contenda com Pellisson cita com frequencia Diogo de Paiva de Andrade.

De *Pedro Nunes* escreve largamente *Millet Decharles* no prefacio de *L'Art de naviger*, dando as theorias do celebre mathematico portuguez na sua *De Arte navigandi.*

Pag. 522. R. R. *Delivrance (la) et le retablissement du royaume de Portugal, traduit du latin de l'illustrissime archevêque de Lisbonne par —. Rouen*, 1648, 12.

Segue depois como obra do mesmo traductor *Lusitania vindicata.* Aqui ha confusão. *Lusitania vindicata* é a obra do arcebispo D. Manoel da Cunha traduzida para *La Delivrance*, etc. e citada pelo snr. Branco a pag. 530. É manifesto erro de imprensa a data de 1863.

Pag. 537. Almada (*Francisco de*). *Gesta proxime per Portugalenses in India, Æthiopia, et aliis orientalibus terris ab Emanuel Portugaliæ rege ad Episcopum Portuensem cardinalem Portugaliæ missa. Norembergæ, 1507.*

O snr. Bernardes Branco não reparou que

Francisco de Almada é aqui o traductor de uma noticia *enviada por D. Manoel rei de Portugal ao Bispo Portuense, cardeal de Portugal, das façanhas* (gesta) *praticadas pelos portuguezes,* etc. O cardeal de Portugal era o chamado de Alpedrinha D. Jorge da Costa. Chama-lhe bispo Portuense, não porque elle fosse bispo do Porto, em Portugal; mas porque ha ou havia uns bispados em Italia em que eram providos os cardeaes: taes eram o Albanense, o Tusculano, o *Portuense* e o de Santa Rufina. (Veja-se *Jorge Cardoso, Agiol. Lusit.* tom. 2.º, pag. 116, e *Mem. da Acad. das sciencias de Lisboa* T. VIII (1823), p. 1, pag. 157.) Este artigo é tambem incompetente na obra, porque o livro é d'um portuguez, e o traductor portuguez é tambem.

Existe uma versão italiana de um rarissimo opusculo de *Antonio Barbosa Bacellar,* intitulado *Relação diaria do sitio e tomada da forte praça do Recife,* etc., Lisboa, 1654, 4.º A versão italiana é: *Relazione dell'insigne vitoria ch'i Portughesi riportarono degl' Olandesi nello stato del Brasile, etc.*

Pag. 564. *Fuora velhaco. C'est a dire la liberté de Portugal,* etc. *Traduit de la langue castellane en langue française. Imprimé nouvellement.* 1641.

O snr. Branco diz, informado pelo snr. Tullio, que o author d'esta obra foi o padre fr. José

Teixeira, o qual n'esta versão franceza apparece debaixo do pseudonymo *Le pelerin Espagnol, persecuté du temps et de la fortune.*

Não são perfeitamente exactas as informações do snr. Tullio, se as deu assim — o que me parece duvidoso em sujeito versadissimo n'estes assumptos. Deter-me-hei, a pezar do leitor, com o padre dominicano José Teixeira. Seguiu D. Antonio, prior do Crato, para França, e aqui foi esmoler e prégador do rei, confessor do principe de Condé e da princeza sua mãi. Publicou em 1582 um *Compendium de Portugalliæ ortu, regni initiis, rebusque á regibus gestis* [1]. Refutou-lhe o escripto, por ordem de Filippe II, Duarte Nunes de Leão, hebreu portuguez a quem o monarcha intruso galardoou generosamente. Replicou fr. José Teixeira em 1592 com um livro: *Confutatio nugarum Duardi Nonii Leonis et aliorum qui Portugallæi regnum Philippo Castellæ Regi jure hæreditario obvenisse contendunt, et Antonii veri Portugalliæ Regis jus vellicare* [2].

---

1 Encontra-se trasladada para francez esta justificação dos direitos de D. Antonio no livro *Excellent et livre discours du droit de la succession etc.*, impresso em 1607, desde pag. 1 até pag. 115.

2 Em seguida á transcripção d'este livro (pag. 286, T. 1.º) o snr. M. B. Branco acrescenta: «Que pena o não possuirmos um trabalho perfeito ácerca da biographia

Escreveu tambem ácerca da genealogia de Henrique IV em 1594, e do principe de Condé em 1596; e n'esta segunda obra reimpressa em 1598 conta o frade as cerimonias observadas quando a princeza de Condé abjurou o calvinismo. Bayle, no seu *Dictionaire historique et critique,* exhibe o texto latino e a versão de uma engraçada passagem que então se deu e fez rir os protestantes e os scepticos como elle [1]. Escreveu em 1602 um livro chamado *Adventure admirable,* etc. em que tenta demonstrar que o calabrez preso em Veneza dous annos e vinte e dous dias era Dom Sebastião. O seu livro, porém, mais hostil a Filippe II é um que, sem nome, appareceu em 1597, com o titulo em francez de *Traité parenetique par un Pelerin Espagnol battu du temps e persecuté de la fortune,* fol. Ou n'este livro ou

---

d'este varão (D. Antonio) um dos vultos europeus mais notaveis do seu tempo!» Se o admirador de D. Antonio quizer escrever-lhe a biographia, e lhe estudar com pausa e sem paixão as aventuras de certo voltará do avêsso a sua opinião actual. Portuguezes maiores, incomparavelmente maiores que o prior do Crato são todos os que o symbolisaram na patria e por elle e por amor d'ella morreram, desde D. Francisco de Portugal impropriamente chamado *conde de Vimioso*, até ao mais baixo petintal de Alcantara.

[1] Na edição de Amsterdam, 1734, fol. Tom. v, pag. 319.

no pulpito dizia o padre que «devemos amar os crentes de todas as religiões, seitas e nações, sem excepção dos hespanhoes». Dralymont põe notas de sua lavra ao livro, e mostra-se grande admirador de fr. José Teixeira de quem diz: *personnage aujurd'huy forte renmomé en l'Europe, et conu de tous les Princes d'icelle, tant ecclesiastiques que seculiers, et singulierement en France, ou les plus grans du royaume et tous hommes d'honneur l'aiment et voyent volontiers, a cause de son honneste conversation, bonnes mœurs et singuliere doctrine, comme l'un des plus accomplis en la connaissance de l'Histoire et prosapie des Grands, que se puisse trouver, etc.*

O livro commentado por Dralymont foi reimpresso em 1641 com o titulo que nunca tivera de *Fuora villaco. C'est a dire, la liberté de Portugal.* Não é, pois, exactamente perfeita a supposição de que *Fuora villaco* haja sido o titulo primordial da objurgatoria do frade.

Diz Bayle que fr. José Teixeira morrera em 1602; mas Pierre de l'Estoile dá-o fallecido em Paris no convento dominicano em 1604. O confessor de D. Antonio tinha nascido em 1543, professára em 1565, e em 1578 era prior do convento de Santarem. Bandeou-se com os sectarios de D. Antonio, buscou-o em França em 1582, ficou prisioneiro no desbarate da ilha Terceira em 26 de julho do mesmo anno, e carregado de ferros foi

mandado a Lisboa. Pôde fugir para França, onde o prior do Crato o nomeou seu confessor e capellão. Em 1586 estava em Inglaterra com D. Antonio, em 1588 demorava outra vez em França, e n'este anno foi enviado pela rainha a Lyão, onde os da Liga o maltrataram queimando-lhe os livros. Dedicou-se a Henrique IV que o fez seu capellão. (Veja BAYLE, *loc. cit.;* MORERI, *El gran Diccionario historico,* tom. VIII, pag. 149; NICOLAO ANTONIO, *Bibliot. Hisp.;* ECHARD, *Scriptores ord. pred.* T. 2.º)

E, visto que citei *Bayle,* e *Moreri,* nomes que faltam n'este catalogo dos estrangeiros que escreveram largamente de cousas e pessoas de Portugal, indicarei ao snr. M. Bernardes Branco mais outros livros que devem substituir alguns que indevidamente se inscreveram na sua obra.

Quando nos falla de M.elle *Flaugergues,* collaboradora do periodico francez *L'Abeille,* que se publicava em Lisboa por 1836, esqueceu-se de que a maviosa poetisa traduziu *L'Antre de Viriate* de Garrett a quem endereçou os elogios que o mesmo Garrett, com a costumada modestia, reproduziu a pag. 232 das *Flôres sem fructo,* edição de 1858. Nas *Excavações poeticas* de Castilho lêem-se bons pormenores e bons versos d'esta senhora que desde 1836 até 1839 esteve em Lisboa. Não sei o que ella, além dos versos, fazia em Portugal. George Sand n'um livro impresso

em 1877 e intitulado *Dernières pages,* diz que Pauline Flaugergues fôra para Lisboa no mesmo anno em que o pai lhe morrêra, sem lhe deixar recursos. *Pourquoi est-elle ainsi exilée?* — pergunta Sand. — *Probablement elle cherche dans le travail des moyens d'existence. Peut-être a-t-elle songé a se faire religieuse.* Quanto a religiosa, não me parece, quando o snr. Castilho nos conta nas *Excavações* que ella se dava a uma alegre convivencia de salão com Garrett, Herculano, Mendes Leal, Manoel Passos, Fonseca Magalhães, Seabra, Marreca, Silva Tullio, etc. Não quero dizer que estes convivas a desafervorassem dos projectos seraphicos; mas, em 1839, não se faziam freiras em Portugal: as que estavam feitas desfaziam-se. Voltou para França a laureada authora de *Clemence Izaura,* e obteve do Estado uma pensão vitalicia. Em 1850, já em annos decadentes, vivia amorosamente com o escriptor Henri de Latouche, que morreu em 27 de fevereiro de 1851 e lhe legou *son ermitage et tout ce qu'il contenait.* E George Sand acrescenta: *Elle vá vivre là silencieuse et calme, car tout lui rapelle celui qu'elle a tant aimé.*

Quando a celebre romancista escrevia estas notas em 1872, M.elle Flaugergues, com mais de sessenta annos, ainda vivia no herdado eremiterio de Henri de Latouche.

Está o snr. Bernardes Branco enfastiado d'es-

tas bugiarias litterarias que tresandam ao *demi-monde*. Vamos entrar pelos livros ponderosos e de cunho.

Montaigne, por exemplo. Aqui tem um que merecia ser lembrado no seu catalogo. No meu exemplar, edição de Genebra de 1779, tenho notadas as seguintes passagens: No 2.º tomo a pag. 125, dá-me noticias de *André de Gouvea*. A pag. 303 explica-me um caso que ha dias me referiu um vigoroso collaborador do *Diario Illustrado*, o snr. Fernandes Costa, creio eu, a quem dedico, sem sombra de lisonja, uma sincera admiração pelos seus provados talentos. Como eu tivesse maculado a memoria de Affonso de Albuquerque, agramente arguido de barbaro pelo bispo Osorio (*De rebus Emanuelis*, versão do padre Francisco Manoel do Nascimento, tom. 2.º, pag. 100), o redactor referido remetteu-me a João de Barros, Decada 2.ª, liv. 7.º, cap. 1.º, onde se lê este successo em favor da piedade do vice-rei da India n'um naufragio: «Affonso de Albuquerque... sómente salvou uma menina filha de uma escrava sua, que lhe veio ter á mão dizendo que pois aquella innocente se viera pegar a elle por se salvar, que elle tomava a innocencia d'ella por salvação: e estando sempre em pé, elle a teve nos braços sem salvar outra cousa de quanto despojo das riquezas de Malaca vinham n'aquella nau.»

Miguel Montaigne responde a isto do seguinte theor: «*Albuquerque, Viceroy en l'Inde, pour Emmanoel Roy de Portugal: en un extresme peril de fortune de mer, print sur ses épaules un jeune garçon* (errou-lhe o sexo), *pour cette seule fin qu'en la societé de leur peril, son innocence luy servist de garant et de recommandation envers la faveur divine, pour le mettre à bord.* Parece pois que Albuquerque, não sentindo em si contra as coleras do céo o rijo arnez da boa consciencia, lançou mão da criança inculpada. Era a superstição dos que se escondem de Deus atraz da innocencia das crianças.

Tornando aos *Essais* de Montaigne, no tomo 3.º, falla de D. João 2.º, de D. Manoel, dos judeus, e da Companhia de Jesus. No tomo 4.º da expedição franceza aos Açores a favor de D. Antonio, e do assalto dos portuguezes a uma cidade, de cujos baluartes fugiram mordidos pelas vespas. No tomo 6.º diz cousas sabidas, mas bem contadas da batalha de Alcaçarquebir.

E ao proposito d'esta batalha, e dos factos anteriores e posteriores, até á fuga do prior para França, é dignissimo de nota o 3.º tomo de *La Historia Pontifical,* por Luiz de Bavia, impresso em 1609; e, com referencia á restauração de 1640, é igualmente instructiva, e pouquissimo apaixonada, a 6.ª parte da mesma *Historia Pontifical* escripta por D. Juan Banos de Velasco, impressa em 1678.

É outro sim digno de menção *D. Luiz de Salazar y Castro* no *Indice de las glorias de la casa Farnese,* etc. Madrid, 1716, fol. Desde pag. 397 até 433 pretende e consegue, sem grande esforço, destruir a tradição das côrtes de Lamego, e principia d'este theor para demonstrar os direitos violados da casa Farnese a Portugal: *Yo entendo... que no huvo cortes de Lamego, y que el fragmento que del Archivo del Monasterio de Alcobaça llegó a las manos de Fr. Antonio Brandão es supuesto y fabricado quando la infelis muerte del Rey D. Sebastian empezó la disputa de la succession... etc.*

Fr. Antonio Brandão acreditava tanto no documento das côrtes de Lamego como Salazar y Castro. Veja o que diz Fr. Antonio Brandão, no 3.º tom. da *Mon. port.,* L. 10, C. XIII. Todos os demais livros genealogicos de Salazar y Castro intendem com negocios de Portugal.

É raro e curioso um livro de *Juan Luis de Rojas,* impresso em 1613, 8.º, intitulado *Relaciones de algunos sucessos postreros de Berberia. Salida de los Mouriscos de España e entrega de Alarache. Dirigidos a Don Fernando Mascarenhas Cavalleiro de la orden militar de Christo.* Trata largamente de Ceuta e das façanhas do marquez de Villa Real, de D. Affonso de Noronha e outros sustentaculos da gloria portugueza de Africa «onde até mais tarde luziu o astro do puro,

nobre e desinteressado esforço portuguez, convertido na Asia em cubiça sanguinaria de mercadores». *A. Herc. Advert. preliminar aos Annaes de D. João III.*

Deve entrar na lista dos estrangeiros que escreveram de Portugal La Harpe, que fez o *Abrégé de l'Histoire générale des voyages,* em 24 tom. in-8.°, Paris, 1816. No 1.° tom. trata da primeira expedição dos portuguezes á India e Africa; do descobrimento de Cabo Verde; e do commercio com os arabes; no 3.° da entrada e estabelecimento dos portuguezes na China, e no 6.° volta largamente ao mesmo assumpto.

Mas sobre a India portugueza ainda não vi mais interessante expositor que *The history of Christianity in India from the commencement of the christian era. By the Rev. James* Hough. London, 1839, 2 tom. em 8.° gr. O author é protestante; mas curva-se respeitosamente diante do apostolo Francisco Xavier, e horrorisa-se da inquisição de Goa, sem se demasiar em exclamações injuriosas a D. João III nem aos papas.

A respeito de D. Sebastião e das reformas que elle fez na ordem benedictina repondo-a no antigo esplendor, convém que se conheça a *Historia monastica di D. Pietro* Ricordati dedicada *Al Serenissimo, e Potentissimo Re di Portogallo* (D. Sebastião), impressa em Veneza em 1575, 4.°

Por varias razões o monge dedica ao neto de

D. João III o seu livro; e, citando a primeira: *havendo io per ispazio di forse venti anni, che ho consumati in comporre questa mia opera, letto, e riletto molte historie universali, e croniche de diversi paesi, ho trovato in esse molte segnalate, gran vittorie, ottenute per favor divino contra o nemici del nome di Christo, in Affrica, nell'Etiopia, nell'Indie, et in molte Isole del mondo nuovo, non solo da V. M. ma ancora da gl'antenati suoi, e particolarmente difendendo la parte nostra contra l'empia setta di Maoemetani,* etc.

Este frade era melhor escriptor que propheta, e não me parece que Deus lhe désse grande importancia aos rogos. No remate da dedicatoria dizia elle ao rei acutilado tres annos depois em Africa: *baciãdo gli riverentemente la Regia mano, faro fine; pregãdo Iddio che si come gl'ha concesso d'agguagliare la grãdezza, e felicita de' maggior Re del mõdo: cosi gli cõservi il Regno quieto, e pacifico in molti secoli, e accresca gl'anni suoi in lunga eta.*

E' igualmente apreciavel a *Historia delle guerre civili d'Inghilterra, Catalugna, Portogalle, Palermo,* etc. pelo conde *Majodim Buaccioni,* Veneza, 1655, 4.°

Nas *Memoires historiques*, etc. do Cavalheiro de Oliveira vem inscriptas as seguintes obras anonymas de estrangeiros ácerca de Portugal:

—*De successione Regni Portugalliæ Disser-*

tatio Jundico Authore R. H. Juris civilis Doctores Anglo.

— *De l'origine des Rois de Portugal.* Paris, 1612, 1614, 4.°

— *Le Prince vendu, ou Contract de Vent de la Persone du Prince libre e innocent D. Edouard infant de Portugal.* Paris 1643, 4.°

— *Manifeste du Royaume de Portugal, Delf,* 1641, 4.°

Devem ser muito curiosas as *Lettres de Monsieur de Voiture* (o celebre poeta) impressas em *Bruxellas* em 1677, 8.° Chama elle a Lisboa aonde esteve — o *paiz da Marmelada*, e diz que tem uma *maitresse* mais dôce que a marmelada; e não obstante, apesar de tanta doçura, suspira por fugir de Lisboa como se estivesse na Noruega. Isto foi escripto ha uns 250 annos. Voiture que Moreri, Bayle e Bouillet diziam ter vindo a Hespanha enviado diplomaticamente ao conde-duque de Olivares, estava, em 1634, em Lisboa, na qualidade de agente secreto de Luiz XIII para instigar o duque de Bragança a fazer-se acclamar rei.

São dignas tambem de notar-se as *Negociations relatives à la succession d'Espagne*, por MIGNET, citadas com frequencia pelo visconde de Santarem no *Quadro Elementar*, T. 4.°, 2.ª P. E bem assim: *Don Antoine, Roi du Portugal. Son histoire et ses monnaies. Bruxelles,* 1868.

Merecem nota:

— Testamento politico del marchese de Pombal o sieno ultimi istruzioni al conte d'Oeiras suo figlio trovate tra i suoi manoscripto. Italia, 1782, 8.º

— Al nostro S. Padre Alessandro Settimo in torno al provedimento de' vescodavi vacanti nella corona di Portogallo. Il dottor D. Francesco Ramo del Manzano. In Madrid, 1661, fol.

— Memorial ajustado entre D. Carlos de Bourbon e D. João VI Rey de Portugal. Madrid, 1821. fol.

— *The Lisbon Guide or an Historical and descriptive view of the city of Lisbon and its environs, etc. Second edition.* Lisbon, 1853, 8.º Com 7 estampas e muitas tolices. No artigo «litteratura» especialisa na mystica frei Alexandre de Gusmão, e na poesia lyrica frei Manoel de S. José, que o leitor e eu conhecemos tanto como a frei Alexandre. Não tem noticia de Herculano; mas sabe que um dos primeiros historiadores portuguezes é Paes Veigas (*Viegas,* talvez). Ouvi dizer que era padre o author do livro; conheceu Castilho e escreve-lhe largamente a biographia. Nas descripções é exacto e noticioso.

PUFENDORF escreveu em allemão e publicou em 1686 a *Introducção á historia dos principaes Estados da Europa.* Está vertida em francez. No tom. 1.º, liv. 3, trata da lucta do prior do Crato com Castella, e especialmente da conquista dos

Açores pelo marquez de Santa Cruz, cujos triumphos desconsidera por não ter soffrido resistencia o general hespanhol.

Direi agora, e por ultimo, que livros devem ser excluidos da obra do snr. Manoel Bernardes Branco por serem alheios a todas as quatro secções em que a dividiu.

Pag. 354, tom. 1.º *Giov. Gioseppe di Santa Thereza:* era portuguez, e escreveu em italiano. Diz o snr. Branco que este nome é a unica excepção á regra estabelecida de não tratar senão de obras compostas por estrangeiros.

Aqui está outra excepção:

Tom. 2.º, pag. 454. Morelli. É pseudonymo de fr. Fulgencio Leitão, que escreveu em hespanhol.

Outra excepção, Tom. 2.º, pag. 436:

Alarcão (*D. Suares de*). Era portuguez, que escreveu em hespanhol.

Em traductores. Tomo 2.º, pag. 493:

Deve ser tambem excluido dos *Traductores*, pag. 458, T. 2.º A Costa *Christoval* como traductor do *Tratado de las drogas*, etc. *Christovão da Costa* era portuguez, e escreveu em hespanhol.

Figuier (*Bernardo*). Era portuguez e traduziu para francez as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto.

Almada (*Francisco*) de que já fallei diffusamente.

Não se nos depára a razão de se acharem na lista dos escriptores que trataram de Portugal *Antonio de Guevara,* pag. 360, e *Talassi,* a pag. 429 do 2.º tomo. O primeiro offereceu a D. João III o seu *Libro llamado de privados y doctrina de cortisanos;* o segundo dedicou a D. João, principe do Brazil, o seu poema *L'olmo abbatuto* que não vi; mas penso estar no caso de *Guevara.*

A dedicatoria dos dous livros aos soberanos portuguezes não me parece que seja razão bastante para que Portugal se considere bem ou mal tratado pelos dous authores.

A franceza Elisa Loeve Weimar, citada a pag. 312 do 2.º tomo, nada escreveu a respeito de Portugal. Publicou 3 ou 4 numeros de um jornal francez, no Porto, 1849; mas, tirante noticias de theatro lyrico, os restantes assumptos eram apreciações de livros inglezes e francezes.

Deve tambem ser excluido o n.º 392 da pag. 549 dos Traductores: Menezes *(Diogo de Mello y), Rebelion de Zelian,* y progressos de su conquista en el goberno de D. Constantino de Sáa e Noronha, 1648.

Aqui ha tres inconveniencias: 1.ª o titulo alterado; 2.ª o anno da impressão em 1648, devendo ser 1681; 3.ª ser o author portuguez que escreveu em castelhano, e não deve por tanto entrar na lista dos traduzidos.

Parei finalmente, e felicito a paciencia de quem

me acompanhou até aqui. Resta-me asseverar ás pessoas estudiosas que *Portugal e os Estrangeiros* é obra de incomparavel utilidade, ainda mesmo para os possuidores de variadas riquezas bibliographicas. Ninguem possue conjuntamente as raridades noticiadas n'estes abundantes catalogos. Aqui se nos depararam versões completas de livros estranhos, umas do snr. Bernardes Branco, outras de Meira e mais alguns traductores que as malbarataram no jornalismo; e estas por lá se iriam á voragem das mercearias, se o laborioso collector as não perpetuasse em livro. Fez o snr. Manoel Bernardes Branco um notavel serviço ás letras nacionaes. Não me capacito que da opinião de estranhos nos advenha grande gloria; mas com estes livros poderemos responder aos que lá fóra nos perguntam se somos hespanhoes, quando lhes dizemos cheios de rubor que somos portuguezes. E, se ainda assim, nos não derem a autonomica importancia assás assignalada nos dous tomos da excellente obra, contem-se-lhes, para os aviltarmos, as proezas dos doze de Inglaterra e as façanhas de Lopo Barriga.

GALERIA DE FIGURAS

PORTUGUEZAS

POR

L. A. PALMEIRIM

TAINE diz: «O livro é uma serie de phrases que o author profere ou faz proferir aos seus personagens».

O orador Alfredo Ansur define melhor: «O livro é a carne da idéa».

Mas ha livros que são a idéa da carne. Alguns d'estes tem sahido do seio da nossa mãi patria, matrona austera que serodiamente se sahiu com filhos espurios. São uns livros cheios das variadas Venus, excepto a *Urania* que é casta, e a *Cloacina* que é limpa. Quando as deusas eram tantas em Roma que já não havia para todas um

emprego decente, nomeou-se uma divindade para superintender na limpeza das latrinas. Os sacerdotes pagãos deram este cargo a Venus que por isso se chamou *Cloacina*. Não sei como a mãi do Amor desempenhava este officio; as actas dos edís romanos não nos deixaram noticias satisfactorias; é de crêr, porém, que ella, apesar da falta de habilitações chimicas para combater os acidos nocivos á respiração, aceitasse o emprego fiada na maxima de que Sancho-Pansa depois se serviu, quando requereu o governo da ilha Barataria: «quando Deus nos dá os empregos tambem nos dá capacidade para os exercer.»

O christianismo demittiu esta Venus, a unica verdadeiramente hygienica e salutifera. As outras ficaram apenas suspensas como indecentes, durante a idade média, mas reappareceram radiosas com a Renascença, secias, despeitoradas e desnalgadas como Ovidio e Propercio as inculcavam aos argentarios. Em Portugal foram recebidas no Cimo da Cotovia, na Arcadia, nas Assembléas litterarias, e no gremio de algumas familias de vida pagan; mas trajavam decentemente, excepto uma que Luiz de Camões apresentou ao Gama na ilha dos Amores, e ás meninas que tem no seu cêsto de costura uma edição dos *Lusiadas* de seis vintens não castrada pelo snr. conselheiro Viale. Em completa nudez, porém, nunca ousou apresentar-se a esposa do olympico ferreiro senão

agora em Portugal, de braço dado com rapazes da sociedade de fina raça.

E d'estas mancebias, que parecem commentarios justificativos de Petronio, resultaram os livros que formam a antithese da rica definição de Alfredo Ansur. São a Idéa da Carne.

Principiava eu a desesperar de lêr em portuguez cousa moderna que podesse chamar-se um livro de espirito, quando Palmeirim, que eu deplorava invalidado pela preguiça, me sahiu de casa de Ernesto Chardron com o aprumo juvenil e os rubros sorrisos dos que aos vinte e cinco annos se encostavam aos extinctos frades do Chiado para examinarem com a luneta petulante as «figuras portuguezas». Quem conhecer Palmeirim com alguma intimidade gosará em dobro lendo-lhe o livro, porque, ao mesmo tempo, o está imaginando com o seu riso caustico e a sua verbosidade variadissima de tonalidades comicas, pintando-lhe os fastos grotescos do *Feliciano das seges*. Não sei se a escripta lhe desluz um pouco os realces da palavra. Alguns narradores tem de commum com os principes da tribuna as vantagens do gesto, o accessorio da estatuaria, o timbre da voz, a radiação da apostrophe, a scintillação das ironias, tudo em fim que apenas resalta no livro, e que o leitor de imaginação canhestra não póde idealisar senão aleijando os vultos e estropeando a pontuação do discurso ou do conto.

Luiz Palmeirim, se em Portugal houvesse auditorios, devia andar de provincia em provincia como o opulento Dickens, lendo as suas *Figuras portuguezas* aos figurões portuguezes.

Que effeito, se elle n'uma assembléa de provinciaes, dados ao anglicismo do *meeting*, mas incorruptiveis na prosodia moura, entrasse e lêsse o seu *Politico!* Com que deleite elles escutariam de orelha fita os louvores da sua dedicação aos interesses publicos da Europa e de Santo André dos Mariolas! A pag. 189 das *Figuras* leria Palmeirim:

«Quando um homem qualquer não tem que fazer, e receia por um resto de pudor passar por vadio, mette-se a politico. Ser politico em Portugal significa fallar no orçamento e não o lêr, na Carta constitucional e não saber onde ella se vende; no poder executivo, e confundil-o com todos os outros poderes, menos com o proprio poder executivo. Para se ser politico, precisa-se: primeiro, audacia; segundo, ignorancia; terceiro, ociosidade. Com estes tres predicados, e a leitura de alguma folha politica, e o conhecimento pessoal de dous ou tres homens que já foram ministros, está o politico feito.»

No circulo onde estou escrevendo estas linhas, como Apelles pintava os seus paineis «para a posteridade», um politico faz-se com elementos mais ordinarios. Os mais graúdos não conhecem dous

ou tres sujeitos que fossem ministros: conhecem apenas o barão, o visconde, o conselheiro que Palmeirim por força havia de ter no seu auditorio, salvo se fizesse a sua leitura em Barroso — terra alta e fria onde não vegeta a violeta modesta, nem a amendoeira, dôce sorriso de abril, nem o barão, exuberancia verdejante de maio. Mas fóra de Barroso, Palmeirim encontraria barões, conselheiros e viscondes sobre quem espargir as seguintes perolas.

Ao barão as de pag. 30:

«Como é que o marçano de duas decadas atraz, soube apanhar de salto o diploma nobiliario, e pôr quasi em seguida em confronto audaz a cutis gretada e pardacenta com a alvura dos arminhos do manto senatorio? É discreta a curiosidade da pergunta. O barão não é completamente um parvo como ao principio se acreditou, quando os primeiros ministerios constitucionaes punham o typo em circulação, a troco de um emprestimo com usura feito ao governo, ou da compra urgente, mas ainda então arriscada dos bens dos conventos. Simplesmente ignorante e sinceramente fatuo, o barão não nasceu como o poeta, nem se fez como o orador: deixou-se fazer como uma necessidade do thesouro publico, sabendo que ia arcar com os sarcasmos dos jornalistas, e substituir no theatro a reproducção estafada dos melhores typos de farça nacional .....

«Em familia, o barão desfivela a mascara, e apparece na rustica nudez dos tempos em que jogava o gamão na botica, e punha a mira de todos os seus desejos em figurar na procissão do Corpo de Deus como vereador municipal.....

«É ainda pelo joanete, sem fórma geometrica conhecida, que o barão denuncía as torturas por que passou, ao querer ageitar um pé desenvolvido em liberdade ás barbaras exigencias de um bute de polimento».

O visconde rir-se-hia do barão, acotevelando o conselheiro, quando Palmeirim, folheando as *Figuras,* lêsse a pag. 161:

«Nascido ás abas da Serra da Estrella ou do Marão, um certo perfume alpestre vence o do almiscar em que se enfrasca para se purificar do cheiro do breu dos barcos que traz no mar. Ser visconde significa ir por ordem alphabetica na cauda dos titulares, e ter por isso a vantagem de ser o ultimo a votar nas camaras legislativas, tendo assim tempo para pesar o «approvo» na balança do seu interesse privado, ou dar muitas vezes ao «rejeito» a importancia singular de um desempate.....

«O Brazil está sendo hoje o nosso principal fornecedor de titulares. O incendio que reduziu a cinzas um estabelecimento publico, dá dous barões; a fundação de um asylo, dous viscondes; um emprestimo nacional e espontaneo, que não

chega para pagar os juros do dinheiro emprestado, significa visconde e barão e meio, ou, em algarismos redondos, dous barões e um visconde. A imprensa, elogiando o patriotismo dos nossos irmãos d'além-mar, despertou-lhes no coração o amor da aldêa natal. A mobilia para a escóla rural, o sino para o presbyterio campezino, o donativo para o chafariz publico é tudo estimulo, sendo obra da imprensa que alentou e popularisou os brios dos doadores. A melhor das acções do visconde é quasi sempre o seu testamento. A gota é o prenuncio da caridade, e o tabellião o executor da alta justiça dos peccadilhos do titular enriquecido pela usura. É então que elle se lembra, sem calculo, da existencia dos hospitaes, dos asylos e das misericordias. É do receio da morte que surgem os S. Vicentes de Paula posthumos que os collectores velhacos da santidade humana inculcam pressurosos á canonisação.»

Palmeirim seria parcial até á iniquidade, se não désse uma palmada suave no vente tympanitico do *Conselheiro,* que esteve ouvindo com secreto jubilo carpear as lãs do barão e do visconde; mas ainda ha homens que, na distribuição da justiça, são exactos como umas providencias subalternas. Tal é Palmeirim, quando a pag. 12, volta o espelho para o conselheiro; — diz:

«Para obter a carta de conselho, é preciso, entre outras prendas, uma mediana tintura de

portuguez, uma calligraphia especial para endoudecer paleographos, e uma aptidão natural para fazer contas de cabeça. Com estes tres predicados está o conselheiro habilitado para presidir á assembléa geral de um banco de duvidosos capitaes, ou para aceitar sem constrangimento o diploma de uma philarmonica qualquer.....

«Um dos caracteristicos mais salientes do conselheiro é a obesidade. Os que tem estudado a especie com certa sagacidade, attribuem o phenomeno á ebulição lenta que geralmente se manifesta nas idéas do conselheiro, lentidão que sendo um mal nas funcções digestivas, é um bem inapreciavel quando a intellectualidade repousa deixando-se vencer pela materia. Eu sou de opinião diversa: creio que o conselheiro engorda pelo bem cabido orgulho de ser o primeiro figurão da sua raça...

«Quando o conselheiro passa d'esta para melhor vida, periphrase amena que evita o emprego mal-soante do verbo morrer, que seria um desconchavo de grammatica applicado a um immortal, a familia do finado, aproveitando-se ávida do estylo mortuario, participa pelos jornaes que o conselheiro fulano de tal deixou de existir; e o necrologio, apossando-se do caso, evita, como lh'o aconselham as conveniencias, fallar das grandezas do bemaventurado para se não arriscar a encontrar quem affirme sorrindo têl-o conhecido... pau de laranjeira.....

«Deus, quando creou o homem á sua imagem e semelhança, nunca imaginou que a sociedade havia de fazer d'elle um conselheiro».

D'est'arte bruniu Luiz Palmeirim a tripeça jerarchica sobre que se assenta a constituição da familia portugueza ha quasi meio seculo, remendando com farrapos da fidalguia das chronicas os simulacros da aristocracia das industrias. O eminente observador continuou as chufas de Almeida Garrett aos barões, nas *Viagens na minha terra.* Garrett morreu visconde, para expiar; porque dizem os livros sagrados: «não chamarás *raca* a teu irmão». *Raca* entre os essenios no dialecto arimeu, de procedencia semitica, correspondia a *barão;* outros orientalistas um pouco mais sabios que eu dizem que *raca* é *asno.* Servem ao caso ambas as interpretações. Continuou Palmeirim tambem a satyra aos titulares de Manoel Roussado. Ora, Roussado, aquelle jovialissimo espirito, levou a chalaça dos barões até se fazer barão a valer. Elles, os chacoteados, diziam: «Estão verdes...» E vai o folhetinista das convulsas risadas cingiu na fronte a corôa ferrea dos solarengos da idade média, para humilhar os collegas que lhe escouceavam a sombra.

Não vão imaginar que eu esteja d'aqui saudando o futuro *visconde de Palmeirim* com um sorriso ironico. Deixo aos viscondes esse desdenhoso tregeito de prophetica vingança.

O que eu saúdo é as subsequentes edições de *Galeria das figuras portuguezas,* livro cheio da graça inoffensiva e de verdades austeras — *livro honrado,* como ha pouco no *Primeiro de Janeiro* lhe chamou o snr. Oliveira Ramos,—a capacidade mais lucidamente critica e mais extraordinariamente modesta que eu conheço na imprensa portugueza.

Luiz Palmeirim tem muitas riquezas que explorar ainda no veio do *ridiculo.* De materia bruta caboucada em grandes brutos elle fará primorosas estatuetas para a sua nova galeria. Na turba dos espertos que dão a Lisboa o tom, o relevo e o matiz ha muito que vêr e photographar ao sol de tamanho talento. Não será mau pintar tambem as *más figuras,* — os patifes. Dê-nos o Gavarni da penna o desenvolvimento d'esta these de D. Francisco Manoel de Mello: *Lisboa é muito grande, é mata espessa onde se criam monstros de disforme malicia.*

GALERIA DE SCIENCIAS

CONTEMPORANEAS

POR

M. J. DA CUNHA SEIXAS

É' o PRIMEIRO livro d'esta especie que se publíca em Portugal com authoridade portugueza. Entramos bastante tarde no comboyo expresso da sciencia; mas, se houver zelo e galardão que remunere o apostolado, mais seculo menos seculo, estaremos hombro a hombro das nações mais esclarecidas. É o que se prophetisa da *Galerias de sciencias contemporaneas*, livro «que se destina a declarar o *ultimo estado* de cada uma das sciencias de que trata» diz o author; e satisfaz cabalmente. E, como não bastasse inven-

tariar as evoluções do saber humano, propõe-se o snr. Seixas crear uma philosophia nova, e assim o declara resolvidamente: «Exhibimos um systema novo de philosophia». O snr. Seixas, advogado em Lisboa, exhibe um systema novo de philosophia. Entra na fileira de Descartes, Spinosa, Locke, Leibnitz, Kant, Hegel, etc. Elle exhibe o que quer que seja para desfazer o positivismo de Augusto Comte. É espiritualista. Quer Deus na sciencia. Combate os materialistas; enfeira a sua argumentação nos ricos mercados allemães; cita a pleiada germanica dos artifices de philosophias sensitivas e animalistas: só não nomeia o prussiano professor Bunsen, author de *Deus na historia*. Parece que o não conhece; mas adivinhou-o, quando formulava o *seu systema novo de philosophia*. Encontraram-se. O monotheismo, um Deus através da historia, no evolucionismo da sciencia, é uma comprehensão que tanto póde sentir-se em Heidelberg como no Aterro da Boa-Vista. As distancias nada montam. Deus manifestava-se a Lao-Tseu na China, a Socrates na Grecia, a Hillel na Judéa, a Zoroastro na Persia, etc.

Afóra o systema novo de philosophia, tem este livro, diz o author, *outro lado pratico*, e para isso *demonstra a necessidade da reforma* do Curso superior de letras, *que está abaixo da critica* (pag. 4) porquanto *quem no estrangeiro baixasse os olhos sobre elle imaginaria que se tratava d'um*

paiz de ignorantes e faria de nós um triste conceito.

Intentando o snr. Seixas pôr côbro a este vilipendio nacional, propõe que haja, em vez de sete cadeiras, quinze. E, se não receasse *cahir no implacavel escolho financeiro,* diz elle que proporia para cima de quinze cadeiras. Dá um plano geral de novos quadros. Exemplo de bom senso na reforma: no 3.º anno estuda-se historia da philosophia, philosophia transcendente (Logica e Theodicêa) e philosophia transcendente (Moral. Philosophia da natureza). Quatro philosophias em tres cadeiras. E, simultaneamente, linguas allemã e ingleza. Os alumnos d'estes dous idiomas, que em cinco annos escassamente se possuem, hão de estudal-os em um anno promiscuamente com as philosophias, e hão de ficar sabendo tanta philosophia como linguas — não tem duvida. Pois a philosophia é no conceito do snr. Seixas tão nobilitadora das outras sciencias que a historia sem ella não é sciencia. Quem aprendeu a chronologia estreme dos factos historicos, nada sabe. É que, diz o author, *a historia só modernamente adquiriu os fóros da sciencia pelo hymeneu que contrahiu com a philosophia.* Este hymeneu, o deus das bodas, banido com a Arcadia, remoça agora para se maridarem licita e honestamente as sciencias. O snr. Seixas philosopho tem uma penuria

de linguagem que nos faz lembrar a antiga pobreza das capas dos philosophos *Peregrinus* e *Demonax,* celebradas por Luciano. Exemplo: comparando Camões a Tasso, diz (pag. 359): *Tasso escreveu as aventuras dos cruzados e fez um poema christão: Camões escreveu tudo: nada lhe escapa.* Este *nada lhe escapa* poderia escapar a alguem, menos ao snr. Seixas. Quando se quer medir um gigante como Camões no estalão de uma phrase á altura de Homero, Virgilio ou Dante, escreve-se: *Camões nada lhe escapa.*

Quando trata de *Esthetica* (pag. 154) ensina que o *artista faça nascer a indignação contra o mal e a sympathia pelo bem por meio de situações naturalmente deduzidas dos acontecimentos sem que o artista pareça advogar esta ou aquella causa.* Isto parece tão moderno como Longino ou Quintiliano. O snr. Seixas vai citar-nos o exemplo d'um artista que realisou o preceito. Cuidam que elle lhes aponta o *Timão d'Athenas* de Shakespeare, a *Emilia Galotti* de Lessing ou o *Marino Faliero* de Byron? Não, senhores. Seixas extasia-se diante dos *Lazaristas* do snr. Ennes que lhe *fazem nascer a indignação sem o talentoso poeta lhe haver dito nada contra os lazaristas.* Sim, parece que o snr. Ennes não tinha conversado particularmente a respeito dos jesuitas com o snr. Seixas; ainda assim bastava-lhe ouvir o que vo-

cifera contra os mesmos o snr. Polla. Os *Lazaristas* n'uma *Galeria de sciencias contemporaneas* bem podiam... *ter escapado.*

No capitulo *Historia universal e patria* (pag. 193) diz que «a nossa separação moral de Hespanha data do reinado de D. João IV, pois antes dos 60 annos da oppressão não havia entre os dous povos da Peninsula tão grande abysmo». É isto desconhecer os reciprocos odios que guardavam as fronteiras das duas nações desde a fundação da monarchia; não sabe nada de Val-de-Vez, de Toro, Aljubarrota, Valverde, Trancoso, e outros sitios mencionados a berros nos dramas do velho theatro normal. Quanto aos rancores da nação acalcanhada entre 1580 e 1640 é isso uma conjectura banal fundada nas objurgatorias de João Pinto Ribeiro, na *Restauração de Portugal prodigiosa* e no *Portugal restaurado* do Ericeira. Os fidalgos passavam perfeitamente, a principiar no duque de Bragança que ia vendendo cara a Filippe a sua indifferença; e os quarenta conjurados de 1640, movidos pelos Saldanhas, eram menos da vigesima parte dos fidalgos, e quasi todos filhos de outros que haviam hostilisado o prior do Crato, e recebido cedulas de Christovão de Moura. A classe média queria socego e mercantilismo; e, na conjuração do marquez de Villa-Real contra D. João IV, fez-se representar pelo opulento argentario Beça. O povo era a populaça

de todos os tempos: eram os filhos dos cobardes fugitivos de Alcantara que depois estrondeavam «vivas!» á entrada do duque de Alva. No decurso dos 60 annos do captiveiro, os captivos tinham as mesmas regalias dos oppressores; tinham theatro, divertiam-se nas justas e nos torneios, gosavam autos de fé, saboreavam as exultações d'uma vida tão airada e devassa quanto se infere dos sermonarios da época. Ao snr. Seixas, depois do *hymeneu da philosophia com a historia,* corria-lhe o dever de não obtemperar ás trivialidades dos compendios de instrucção primaria, nem fazer historia pelo *Espelho de lusitanos* de Manoel de Lyra, se é que o conhece. «Ha paginas tão homericas na nossa historia (diz o snr. Seixas), ha factos tão assombrosos que chega a confundir-se o espirito na contemplação dos agigantados acontecimentos do nosso povo». Outro logar commum de selecta que relembra o bom padre Cardoso de Coimbra, se é que não fez obra pelas odes pindaricas do Diniz. Melhor lhe iria procurar nas *chronicas* o rasto de infamia que deixaram os heroes da Asia. Affonso de Albuquerque, o *Grande,* mandava anneis de diamantes e rubis a Ruy de Pina para que o não olvidasse nas suas historias (João de Barros, *Decad.* II, L. VII, cap. I). O bispo Osorio, sem receber os anneis, perpetuava-lhe as ferocidades no livro *De rebus Emanuelis*. D. João de Castro praticava iniquidades que forçavam um fidalgo *Chi-*

chorro a desafial-o, e a infamal-o de descendente de circumcisos. (*Revista universal lisbonense,* carta prefaciada pelo snr. A. da Silva Tullio). As armadas eram esquadras de piratas. A India era um alfôbre de ladrões. Não leia o snr. Seixas os artigos ramerraneiros e commemorativos dos grandes capitães. Leia o *Primor e honra da vida soldadesca,* e o *Soldado pratico* de Diogo do Couto, e as *Memorias de um soldado da India* de Francisco Roiz da Silveira, annotadas pelo snr. Costa Lobo, excellente pensador e escriptor. Em materia de historia patria, o snr. Seixas não vai além de Monteverde e João Felix.

No capitulo *Litteratura da idade média,* particularisando *Allemanha,* falla-nos dos «*Niebelungen,* monumento germanico de grande vulto»; e linhas abaixo n'outro monumento chamado o *Livro dos heroes*. Ora *Niebelungen* e *Livro dos heroes* é o mesmo livro. Vem á Italia, e, fallando de Dante, dá-nol-o florecido nos principios do seculo XVI. Atraza o cyclo dantesco cem annos pelo menos, porque as obras de Dante estão estampadas desde 1472. Chega a Hespanha, e encontra florescentes no seculo XIV João Manoel, João Rodrigues e outros. João Manoel deve ser o principe D. João Manoel, neto de S. Fernando, pai de D. Constança, mulher de D. Pedro I de Portugal, e author do *Conde Lucanor*. Quanto a João

Rodrigues não se sabe quem seja este que vem ajoujado a João Manoel. Nós conhecemos na velha litteratura castelhana dous com tal nome: um é João Rodrigues de la Comara; mas este pertence ao seculo xv; outro é João Rodrigues Florian, mas este floreceu no seculo xvi. O snr. Seixas viu em Ticknor, em Bouterwek, ou em Baret um Juan *Ruiz;* entendeu que *Ruiz* era uma abreviatura de *Rodrigues,* e d'est'arte expungiu da sua estitica resenha de escriptores do seculo xiv o arcipreste de Hita D. João de Ruiz. *Ruiz* estendido em *Rodrigues* só conheço outro, *apud* Theophilo Braga, n'um dos tomos da sua *Historia da litteratura portugueza.*

No capitulo *Litteratura moderna,* quando chega á Italia, dá-nos noticias de Aretin. O snr. Seixas importa os seus conhecimentos de litteratura italiana com escala por França, e por isso chrisma de *Aretin* o Aretino. Por esta occasião nos diz que o *marinismo* de *Marini* (devia escrever *Marino)* corresponde ao *gongorismo* hespanhol e ao *euphonismo* inglez.

Euphonismo, Santo Deus! Que idéa fórma o snr. Seixas do *euphuism* de John Lillie? O euphuismo é justamente o invez de euphonismo. *Euphuism* é synonimo de *inelegance, barbarism, rudeness, affectation, cacophony.* E *euphonismo* é synonimo de *elegance, grace, ease, purity, rea-*

diness, *numerosity* [1]. Os euphuistas perverteram a lingua com o exemplo do *Euphues e a sua Inglaterra* ou *Anatomia do espirito,* livro de Lillie, cheio de conceitos extravagantes e empolas de linguagem turgida, que não tinha vislumbres de euphonia. Parece que o snr. Seixas estudou idiomas pelo systema que inculca na sua *Galeria;* quatro philosophias e allemão e inglez no 3.º anno. Elle de certo não sahiu dos cenaculos do Chiado com infusão de linguas.

No capitulo final, *Litteratura portugueza,* as suas idéas amesquinham-se n'um desdem sinceramente imperdoavel. Conhece Filinto pelas odes propheticas da queda da Inquisição que lhe aprazem e pelas epicuristas de que não gosta. Queria que o perseguido velho se inspirasse do christianismo e da liberdade. O padre Francisco Manoel devia levar de Lisboa idéas muito cordiaes do christianismo para o cantar na Hollanda, e devia cantar em Paris a liberdade quando Victor Hugo festejava os nascimentos dos principes, e Lamartine era realista. Tambem não gosta das *Cartas de Ecco e Narciso,* porque são *bucolicas sem correspondentes na nossa sociedade.* Realmente, Castilho em 26 devia escrever versos pastoris talhados para a sociedade do snr. Seixas em 79.

---

1 *Thesaurus of english words and phrases*, etc., by Pater Mark Roget. London, 1875.

Quanto ao mais, em philosophia encontra Verney, Padre Antonio de Figueiredo e Silvestre Pinheiro Ferreira, e, no restante, nada. Desconhece ou rejeita a *Historia da philosophia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da philosophia,* livro de grossa erudição d'um snr. Lopes —philosopho de Alijó, que abriu os seus jardins de Academus em Monte-mór-o-Novo, Athenas muito superior a semelhante Platão. Attribue o snr. Seixas a nossa decadencia ao dominio ecclesiastico, aos inquisidores e aos jesuitas. Arguições d'esta natureza já orçam por frioleiras. Nem os jesuitas nem os dominicanos impediram que se divulgasse o *Novo methodo de estudar* de Verney, tão encomiado pelo snr. Cunha Seixas. A philosophia que se aprendia em Coimbra era a aristotelica, em harmonia com a das primeiras universidades catholicas da Europa, desassombradas da censura inquisitorial. Os grandes livros de Fr. Manoel do Cenaculo não seriam uma leitura despecienda ao snr. Seixas, se elle quizesse seguir as modificações das sciencias philosophicas em Portugal.

Entre as 365 paginas d'este compacto livro do illustre concorrente ás cadeiras do Curso superior de letras ha, áfóra o pedantismo, promessas de um bom professor das coisas que sabe. As pequenas maculas que lhe unhei em tamanha obra dão a perceber que o snr. Seixas sabe as cousas muito grandes, e ignora ou esqueceu as pequenas.

REFLEXÕES A' RESPOSTA

DO

SNR. CUNHA SEIXAS (·)

Tinha eu dito que o author da *Galeria de sciencias contemporaneas,* propondo-se mostrar o ultimo estado das sciencias comprehendidas no seu livro, satisfizera cabalmente. Escrevi as duas palavras «satisfaz cabalmente» sem ironia. Não lhe argui de arbitrarias as classificações, nem de desatados os mappas synchronicos. Sería parvoa a ironia não sendo justificada pela censura. O snr. Seixas, porém, sublinhou as duas palavras, e inferiu da hypothese para a incompetencia do critico. Parece, pois, que o temerario interprete de um sentimento reservado que não existia, pondo malicia n'aquellas palavras sinceras, quiz corrigir a minha boa fé.

Obrigado.

Na summa final do seu diffuso arrazoado, es-

(·) D'esta replica deprehende-se claramente a argumentação do snr. Cunha Seixas.

creve: «Somos atacados de não dizermos o ultimo estado das sciencias. Não deu o snr. Camillo prova alguma do dito. Ficamos em jejum».

Ficou em jejum, tendo sido *atacado de não dizer o ultimo estado das sciencias.* Em jejum. Esperava talvez fazer do nosso artigo um forte almoço de garfo servido de cabeça d'achar, de salame e pasteis de camarões. A phrase é boa para significar as esperanças mallogradas de um glotão; mas não acerta com o pensamento nobre de um philosopho magoado em seus melindres scientificos. Esse forçado jejum procedeu justamente da sinceridade da minha opinião a respeito dos contornos geraes do seu livro. Se eu devesse e soubesse critical-os, o snr. Seixas, em vez de jejuado, ficaria farto. Por tanto, não houve ironia. Pareceu-me, na candura da minha ignorancia, methodica, laboriosa, boa a contextura da sua obra.

*

Eu não affirmei que philosophia e advocacia eram incompativeis; mas figurou-se-me caso estranho que um jurisconsulto fundasse em Lisboa uma philosophia nova. Exprimi a minha admiração com um sorriso socraticamente moderado, porque, no meu imperfeito estudo da philosophia, tenho encontrado os systemas encadeados uns nos outros como fusís de duas correntes que vão pren-

der, uma ao espirito, outra á materia. D'ahi, no pendor dos seculos, vi que derivavam duas genealogias de pensadores, fecundando-se, reproduzindo-se, ataviados, cada qual, á moda do seu tempo, de phrases novas e fórmulas diversas — edificios reconstruidos sobre os mesmos cimentos: a eterna incerteza e a impalpavel treva. Eis-aqui ingenuamente a rasão por que desconfiei da originalidade do snr. Seixas. Isto a meu vêr não é um ataque á benemerita classe dos advogados. Creio ser-me licito duvidar que Manoel Alvares Pegas podesse eclipsar Aristoteles, e que o snr. Seixas nos torne a philosophia mais lucida e positiva do que Augusto Comte.

Quanto a Bunsen (sem ç) não lhe contesto que elle seja apenas um theorista, visto que o snr. Seixas lhe disputa menos judiciosamente a authoridade de innovador. Mas eu, a fallar verdade, tambem o não fiz crear coisa nenhuma. Disse simplesmente que elle era o author de DEUS NA HISTORIA.

Diz o snr. Seixas: «A theoria de Bunsen não tem alguma cousa nova». Ha pessoas doutas que dissentem d'esta formal negativa. Por exemplo, Henri Martin, o prefaciador da obra de Bunsen, traduzida pelo professor Dietz, concede-lhe originalidade nos seguintes termos: «É Bunsen com certeza o continuador de Lessing na sua *Educação da humanidade,* e de Herder nas suas *Idéas*

d'uma philosophia da historia do genero humano; mas vivifica as primicias que recebeu d'elles com a idéa da consciencia de Deus no mundo, isto é, da consciencia que o genero humano tem da presença de Deus no mundo e na alma humana, principio de toda a religião e de todo o progresso. *Esta idéa é exclusivamente sua* [1]».

Como historiador é Bunsen apoucado a proporções acanhadissimas pelo snr. Seixas quando o reputa *apenas um escriptor de historia, e nem ainda de historia geral nas suas diversas relações, mas principalmente sob o ponto de vista religioso.* Não o reduzem tanto Laboulaye e Henri Martin. Escreveu Bunsen um tratado de historia universal antiga, tomando o Egypto por centro, d'onde radiou a todas as nacionalidades a luz projectada da historia egypciaca. Tem a obra cinco tomos, é escripta em allemão e inglez, e intitula-se: *O que é o Egypto na historia universal.*

Parece por tanto que o professor Bunsen, em opposição a Hegel no que é philosophia da historia, pondo a idéa de Deus onde Hegel negava toda e qualquer individualidade divina e humana, tem, quando menos, igual jus á consideração que o snr. Seixas requer como contradictor deista de Comte e Darwin. Tratal-o de mero theologo e

---

1 *Dieu dans l'Histoire*, Paris, 1868, pag. XVI.

historiador religioso é encurtal-o sem necessidade, nem direito, nem consentimento dos doutos que o nacionalisaram em França, e se authorisam com elle nas universidades allemãs e inglezas. Não obstante, estou convicto de que o systema philosophico do snr. Seixas já agora nada tem que vêr com as theorias de Bunsen, que não foi creador de systemas.

Nota o author da *Galeria* que eu denominasse o seu livro o *que quer que seja,* como quem dá do livro idéa pouco lisongeira. Não tem razão. A sua suspeita procede da insufficiente lição que demonstra das locuções adverbiaes da lingua portugueza. *O que quer que seja* é expressão que não lisongeia nem desdoura. Se eu escrevesse que o livro do snr. Seixas é «um que quer que não seja» poderia o philosopho mais perspicazmente desconfiar da minha maneira abstrusa de apreciar systemas.

*

Pelo que respeita á *Reforma do curso superior* em quinze cadeiras em vez de sete, e cinco annos de lição em vez de tres, nenhum reparo fiz na disposição das sciencias que alvitrou; reparei apenas—e foi bastante—no ensino das linguas allemã e ingleza, como accessorio do terceiro anno promiscuamente com varios ramos de phi-

losophia. Pareceu-me inexequivel a posse de duas linguas difficultosas no curto espaço de mezes que lhes destina o snr. Seixas. A isto não responde. Pois merecia a pena, como prodigio, a justificação do absurdo.

A respeito de *hymeneu* e do *nada lhe escapa* demora-se prolixamente o snr. Seixas. Diz que *não tolero o hymeneu*. Não só o tolero; mas até não desgosto d'elle nas trovas do *Belmiro pastor do Douro*. Achei-o burlesco no enlace da philosophia com a historia; mas isso não impede que o snr. Seixas continue a cultivar o prestimo do filho de Venus e irmão de Cupido para o fim honesto de casar as suas sciencias. Quanto ao *nada lhe escapa*, como figura admirativa do vasto engenho do cantor de Ignez, ainda agora insisto em não achar a phrase assás definitiva dos reales epicos dos Lusiadas. Escusa-se o author allegando que *o seu livro não é uma obra d'arte, mas uma obra de sciencia*. Sou de parecer que os livros de sciencia sejam bem escriptos; e que o sabio, antes de compôr livros de sciencia, se componha com a prosodia do idioma em que escreve, e tambem com a syntaxe para não escrever: *somos atacados de não dizer o ultimo estado da sciencia*.

Como se eu tivesse menoscabado Camões, diz o snr. Seixas que o insigne poeta *não teve modêlos a imitar e que os Lusiadas são uma obra*

perfeita a todos os respeitos sem comparação com as do tempo.

O snr. Seixas ou desconhece ou não confrontou os modêlos que serviram a Camões. Para o não incommodar com a minha obscura authorinade, offereço-lhe a do mais encomiasta e illustrado biographo de Luiz de Camões. Modifique ou tempere as suas idéas, se quizer, com as do bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo.

Depois de lhe apontar as imitações de Homero, Ovidio e Horacio, acrescenta o doutissimo litterato: «Não ha que fallar em Virgilio: que sem duvida foi o seu modêlo principal nos *Lusiadas* e ainda nas *Eclogas*; e que imita nas maiores e menores coisas tão frequentes vezes que bem se lhe póde suppôr sempre á cabeceira... A marcha, os pensamentos e rasgos de Petrarcha, Bembo, Sannazzaro, Bernardo Tasso, e tantos outros, são a cada momento imitados, parafraseados, reproduzidos...»

N'outra passagem: «Admiravelmente imitou em grande parte os seus modêlos, contendendo menos pela igualdade que pela victoria; mas algumas vezes imitou o que não merecia a sua imitação, e outras seguiu com passos timidos de bisonho quem podia emparelhar na marcha com a resolução e desembaraço de competidor. Não faço já caso de pequenas incoherencias, de certas prolixidades, de alguns versos prosaicos ou duros e

mal affeiçoados, de uma ou outra rima que acode com violencia, e que é chamada pela mera razão de ser consoante».

Coteja as imitações de Horacio, e reconhece a inferioridade do nosso poeta. «São ramos transplantados que sem murcharem de todo, padeceram muito no mimo e frescura que tinham na planta nativa; e fazem lembrar o licôr generoso que na passagem para outro vaso, sem perder totalmente o espirito, evaporou com tudo a sua porção mais delicada».

E finalmente, a respeito dos *Lusiadas,* o bispo de Vizeu diz ao snr. Seixas que: «Camões foi um grande poeta e cantor digno do glorioso descobrimento da India, mas *será sempre opinião infatuada e absurda a que o suppozer sem defeitos, e o quizer collocar na dianteira dos mais engenhos poeticos, e particularmente dos authores de epopêas.* Nos *Lusiadas* o nosso poeta acertou na escolha da acção, e tem eminencia no estylo; mas peccou na conformação das partes, na impropriedade ou ociosidade de alguns episodios, e mais ainda na qualidade e emprego do maravilhoso. Mostra este poema uma ousadia que pretende arremedar a de Homero; mas na riqueza inexhaurivel fica muito distante da *Illiada*; tem n'alguns casos, repito, mais originalidade que a *Eneida*; mas em nenhum a sua igualdade e perfeição; excede o poema de Tasso no puro gosto do estylo;

mas é elle excedido na regularidade do todo, e na copia das ficções; não tem tamanhas extravagancias como são as de Milton, mas tambem não tem tamanha sublimidade».

Até aqui o sabio admirador de Camões. Mas o snr. Seixas quer que o cantor do Gama não tivesse modêlos que imitar, e que os *Lusiadas* sejam *obra perfeita a todos os respeitos sem comparação com as do tempo.* Ha especies que o snr. Seixas ignora. Podem-se inventar philosophias; mas as litteraturas comparadas não se inventam: estudam-se.

*

Ácerca dos *Lazaristas* do snr. Ennes tenho pouco que lhe dizer. Citou o snr. Seixas, como *modêlo no genero*, o drama do snr. Ennes, no seu artigo *Esthetica*. Eu por mim não posso qualificar de bom genero — mas deixo-lhe a categoria de *modêlo* — uma calumnia dialogada, bem escripta, mal pensada, com grande farragem de adjectivos fortes e acepilhados torneios de phrase. Tal drama é uma armadilha funesta á ignorancia das massas, e deve captar medianamente a admiração dos intelligentes.

*

Respondendo a outras reflexões sobre antipathias hespanhola e portugueza, diz o snr. Seixas: «Depois dos 60 annos da oppressão e sobre tudo depois de 1640 a nossa distancia *moral* ficou sendo completa: os dous povos ficaram muito mais distantes um do outro a ponto de as litteraturas se não corresponderem *tão sensivelmente* como até então.»

Quanto á separação *moral* — se por *moral* quer significar a sympathia intellectiva, a consonancia da idéa e da fórma litteraria — Garret que lhe responda. Referindo-se ao tempo em que os Philippes dominaram, o author da *Historia da lingua e da poesia portugueza* diz: «Em castelhano escreviam já esses degenerados portuguezes; mas pouco importava que o fizessem; que n'isso fraca perda tivemos nós...»

E depois de 1640: «E todavia já nós tinhamos recobrado tão gloriosamente nossa independencia, já o nome portuguez tornára a ser honra e nobreza, e ainda essa lepra castelhana lavrava».

Não lhe cito authoridades de menor vulto para o não fatigar. Lembro-lhe apenas que o padre Antonio Vieira e Jacintho Freire de Andrade, e outros de menos porte sepultados na *Fenix renascida,* se não escreviam em castelhano, gongorisavam em portuguez. É que a mudança de corrente litteraria não se deve a odios internacionaes, mas sim ao conhecimento e infiltração da littera-

tura franceza ensaiada deploravelmente em Portugal pelo conde da Ericeira e por Francisco de Pina e Mello. O divorcio das letras de Castella fez-se com caracterisação genuina e nacional mais tarde, pela arcadia e pelas academias, nos reinados de D. João v e D. José.

N'este lanço da sua resposta, repara solertemente o snr. Seixas que eu empregasse a palavra *berros* no seguinte trecho: «...Não sabe nada de Val-de-Vez, de Toro, de Aljubarrota, Valverde, Trancoso, e outros sitios mencionados a berros nos dramas do velho theatro normal».

E accrescenta magnanimamente: «Sem fazermos caso da palavra — berros — empregada por quem é tão exigente em linguagem (se isso não é erro typographico)...»

O snr. Seixas quer deixar-me generosamente uma aberta para que eu me salve pelo postigo d'um erro typographico; e eu, aproveitando o favor, poderia dizer que escrevi outra cousa que o ignaro ou perfido typographo mudou para *berros;* poderia dizer que os actores fallavam de Trancoso, Aljubarrota, etc. *mencionados aos bôrras* — aos bôrras da platéa — o que não seria disparate; ou *mencionados aos burros,* o que seria até verosimil; mas, não! Probidade litteraria, custe o que custar. Eu, confesso, escrevi *berros,* e não escrevi *bôrras* nem *burros*. Mas que a palavra, segundo m'o adverte o snr. Seixas, não é

boa, isso heide eu dizel-o a berros até ao ultimo alento.

Accusa-me o snr. Seixas — isto é que me afflige deveras — de eu ter feito o melhor elogio de Philippe II. Esta denuncia feita no 1.º de dezembro, quando esfervilham a eloquencia e a genebra, podia custar-me a minha melhor vertebra lombar. Elogiei o rei intruso porque, pondo a mão sobre o evangelho da historia, jurei que os mercadores chatinavam, os fidalgos bandarreavam, os frades garganteavam os seus psalmos quando tinham as guelas desempedidas, o povo acanalhava-se rojando-se hoje a Miguel de Vasconcellos para ámanhã o arrastar no Terreiro do Paço. Eu não posso no curto espaço d'estas paginas dar ao snr. Seixas toda a latitude d'umas idéas que lhe sobresaltam o patriotismo convencional. O snr. Seixas não lê historia portugueza nas chronicas. Deixa isso ás crianças. Se precisa conhecer a organisação medieval da Lusitania wisigothica ou a formação dos municipios nos primeiros reinados, não folhêa os foraes, nem os chronicões, nem as constituições dos bispados: consulta as obras de Lennormann sobre o Oriente. Se quer saber alguma cousa da lucta sanguinaria de D. João II com a fidalguia, vai ler a *Physica Social,* de Quetelet; se lhe convem averiguar os processos infames do nosso breve dominio no Oriente, lê a *Historia do desenvolvimento intellectual da Europa,* de Draper.

Elle aconselha-me estas leituras, e que deixe as *pequenas cousas mencionadas nas chronicas*. Infelizmente não sou muito lido em chronicas, pela mesma razão que leio poucas novellas. Se conversassemos a respeito de historia patria, e eu contasse com a benevolencia do snr. Seixas, dir-lhe-hia o que sei e penso dos nossos heroes, sem lhes compulsar as biographias nos Barros e nos Coutos.

Vê-se que me leu mais que levianamente o snr. Seixas, quando me culpa de exhibir as fraquezas do bispo de Silves. Eu disse que Jeronymo Osorio tivera a insolita coragem de perpetuar as cruas barbaridades de Affonso de Albuquerque. Converteu-me em affronta ao bispo o que era elogio. Antes quero attribuir a precipitação de leitura o que seria difficil nomear, se fosse cavillação de pessimo gosto e nenhum effeito.

Defende, procurador officioso, com igual leviandade o snr. Theophilo Braga, por causa do *Ruiz* desfigurado em *Rodrigues*. Diz que o snr. T. Braga andou bem copiando, a pag. 214 da *Historia da litteratura portugueza, as collações que escreveu João Rodrigues*. Mas não se trata do redactor das collações. O *Ruiz* que o snr. Theophilo estendeu em *Rodrigues* está a pag. 8 do tom. 3.º da citada *Historia de litteratura*. Mas, se o doutor se não queixa, a defeza do snr. Seixas, sobre pueril, é um tanto rasteira. É o caso de Tolentino:

Apostolo impertinente,
Para que hasde tu suar,
Se não sua o padecente?

Ensina-me o snr. Seixas o que seja christianismo. Tendo eu dito que Francisco Manoel do Nascimento, perseguido em nome do catholicismo, não devia sentir-se inspirado, na pobreza do exilio, a cantal-o como o snr. Seixas deseja, inferiu com logica ruim que a minha idéa de christianismo era a de Molina e a de Torquemada. Toda a gente tem logica; mas a d'um philosopho professo deve ser mais nitida e menos tenebrosa que a do diabo que tambem declarou que sabía logica, segundo consta do Inferno de Dante: *Ed io son logico.* D'esta logica e da, por nenhum modo, angelica do snr. Seixas, nos defendam os deuses.

Volta ás *Cartas de Ecco e Narciso, que nós* (elle) *não podemos tolerar,* diz cheio de fastio o snr. Seixas; e quizera que Castilho, traductor das *Palavras de um crente,* publicadas em 1836, se inspirasse d'este livro quando escrevia, dez annos antes, as *Cartas de Ecco e Narciso.* É exigir muito, a fallar verdade. Castilho não teve o dom da previdencia para vêr em 1826 o livro que veio á luz dez annos depois. Accusa o grande escriptor de escrever fabulas antigas nos *Quadros historicos;* ao passo que exalta Herculano como

hostil ás côrtes de Lamego *e outras velharias ridiculas*. Parece pois ignorar que Alexandre Herculano collaborou nos *Quadros historicos*.

O leitor está aborrecido. Vou concluir enviando ao snr. Seixas umas palavras ditas em nome de Thomaz Carlyle, um dos mais egregios cultores da moderna litteratura europêa. Tive vontade de lh'as recordar, quando fiz um esboço perfunctorio do seu livro grávido de sciencias. Ficar-me-hia agora uma secreta mágoa, se me faltasse audacia para lhe dizer o que muita gente pensa das sciencias que carregam o cerebro abrindo mais profundo o vacuo da alma. Carlyle, escrevendo o elogio de um poeta operario, diz: «O que monta a sciencia sem força nem proveito — sciencia de letra morta, sciencia de fórmas e palavrorio, que ahi apregoaes tão alto, e que não abrange, nem penetra, nem aprofunda a natureza; que não desvenda um mysterio da vida; e que, todavia, ó temerarios e pedantescos embaidores, ousaes chamar exclusiva e enfaticamente a *sciencia?* Tem mais sciencia uma machina de fiar algodão, resultante de combinações e descobertas necessarias. O verdadeiro mestre é a pratica, e o saber é de todos... Graças aos vossos systemas, o que auferis são impossibilidades, chimeras, aquillo que um algebrico chamaria *a raiz quadrada d'uma quantidade negativa*. Tratai, pois, de extrahir a raiz, reconhecei a base solida da vossa argumen-

tação, se é que a tendes, ou o vacuo sobre o qual ella impende».

Não sei se os ideologos inglezes responderam a Carlyle. Bom ensejo se abre ao snr. Seixas de confundir este obscurantista que ousa atacar a inanidade das sciencias que se penduram em galerias como os apparelhos de Nostradamus e de Cagliostro.

JESUITAS!

POR

PAULO FÉVAL

Obra traduzida livremente do francez, e annotada pelo padre Senna Freitas (precedida do retrato e d'uma carta do author e d'outra do traductor).

Um dos mais celebrados romancistas francezes contemporaneos abalançou-se á generosa empresa de indemnisar a Justiça e a Verdade dos ultrajes que lhes fizeram alguns dos sèus collegas. Paulo Féval defende a *Companhia de Jesus* com um desassombro que denota, de par com estudos serios, convicções intransigentes com a ignorancia e com a calumnia. O estylo do valoroso propugnador dos jesuitas conserva a fogosa energia do romancista ardente. A verdade suggere-lhe trechos magestosos de linguagem não so-

menos dos que a Fantasia lhe inspirava. Arremessa-se cavalheirosamente contra a hoste dos adversarios, e atira-lhes o seu guante de ferro com o denodo de quem sente, sobre grande talento, o impulso da justiça irrefutavel. N'este livro não ha grandes theologias, nem controversias esterilisadoras, nem sentimentalidades rhetoricas: é um protesto em que esfuzilam coleras sagradas, um rasgar a pedaços a mascara dos calumniadores, um látego de agras ironias quando cumpre verberar com o escarneo, e uma lampada de luz serena quando cumpre mostrar os golpes traiçoeiros que prostraram cadaver a grande, a laboriosa e evangelica milicia de Jesus libertador das almas.

Haverá livros sobre analogo assumpto que se leiam com maior unção; mas não sei de algum tão percuciente como este de Paulo Féval. Arfa-lhe no pulso o sangue alvoroçado dos Saulos que viram o relampago na estrada de Damasco; estúa-lhe na eloquencia o calor das convicções subitas e batalhadoras. É uma intelligencia forte que emerge da treva e se ala arrebatada á luz que a sua razão não entrevira. Sem deslisar do caminho abalisado por factos inflexiveis, tem sublimes raptos que dão a lembrar as vehementes réplicas dos padres primitivos. A allocução que no 1.º tomo o destro escriptor faz que Ignacio de Loyola dirija aos seus companheiros devotados á lucta e ao martyrio, é um lanço prophetico da historia dos

mais luminosos quadros da vida do *Instituto*, que deixa de ser inverosimil, porque encerra, para assim o dizermos, a philosophia da historia do fundador e dos que lhe herdaram a inquebrantavel coragem.

Não podia Féval olvidar o mais implacavel inimigo da *Companhia*. Vem a Portugal, e encontra o marquez sanguinario a erguer patibulos para os nobres, forcas para os plebeus, a accender fogueiras para os missionarios, a esquartejar a repellões de cavallos os cadaveres dos que lhe incutem a desconfiança de que a sua vida de ministro despotico não é invulneravel. Encontra *Sebastião José de Carvalho,* e moteja do confronto em que o pozeram com *Richelieu*. Todas as nações civilisadas tem protestado contra a estulticía escandalosa da comparação. Aqui se mostra Paulo Féval mais versado em historia portugueza que a maioria dos estrangeiros que a nosso respeito são sempre fantasioso se voejam por largo e alto nas azas d'uma ignorancia de que não receiam cahir, porque lá fóra não ha jury para esta especie de inepcias. Ainda assim, não se isenta de pagar o seu tributo á leviandade que poderia ser rica se fosse exigente com os apreciadores forasteiros das nossas coisas e pessoas. O snr. padre Senna Freitas, traductor da obra, emendou delicadamente alguns lapsos, e deixou passar outros com o melindroso receio de desprimorar a benemerencia do

original. Historiando a conspiração contra *D. José I* crê que os *Tavoras, Mascarenhas, Alornas, Athaides, Calharizes,* etc., foram encarcerados em cadeia construida recentemente abaixo do collegio de Santo Antão. Não havia tal cadeia. Os suspeitos réos do attentado foram levados aos carceres de Belem, de S. Julião e cova da Moura. Santo Antão constituiu-se cadeia, mas tão sómente para os jesuitas a quem se embargou sahirem do collegio. O *duque de Aveiro* foi preso na sua quinta de Azeitão, e não em Lisboa; e o *Mello,* que Féval diz ser parente do *marquez de Pombal,* se era o *conde de S. Lourenço,* não tinha parentesco algum com *Sebastião José de Carvalho,* descendente d'um pobre sangrador de Cernache; nem tampouco o *Sousa* (*D. Manoel de Sousa Calhariz*) era parente do rei. Escreve Féval que «os brazões dos *Tavoras* e seus pretensos cumplices foram expungidos na sala dos cavalleiros, nos paços de Cintra, onde suas armas ainda hoje se vêem cobertas com um véo preto, como o retrato de *Marino Faliero* no palacio ducal de Veneza». E accrescenta: «Este facto é muito para ser notado, pois o iniquo julgamento de 12 de janeiro de 1759 já ha muitos annos que não tem vigor algum».

A sala não se chama *dos cavalleiros:* é *das armas* ou *dos cervos.* Os escudos dos sentenciados foram apagados, raspados, e não velados de

crepe. Se a rehabilitação dos *Tavoras* se désse, como presume o author, renovar-se-hiam os escudos, mas a sentença revisoria de 7 d'abril de 1781, que rehabilitava o grupo dos *Tavoras* sómente, foi embargada pelo procurador geral da corôa, e nunca teve execução. Tambem não é exacto que o alvará de 7 de abril de 1781 destituisse o marquez, cuja demissão é de 1777. N'aquelle anno, em 16 de agosto, ha um decreto; mas esse assignala profundamente a infamia do decrepito desterrado de Pombal n'este periodo: «...O que sendo tudo examinado por uma junta dos ministros a que me pareceu encarregar este negocio, foi vencido que o dito *marquez de Pombal* era réo e merecedor de exemplares castigos; ao que porém não mandei proceder, attendendo ás graves molestias e decrepidez em que se acha, lembrando-me mais da clemencia do que da justiça, e *tambem porque o marquez me pediu perdão detestando o temerario excesso que commettera*».

Eis-aqui o *Richelieu* a tiritar de medo do algoz, com as mãos postas diante da rainha e da alçada que o torturou na syndicancia dos seus delictos e bens de fortuna.

*

O traductor d'este livro é conhecido como vigoroso prosador e polemista de apertar os adver-

sarios, sorrindo entre dous adjectivos. Se em vez de seguir o ministerio sacerdotal, Senna Freitas se empégasse nos marneis das letras profanas, seria um escriptor humoristico, mordente e, ao mesmo tempo, exemplar das mais classicas e coloridas graças portuguezas. Os seus livros originaes têm reflexos de Veuillot. Por vezes, a ironia, a farpa certeira, revidam triumphantemente os chascos com que os racionalistas de cabotagem abandalham a pobre da Razão. Na carta que precede o 1.º tomo, diz Senna Freitas ao benemerito editor *Chardron:* «Fique certo de que lhe não vou fazer uma traducção de mero descargo de contracto, senão portugueza por tantos costados quantos o comportarem as minhas poucas forças: valor por valor, e metal por metal, se possivel me fôr, ou antes me fosse. Envidarei todos os esforços para que o meneio francez arremedado nas versões servis, desappareça na originalidade do nosso torneio peculiar. Quero que seja um trabalho de consciencia como o do author».

Cumpriu rigorosamente. Os *Jesuitas!* são um livro duas vezes didactico: ensina a verdade historica, e a genuina lingua dos jesuitas *Francisco de Sousa, Francisco de Amaral* e *Antonio Vieira.* Eu dei-lhe nas minhas estantes o raio onde tenho a fileira dos melhores classicos.

TRATADO

DE

HISTORIA ECCLESIASTICA

PELO

PADRE RIVAUX

Traduzido da sexta edição, consideravelmente augmentada e continuada até 1876, por Francisco Luiz de Seabra, parocho de Cacia, 1877.

ENTRA esta obra na serie dos livros destinados ao clero sob o titulo *Bibliotheca do clero illustrado*. Eu por mim desejo que se illustrem n'este excellente *Tratado de historia ecclesiastica* os ignorantes e ainda os semi-doutos que não são padres. Á excepção das historias da Igreja escriptas por protestantes, nenhuma outra se nos depara tão isenta de preconceitos no criticismo dos actos reprehensiveis que obscurecem a espaços a luz do christianismo. O padre Rivaux não esconde as fragilidades que são do homem no

escuro ou na acintosa negativa afim de que o espirito divino da instituição se não turve nas passageiras nuvens do mal inevitavel. A severidade serve de padrão para avaliar-se o grau de justiça com que o esclarecido historiador vai perlustrando as varzeas florentes e os agros desfiladeiros do catholicismo. Historiando os Pontifices do seculo x, notavelmente infamados de crimes, expõe as invectivas de Luitprand, redargúe contra umas victoriosamente, e contra outras não blasona do seu triumpho, nem crimina de calumniador convicto o apaixonado adversario dos Papas do seculo x.

Concedido que houvesse Pontifices indignos da sua missão, escreve o padre Rivaux: «Cumpre não esquecer que, posto que a santidade dos Summos Pontifices seja muito desejavel para honra e gloria da Igreja, ella não é necessaria para estabelecer a verdade e a divindade da fé. O peccado mancha o caracter sacerdotal, mas não o apaga. O peccado faz perder a graça santificante; más não a jurisdicção nem a infallibilidade doutrinal... Estes dons subsistem para bem e segurança das almas até em uma pessoa viciosa; e não se encontrará um só theologo que affirme que a sentença de um Papa é irreformavel porque esse Papa é santo. Assim como a divina Providencia sabe communicar a vida ás almas, nos sacramentos, por mãos ás vezes profanadas, tambem sabe

fazer passar a eterna verdade por labios ás vezes impuros. Os Papas peccadores eram Pontifices indignos, mas legitimos Papas...» Estas singelas palavras, sem grandes embaraços dogmaticos e desvios da razão, respondem ás envelhecidas arguições que diariamente se alastram a retalhos no jornalismo de combate, e por atacado nos grossos livros destinados a remodelarem o christianismo em uma philosophia que tanto póde ser a sensualista de Locke como a pantheista de Spinosa. Sciencias da alma não esteadas na Revolução, philosophias remoçadas das velhas dissidencias do catholicismo são torrentes mais ou menos antagonistas a rolarem para um só abysmo: um vacuo infinito — uma inanidade desconsoladora que as grandes palavras e as grandes divagações especulativas não enchem. No amago de todos esses fructos de Pentapolis, está a indifferença em materia de religião, o lucto cerrado da alma, o escurecer-se da consciencia que sente Deus em si, mas não sabe o que ha de fazer d'essa communhão de luz divina que lhe preluz a vereda de um destino immortal.

Nenhuma aleivosia assacada á Igreja o padre Rivaux deixou de trazer á barra da discussão. Galileu, tantas vezes invocado pelos litteratos de leituras comesinhas e pouco substanciosas, quando lhes é preciso allegarem a lucta da sciencia com a Igreja, é pleito tratado n'este livro e decidido

com irrefragaveis provas a favor do Pontifice. Galileu não foi perseguido como bom astronomo, mas como theologo mau, disse Mallet-Dupan, e Rivaux o demonstra satisfactoriamente, confirmando que nunca a Igreja nem os Papas — no dizer de De Maïstre — pronunciaram palavra nem contra o systema de Copernico em geral, nem contra Galileu em particular. A Inquisição perseguiu-o porque elle imprudentemente quiz harmonisar a Biblia com o movimento quotidiano da terra. São paginas admiraveis estas, e nem sabemos o que é mais de estimar, se a erudição do insigne historiographo se a clareza da sua dicção, a um tempo selecta e persuasiva [1].

Pelo que respeita ao traslado para portuguez, o trabalho do snr. Seabra é muito estimavel e limpo de francezismos, quer na palavra, quer no boleio da phrase. Transluz da sua escripta uma diuturna convivencia com livros francezes e portuguezes simultaneamente. Ainda assim, peço licença para lhe offerecer duas ligeiras emendas que aproveitará, se as achar justas, na segunda edição d'este *Tratado de historia ecclesiastica*. A pag. 95 do tomo 1.º está escripto que no Apo-

1 Tratou luminosamente este importante facto historico o snr. João de Lemos nos *Serões da aldeia*, editados pelo snr. Chardron em 1876.

calypse se prophetisam o reino e a queda do *Anti-Christo*. O meu reparo está na palavra sublinhada que, pela maneira como vem orthographada, denota insufficiente comprehensão do que significa. Deve emendar-se para *Ante-Christo*. É a preposição *ante* (antes) e não *anti* (contra) que cumpre antepôr a *Christo;* por quanto, em alguns livros do Novo Testamento se mencionam prophetas falsos que tentariam fazer-se receber como Christos, e no Apocalypse se vaticina um poderoso monarcha, inimigo do christianismo, que ha de apparecer *antes* do fim dos tempos, e annunciar a derradeira vinda do Messias á terra. Esta presumpção apocalyptica desvaneceu-se, quando os mil annos assignalados se escoaram no seio infinito da eternidade, e o mundo subsistiu; mas, não obstante, no decurso dos seculos até ao começo do XIX, o epitheto de *Ante-Christo* tem sido adjudicado com grande esforço de imaginação a Nero, a Caligula, a Mahomet, a Luther e a Napoleão; mas está sobejamente demonstrado que a besta do Apocalypse, o Ante-Christo era o filho de Agrippina. A preposição *anti* (contra) anteposta a Messias dá-nos o equivalente de *ante-christo* — o scelerado que deve apparecer *antes* do fim do mundo para a final ser destruido pelo Messias na sua ultima vinda entre os homens. Os crentes d'este porvindouro inimigo do genero humano chamavam-lhe *anti*-Messias ou *ante*-Christo

— que importa o mesmo. Não sei a quem esta reflexão compete, se ao traductor, se ao author.

O snr. Seabra encontra no *Diccionario* chamado de *Fr. Domingos Vieira* exemplo de *Antichristo;* mas não ha que fiar na authoridade do diccionarista em criticismo philologico, posto que elle professe o magisterio do sanscripto. Tem o snr. Seabra por si mais solidas, e todavia erradas authoridades. No *Diccionario* de Constancio, em Bernardes (Sermões), nas *Obras* de S. Cyrillo, de S. Bernardino de Sena e de Santo Athanasio, que tenho presentes, encontra a mesma errada etymologia da palavra; mas nos authores que versam assumptos biblicos com profunda sciencia das raizes e derivações primordiaes, taes como Strauss, Réville, Renan, e quantos modernamente escrevem, acha o genuino sentido da expressão *antechristo.* Já no *Diccionario Popular* dirigido pelo snr. Manoel Pinheiro Chagas se encontra a palavra bem escripta e bem definida pela acertada indicação de Larousse.

A outra observação de certo entende integralmente com o traductor, que a pag. 232 do tomo 1.º verteu *Saint Antoine* para *Santo Antonio*, devendo traduzir *Santo Antão* logo que se tratava de um dos primeiros instituidores da vida cenobitica. Os francezes chamam a Santo Antão *Saint Antoine le Grand* para o distinguirem dos outros, e n'esta conformidade com certeza o menciona

Rivaux. É notabilissima e proverbial a tormenta que o santo padeceu com as visões diabolicas. Dramaturgos e romancistas têm tirado deshonesto proveito das mais ou menos lendarias angustias do santo. Ha annos que em Paris se cantou uma opera intitulada *La Tentation,* em que figura o santo e a turba das visões hediondas. Tambem o celebre romancista Flaubert em 1874 publicou em estylo pouco menos de irrisorio *La tentation de Saint Antoine.* Em Portugal, desde o seculo XVI, que se conhecem os *Mêdos de Santo Antão,* e o proverbio: *É feio como os mêdos de Santo Antão,* applicado ás pessoas ou cousas supremamente horrendas. Começára assim a exhibição, a meu vêr, tão indecente como a da opera e a do romance: no terceiro domingo de agosto de 1577 sahiu uma procissão do templo de S. Julião. Um homem posto sobre um carro representava Santo Antão no deserto, e em redor d'elle esfervilhava uma chusma de demonios com figuras de macacos tregeitando-lhe visagens medonhas. Entretinham-se n'isto os pios fidalgos que mostraram mais fé que pulso no seguinte anno em Alcaçar-Kibir.

Concluindo, o snr. Ernesto Chardron proporcionou em boa lingua patria aos portuguezes um sufficiente *Tratado de historia ecclesiastica,* urgentemente reclamada por tantissimos que ignoram idiomas em que constantemente se estão honrando as letras com primorosos livros religiosos.

CITANIA

POR

EMILIO HUBNER

Professor da Universidade de Berlim

Traducção de J. de V. — Porto, 1879. In-4.º

O PROFESSOR Hübner está áquem dos investigadores portuguezes que escreveram ácerca da *Citania*, desde que o snr. Francisco Martins de Moraes Sarmento submetteu á opinião dos doutos as suas investigações. A novidade unica que encontrei no opusculo é a interpretação hypothetica d'uma inscripção que não tinha sido ainda lida, e ficou, segundo a analyse allemã, ainda mais confusa. Escreve Hübner, consoante a versão do snr. J. de V.: «Não ha duvida que são letras, mas de que era? É possivel que da ca-

pella de S. Romão, ou de qualquer localidade proxima se extraviasse para a *Citania* alguma pedra tumular ou milliaria ou cousa similhante, ficando misturada com as antiguidades celticas. Confesso que não consegui ir mais longe na decifração do que aquelles que até hoje a tem tentado. O aspecto da letra não denuncía grande idade, alguns poucos seculos quando muito; eu leio o quer que seja de *broltruan de Dozo* (ou *Pozo*). Os peritos dirão se é possivel que isto seja um nome».

Como appella para os peritos, acode o snr. J. de V. em nota, e diz: «*Podia occorrer o nome* Beltrão, *se a sua feição moderna* não *não fosse tão evidente.*» Isto é tão claro como a interpretação de Hübner, acho eu.

Emilio Hübner nas *Noticias archeologicas de Portugal,* annotadas por A. Soromenho, tem outra decifração menos desculpavel. Foi a Vianna e viu a grosseira estatua que está no *Pateo* chamado *da morte,* na rua da Bandeira. N'esta figura está esculpido da cintura até aos joelhos sobre o saial da armadura o escudo dos *Rochas* que é uma aspa com cinco vieiras (conchas) em sautor. Hübner reparou n'este ornato que se lhe figurou uma cruz, *com que o povo pretendeu christianisar o mouro — que assim* (acrescenta) denominam *geralmente em Portugal e na Hespanha qualquer estatua antiga.* Sim, nós, os portuguezes, ás esta-

tuas antigas chamamos *mouros*. Quanto ás conchas heraldicas do escudo dos Rochas, escreve: *A applicação das conchas para enfeite do escudo n'estas costas banhadas pelo oceano não tem nada de surprehendente. Na murça dos peregrinos de S. Thiago, situado um pouco mais para o norte, repete-se o mesmo uso por outro modo.* (Pag. 104). É para estranhar que A. Soromenho nào elucidasse o sabio de viva voz, ou o não corrigisse quando lhe annotou o livro! Identica ignorancia do brazão em ambos não me parece curial.

De passagem direi duas palavras ácerca d'esta estatua que alli está sustentando uma velha fabula que o snr. Luiz de Figueiredo da Guerra reproduz no seu interessante livro *Vianna do Castello,* impresso em 1878, n'estes termos: «É tradição que um antigo senhor d'aquella casa, Rocha, fôra ferido mortalmente no ventre quando entrava no pateo; mas, animoso com o escudo, segura as visceras, e com a dextra prostra aos pés o inimigo, e que n'esse lugar jaziam ambos». Não duvido que um Rocha fosse assassinado n'aquelle *Pateo da morte;* mas a estatua não tem que vêr com o successo. O caso verdadeiro, com quanto seja sandeu, é de todo incruento. O solar dos Rochas era, desde o seculo XIV, em S. Payo de Meixedo, no termo de Vianna, entre o monte

d'Arga e a serra de Geraz, em uma antiquissima quinta chamada Portella, onde havia vestigios celtas e musulmanos, cisternas e estatuas romanas ou godas.

Um clerigo d'esta casa, D. Affonso da Rocha, abbade de duas freguezias contiguas, d'uma das quaes andava o padroado na familia, foi quem mandou abrir o seu escudo no ventre da estatua com uma perfeição relativa que muito destaca das brutescas fórmas da figura. Em 1622 era senhor d'aquella casa solarenga Francisco da Rocha, possuidor da estatua que só decorridos muitos annos veio para Vianna quando alli os Rochas estabeleceram residencia.

Um frei Manoel Correto, genealogico citado por frei Manoel de Santo Antonio no seu *Thesouro da Nobreza,* conheceu o fidalgo que vivia fragueiramente *n'aquella terra asperissima e de grandes mattos.* Nunca elle sonhou que, passados duzentos e cincoenta annos, viria lá do norte um sabio dizer aos portuguezes que os Rochas punham vieiras na barriga da sua estatua romana porque *S. Thiago e as costas banhadas pelo oceano* explicam as conchas.

Quanto á versão do snr. J. de V. devemos presumir que Hübner não é responsavel pelos erros de syntaxe do seu traductor, que principia d'este feitio: «Na região mais formosa do norte de Por-

tugal, que se chama na divisão antiga, provincia de Entre Douro e Minho, parecem os antigos emigrantes celticos da peninsula iberica, ou *Callaicos*, *terem* estabelecido suas vivendas, etc.» *Parecem terem* estabelecido?! Não sejamos todos... *callaicos!*

MARGARIDA

SCENAS DA VIDA CONTEMPORANEA

POR

JULIO LOURENÇO PINTO

ADMIRO esta formosa estreia. É um romance de observação, luminoso de realidades, de positivismo, sem as cruas analyses que materialisam e desgostam. Tem o sentimento do bello em que ainda se comprazem os bons e poeticos espiritos. É uma novella realista urdida com as locuções modernas, um pouco arbitrarias, mas sem desaire notavel do idioma, porque as palavras são quasi sempre portuguezas. O enfado não vence as graças do descriptivo quando se demoram em pormenores.

Remodelado pela escola já adulta e quasi a envelhecer em França, este romance do snr. Julio L. Pinto tem ainda entre nós o encanto da novidade; posto que as paixões enquadradas em molduras de feitios novos sejam d'uma antiguidade coeva dos vicios. A *Bovary* de Flaubert, a *Renée* de Zola, a *Luiza* de Eça de Queiroz, a *Adelina* do snr. Julio L. Pinto, e a *Armanda* de Bento Moreno, parecem contemporaneas d'umas a quem Jesus dizia com santa ironia que apedrejassem a outra, se estavam innocentes.

Observa-se n'estas peccadoras, segundo a escóla naturalista, um processo commum no peccado — uma coincidencia que tem certa moral. Solteiras e casadas tratam de occultar o seu vicio aos olhares implacavelmente accusadores da mobilia da casa; evitam conspurcar o recinto sagrado das mães e dos maridos. A Bovary vai esconder a sua lubricidade na Hachette; a Albina da *Faute de l'abbé Mouret* no Paradou; a Renée de *La Curée* na estufa do jardim; a Amelia do *Padre Amaro* na possilga do sineiro; a Luiza do *Primo Bazilio* no Paraiso ahi perto de Arroios, e a Adelina da *Margarida* no Trianon, em S. João da Foz.

Felicito estes authores, se o seu intuito é resalvarem a honra da casa propriamente dita. É muito louvavel este respeito lareiro.

O que ha, porém, com certeza, extraordinario

n'este romance, são os panoramas do céo, da terra e do mar — descripções miudas e veridicas, photographias ora lucidissimas, ora tenebrosas, que seguem passo a passo os personagens, de modo que as variantes do pensamento parecem dependencias das variantes da atmosphera. Depois, os sonhos. São tambem uma novidade os sonhos — esta insanavel inverosimilhança que expõe um author ao desgosto de o não acreditarem, por não ser natural que elle saiba pelo miudo uns sonhos atrapalhados que se esvaecem na memoria de quem sonha logo que desperta. N'esta especialidade me quer parecer que o author da *Margarida* sacrifica alguma parte do seu claro discernimento aos caprichos da escóla, porque sonha seis vezes. Em um romance recentissimo de Teixeira de Queiroz, *Os noivos,* não ha sonhos. Ao eminente romancista urgia-lhe cingir-se a este canon que elle estabelece no prologo do livro: *O romance moderno deseja a formação do sentir verdadeiro e desaffectado; por isso trata desapiedadamente tudo que é postiço e banal.*

No entanto, o snr. J. L. Pinto fez uma brilhantissima apresentação do seu talento; foi applaudido, e bem póde ser que, no segundo apparecimento, novo triumpho lhe seja feito como galardão de progresso. E este, conforme os meus votos, será a frugalidade do colorido, menos tintas fortes das que os bons entendedores de quadros

chamam *espinafres*. O imaginoso escriptor para ser perfeito romancista e vantajosamente eclectico, não tem que fazer senão tirar d'entre os diamantes as pedras falsas que se conhecem por serem mais crystallinas e menos consistentes que as verdadeiras.

O snr. J. Lourenço Pinto, em folhetim do *Commercio do Porto*, disse ha dias, pouco mais ou menos, que eu atacava com *estadulho* a escóla realista. Não lhe gabo a delicadeza da imagem nem a rectidão da justiça. Se eu, carreteiro brutal, arremettesse de estadulho contra a escóla em que se alistou o snr. J. L. Pinto, a sua MARGARIDA a esta hora devia estar abeberada em compressas de arnica. Desconfio que o agradabilissimo escriptor não exorbita em primores de cortezia e imparcialidade. Se lhe parece, conservemos as luvas, a badine, e nada de estadulhos.

CARTAS

DO

MARQUEZ E MARQUEZA DE TAVORA,

Suppliciados em 13 de janeiro de 1859,

A SEUS FILHOS

No *Catalogo dos manuscriptos da bibliotheca publica eborense, coordenado pelo bibliothecario Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara,* tom. I, pag. 294, accusa-se a existencia de duas cartas da marqueza de Tavora D. Leonor e do vice-rei da India marquez de Tavora a seus filhos, e remettidas a Lisboa em 24 de novembro de 1752.

Pela cooperação serviçal, intelligentissima e obsequiadora do snr. Antonio Francisco Barata, obtive traslado das duas cartas que se estampam

pela primeira vez, exhumadas da sua obscuridade de cento e trinta annos.

A carta da desgraçada marqueza vem confirmar a vaga tradição do seu distincto e até extraordinario espirito entre as fidalgas portuguezas do seculo XVIII. Alguns escriptores seus contemporaneos inculcaram os predicados intellectuaes da marqueza; mas nenhum nos offerece prova efficaz para que não desconfiemos que a dependencia, o affecto e a cortezia aduladora houvessem exagerado as affirmativas do padre Theodoro d'Almeida, do *Camões do Rocio*, e dos numerosos historiadores do vicereinado do marquez de Tavora. Em abono do talento singular da vice-rainha havia tambem o depoimento de alguns escriptores favorecidos do marquez de Pombal; esses, porém, davam á sinistra superioridade de D. Leonor as côres tragicas d'uma desenfreada ambição, servindo-se das armas tredas do espirito sobre a estupidez dos outros conjurados na morte do rei.

Esta carta nos dá o perfeito retrato d'essa grande mulher problematica. Ahi se vê a condição rija e audaz que sobranceia destemida as tormentas do oceano, os trances das epidemias, as perspectivas formidaveis da guerra com os selvagens. Ri-se dos homens que choravam quando as vagas cavavam o abysmo da náo; chama *semsaboria* não encontrar em todo o transito de Moçambique á India um inimigo com quem pelejar;

descreve os preparativos para uma abordagem com umas tonalidades jocosas que nos dão ares d'um capitão de mar e guerra encarvoado pela polvora das amuradas dos corsarios. Esta carta explica a valente mulher que subiu intrepida e sem amparo dos frades, com as mãos algemadas, os degraus que a conduziram ao cadafalso.

Como descripção das costumeiras goêsas, a carta raramente denuncia pulso feminil; passa depressa e á superficie por coisas que deviam impressionar uma lisboeta de primeira raça, e vae mais de vontade para os traços fundos e viris dos actos da governação, da decadencia de Portugal na Asia, e da vacuidade apparatosa do fausto dos vice-reis mal estipendiados. Mette a riso o *cavallo de estado*, e acha que elle, o cavallo, só de per si, abarca e consomme todos os rendimentos da India lusitana. Fina ironia. Ainda assim, a dama, a mulher transluz em uns assômos de vaidade traiçoeira, e n'uns terrores sagrados que a estarrecem quando penetra nas torvas naves do templo de S. Francisco Xavier.

Da India de Affonso de Albuquerque, nos paroxismos da sua gloria carniceira, não sei de paginas mais ligeiras, noticiosas e desenfadadas. Chegam a ser comicas na sua ingenuidade despretenciosa. No seu tempo não conheço escriptor que virtualmente as escrevesse mais interessantes; mas haveria muito quem as compozesse melhor-

mente orthographadas. Não se preoccupava d'essas miudezas a saudosa mãe escrevendo a seus filhos. Bem sabem que não havia diccionarios da lingua, tirante os do padre Raphael Bluteau, uns in-folios ponderosos, cujas toneladas a nau poderia levar a Goa com mais ou menos risco de ir a pique, mas que as mãos opalinas e translucidas da vice-rainha não folheariam decerto, quando tinha o coração a desentranhar-se em saudades de seus filhos a quem escrevia.

Se havia quem se lhe avantajasse na desigualdade e fantasia orthographica era o vice-rei. Os historiadores hostis não lhe fizeram grande injustiça alinhando-o na fileira ordinaria e inculissima dos fidalgos seus coevos — exceptuados os da *Academia de Historia,* que esses, além da orthographia, sabiam umas coisas de pôlpa que as nossas atonias cerebraes modernas já agora não vingam esmoer. Não se parecia o marquez de Tavora em lettradices e proezas com D. João de Castro; mas estava como elle em orthographia e parecia contemporaneo de todos os governadores do imperio indico no seculo XVII. Na sua carta á filha condessa de Athouguia, ressuma um frio desleixo de ternuras paternaes: é o soldado que conta proesas um pouco assopradas e vangloriosas, com seus inchaços de orgulho, para que a filha as vá divulgando até ao paço, e não se exime

de arguir a indifferença do rei pelas coisas da India.

Na reproducção d'estes documentos commetti a infidelidade de emendal-os n'essas faltas que, sem macularem o merito real do escripto, offenderiam a sensibilidade dos olhos do leitor como uma carta phonetica do snr. Barbosa Leão. E reprovarei sempre a escrupulosa fidelidade dos divulgadores de codices antigos, quando me não convencerem de que taes escriptos são monumentos philologicamente veneraveis e intangiveis. Prestantissimos livros de historia motivam o desgosto do maximo numero de leitores com a sua orthographia e ausencia de pontuação. Se o entender esses authores é util, dispam-se das fórmulas archaicas, significativas d'uma pobreza e d'um atrazo que nos não importa estudar; tirem-se-lhes sem desfalque dos erros geniaes, mas ás vezes divertidos, da syntaxe, os desaires da palavra absurdamente escripta, desfigurada e fastidiosa para a maioria dos que desejam saber.

De fóra parte o que ahi ha historicamente importante n'esses dous documentos, a mim o que mais me commove, interessa e compunge é pensar que estas duas cartas eram enviadas aos filhos por dous paes extremosos que, volvidos sete annos, eram e mais os seus filhos queridos, espedaçados e queimados n'um cadafalso.

CARTA DA MARQUEZA

Meus filhos do meu coração. Venci pela misericordia de Deus a batalha com tão feliz viagem, que não ha memoria d'outra similhante, sem a mais leve molestia, nem minha nem de teu pai. Chegamos á barra de Moçambique com 83 dias de viagem. Ahi tivemos o enfado de nos acalmar o vento, e não podemos entrar para dentro; e, como n'estes logares são furiosissimas as correntes das aguas, se penetrou de temor o capitão de mar e guerra e mais officiaes da nau, que deram a viagem por perdida, e chorando todos pelas barbas abaixo, assim nol-o vieram dizer, suppondo-nos já cahidos no parcel de Sofala, ou nas ilhas de Angoxe, de d'onde, para sahirmos, necessitavamos ao menos de dous mezes e meio mais de viagem, além de trabalho, e faltas de mantimentos, que experiméntariamos, e mais que tudo não podermos apanhar a monção para chegar este anno a Gôa.

N'este apêrto, começou teu pai a alentar aquella gente o melhor que pôde, exortando-os á paciencia, e mostrando-lhes que aquella infelicidade não era a primeira vez que succedia; que outros muitos tinham já passado por ella, e a tinham vencido; — que se Deus não permittisse que chegassemos á India n'esta monção, contra a sua di-

vina vontade se não devia emprehender nada; que o perigo era duvidoso, e ainda não era certo, como elles o suppunham; a que responderam, que só por milagre deixaria de ser certo; e eu, que até alli só tinha ouvido, lhe respondi que, se não era necessario mais que um milagre para nos tirarmos d'aquelle passo, que esse faria Deus, se todos confiassem n'elle; e, com effeito se obrou; porque, ao outro dia, ao meio dia, se achou pelo sol que só tinhamos descahido nove leguas para o mar, e nos achavamos na mesma altura da barra de Moçambique, que podemos tomar com facilidade 4 dias depois com 87 de viagem. Em todos elles não experimentamos mais tormenta que a da tarifa, que essa é indispensavel, no cabo da Boa Esperança, chamado *tormentoso* pelos nossos historiadores.

Na quarta-feira de noite, começou a ventar rijo, e os mares a levantarem-se, castigando assim o atrevimento com que os desprezei: na quinta-feira já se não disse missa, pelo não permittirem os ventos e os mares, que estavam furiosos; na sexta-feira, já ia tudo pelos ares, e eu tambem com colxões, e tudo ia ficando esmagado; se teu pai e Suzana me não apanhassem no ar, me cahiam em cima dous bahús que, estando pregados e amarrados, foi tal o balanço, que deu a nau, que tudo arrebentou; e tivemos chuva de laranjas, porque as redes, em que estavam, se

romperam, e nenhuma ficou em cima; e foi cousa digna de reparo que, estando a camara cheia de mulheres, se não ouviu o mais leve rumôr, ao mesmo tempo que lá por fóra houve entre alguns barbados, que vestem camisa lavada, lagrimas e pulsos alterados. Este trabalho, ainda que mais moderado, nos durou cinco dias, e foi tal o vento e a corrente que n'elles andamos 412 legoas.

N'estas occasiões se experimenta toda a casta de descommodos: come-se com trabalho, dorme-se sem socego; porque além de não o permittir a inquietação, tudo n'ella é bulha e confusão, e me parece que ficaria com uma d'estas occasiões inteiramente satisfeita a curiosidade dos senhores marinheiros lá d'essas aguas dôces do Paraiso das delicias; que a nós da salgada nos entrou tanta dentro da tal nau, que na praça de armas nos morreram dous canarins que estavam em convalescença, inteiriçados, por não dizer afogados, não tendo estes forças para resistir ao impeto com que entra a agua em uma nau sem pontavante, quando os mares são da força de que os não suppõem quem nunca os passou d'aquella casta; mas, sem embargo do horror com que os pinto, estou muito prompta para voltar logo que pela misericordia de Deus se nos acabar esta carga tão pezada para uns hombros honrados. Tivemos muitos doentes; porque muitas vezes passaram de cem; mas não foram a maior parte

d'elles perigosos. Logo que sahimos da barra, nos começou uma epidemia de sarampo, de que um só malignou e morreu. Foram todos assistidos com tal cuidado, que até o comer dos doentes se vinha repartir á tolda; e a distribuição para a enfermaria era sempre assistida de um official, e a qualquer hora da noite tinham o que era necessario; e, por se não accender lume na nau, nem se faltar aos doentes, se lhe accendia na camara fogo com espirito de vinho, e com as caldeiras do chá se serviam; e como o rei cura aos doentes, mas não aos convalescentes, tinha teu pai sempre oito e dez, que sustentava com bons mantimentos para que lhe não recahissem; e com estas cautellas não tivemos mais que dez mortos, em que entraram dous tisicos confirmados, que assim os mandaram para a nau da India, e logo foi preciso separal-os, para que se não communicassem. O physico-mór tem servido maravilhosamente e da mesma sorte o está fazendo no hospital, e sempre se tem conservado muito contente da sua vida. Em Moçambique estivemos dous mezes e sete semanas; depois de nós entrarmos em terra chegou a nau do arcebispo, que sahiu comnosco de Lisboa, experimentando em diversas partes sete grandes tormentas, e com 33 mortos. Do clima de Moçambique não podemos dizer mal, porque sempre passamos bem. Fui recebida com grande admiração, e me conferiram do

seu moto proprio as honras de rei, que é debaixo de palio, e com *Te-Deum,* e repiques de sinos. As viuvas tiraram todas o luto, que n'estas partes é tão apertado, que até a camisa é negra, e todas me visitaram de galla, e na maior magnificencia. O corpo dos mercadores gentios e mouros me buscou, me offereceram o saguáte, entre elles mais distincto, de varios frasquinhos de oleos, com que elles se bezuntam e ficam mui fedorentos, por modo de cheiros. A ilha é muito pequena, e por negligencia dos moradores não tem nada dentro em si, sendo o paiz o mais proprio para produzir, que eu vi em parte alguma do mundo; porque logo da outra parte do rio, que não é largo, entra a terra firme por um paiz tão dilatado, que chega até ás ilhas de Cabo Verde: este está todo inculto: vê-se a fertilidade da terra no feno, que cobre pelos mattos um homem a cavallo, e com a espiga na ponta, como de sevada. A hortaliça, que se semeia, se colhe em vinte dias; mas não a ha, porque a não semeiam. As parreiras dão uvas tres vezes no anno; mas não ha mais que tres... em toda a ilha: porque as não dispõem. As figueiras e bananeiras dão todo o anno; mas são raras. O gado é admiravel; mas só o tem duas ou tres pessoas, por curiosidade, para o vêrem. A caça é infinita de toda a casta. Nós em um dia matamos trinta e tantos veados grandes e pequenos: e foi, indo só ás primeiras

moitas, e não penetramos mais pelos mattos dentro por acharmos rasto fresco de vaccas bravas e tigres, que não podiamos seguir, por ser toda a caçada feita com gente de pé, e toda a caça cahia em redes.

No dia, em que passamos á outra banda, nos estava esperando toda a negra milicia d'aquellas aldeias, que chegará a 500 homens, tudo negro, e nús sem mais cobertura alguma, tudo armado de arcos e flexas que são as que usam, e nas suas frentes estavam os officiaes maiores. O principal é o Macondé e os que se seguem os cheques, e com elle estava na frente o principe Banadaú ou Alquiná, a quem a nossa côrte sustenta pelos grandes serviços do principe seu pai que perdeu os seus estados em nossa defensa: soccorreu Mombaça, e com tal felicidade, que estando já morta toda a guarnição portugueza, se conservava unicamente um rapaz, a quem o principe ia todas as noites entregar as chaves da fortaleza, depois de a defender valorosamente todo o dia, até que foi soccorrido, e a praça por esta vez livre pelo seu cuidado. Fizeram-nos as suas continencias os officiaes maiores, a que chamam *Pembrar;* e estas só as fazem similhantes pessoas aos soberanos, e isto é parte de toda a guarnição, e sae d'ella o cheque com arco e flexa, vem direito a nós, como a matar-nos, e, a certa distancia, começam os seus exercicios, que todos

são violentissimos, e aos saltos; caras horrendas e gestos que fazem, em nada differem de macacos, e assim continuam por toda a roda até que estando aquelle já meio morto, sae outro a rendel-o. Com esta gente toda, fizemos nos dous dias seguintes a caçada. O modo d'ella é repartir-se a bater as moitas, fazendo cêrcos, e obrigando a caça a vir sahir a uns grandes vallados, que ha de distancia em distancia, onde nós esperavamos, e só alli se póde atirar, quando a caça desce ao valle; estava formosissimo, marchando mais de 2:000 palanquins magnificos, porque assim são todos, cada um ás costas de quatro grandes negros, e dous dos lados com sombreiros de velludo com grandes bollas de prata; e sahindo de toda a parte aquella quantidade de gente, tudo de diversos modos. Os negros nús, enfeitados com penas e missangas; moùros e gentios vestidos de branco com seus turbantes e alfanges, que parecia uma entrada de touros; e nós entre estes caxorrões, dispondo com harmonia um agradecimento benevolo, de que elles se agradaram tanto, que veio um Macondé á noite agradecer com um presente que constava de muitas bananas e ananazes, e seus barriquinhos grosseiros.

Assim fômos entretendo dous mezes de Moçambique, teu pai com os seus exercicios e eu com o meu jogo, ambos com saude de mariolas, até que chegando o tempo da monção nos em-

barcamos no dia do nosso S. Bernardo, 20 de agosto, para esta côrte de Gôa, e por falta de vento nos não podemos fazer á véla antes do dia 22, e como faziamos conserva á corta-nabos, e a nau de viagem a não podemos vencer em menos de um mez, entrando n'esta barra no dia 22 de setembro, e sempre de Moçambique para aqui viemos em tom de guerra preparados para encontros com os inimigos, e se fizeram todas as disposições para o combate, pondo-se prompta toda a artilheria, que no Cabo da Boa Esperança tinha ido abaixo; e, repartindo a cada um seu logar, se tocava varias vezes a rebate. E com isto se pôz tudo em tão boa ordem, que foi sensaboria não apparecer embarcação inimiga, como se esperava, por termos sahido mais tarde de Moçambique e nos termos dilatado mais tempo na viagem por conta da conserva.

Chegados nós, e depois de darmos fundo, se seguiu logo o desembarque que foi formosissimo. A nossa nau estava muito limpa e enfeitada com todos as seus pavezes. Veio buscar-nos o vice-rei marquez de Alorna na manchua de estado, acompanhado de toda a nobreza de Gôa, que são muitas e infinitas manchuas e balões, tudo luzido, porque aqui ninguem anda de outro modo. Fômos com o vice-rei velho desembarcar ao convento dos reis, que é de franciscanos, onde o vice-rei novo fica hospedado por conta de el-rei,

emquanto o que acaba se muda, para deixar desembaraçado o palacio, que assim se chama, ainda que o não pareça. Na egreja dos reis entraram os dous vice-reis debaixo do pallio e a vice-rainha no meio d'elles, encostada no mordomo-mór da rainha, que para lá mandou, depois de se cantar o *Te-Deum*, estando na mesma ordem em tres almofadas, ficando a minha sempre no meio. Fomos para cima receber os cumprimentos de toda a nobreza, que é infinita. Na praia estava formado, e perto das escadas até cima, um formidavel corpo de granadeiros, que infundia respeito; e na limpeza em nada differem aqui os soldados dos officiaes. Quatro dias depois, viemos para o palacio conhecido pelo nome da *Caza da polvora,* que está ornado á custa de el-rei. Os primeiros dias estive com bastante descommodo; mas, como unidas a estas estavam outras em que os vice-reis tinham acommodados os ajudantes generaes, as mandou reparar o Senado, em fórma, que já estou com decencia e commodidade; e no dia dos annos de teu pai, dei já *audiencia:* que assim se chama, no meu quarto concertado, com movel ajustado a elle, e nada foi por conta da fazenda real, a que não tenho gasto nem cinco reis, e querendo o vedor da fazenda accrescentar algumas cousas por conta da minha vinda, teu pai não quiz consentir, e tambem se não fazia preciso; porque os reis, que criaram este lugar,

cuidaram muito em que não faltasse nada á authoridade e grandeza d'ella. Aqui só o soldo não corresponde ao mais; porque n'aquelle tempo se gastava tanto menos, que uma das parcellas, que cobra o vice-rei, são mil xarafins, que valem 300 reis cada um para 70 criados, além dos principaes, que são pagos de fóra parte, e de mais seis reposteiros, e 36 marinheiros, que estão sempre promptos para servir as duas manchuas de estado. Estas differem de todas as outras em trazerem um estandarte com a cruz de Christo, que é a bandeira de estado, lampião na poupa, e 28 remos, não podendo as outras passar de 14. Paga teu pai de fóra parte, 4 homens para o palanquim, e dous para os sombreiros, e quatro, que trazem a cadeirinha em que eu ando, e dous dos sombreiros. Todas estas gentes trazem as librés da casa real, e as armas; porque o vice-rei não se serve de outra, e na mesma fórma é a farda do capitão da guarda, e mais officiaes da companhia, vermelha com veste azul, e galões de ouro, excepto quando monta com a companhia, que então é da mesma fórma, que os soldados com couras de anta e peitos de aço, que ficam nobremente; e os officiaes só differem em terem as couras agaloadas, e forros de veludo carmezim nas mesmas couras.

Ao terceiro dia depois de mudados para o palacio, tivemos visita de Castarrasse, general n'esta

fronteira, e embaixador do rei de Sunda, expedido ainda ao marquez de Alorna a dar-lhe os pezames da morte da marqueza; e assim que a visita, que nos fez, foi ainda como particular. A barbaridade d'aquelle fausto não deixa de ter nobreza indecente. Marcha um corpo de trombetas chamadas *Rïbanas,* cada uma de mais de duas varas de comprido, em que elles assopram com a maior força que podem, sem que faça nenhuma consonancia: seguem-se depois tres officiaes da sua casa a cavallo com bandeiras de seda, como as das nossas procissões: vem logo grande quantidade dos seus criados a pé; entre elles as bailadeiras, dançando ao som do tamboril; estas vem cobertas de ouro nos braços, cabeças, pés, orelhas, e narizes furados, cahindo-lhes d'elles, como moncos de ouro; e isto das bailadeiras entre elles é tão preciso, que é quasi um acto de religião. Segue-se um cavallo de mão, e depois o palanquim entre a guarda, que nunca é menos de 50 sipaes muito bem armados, e as armas guarnecidas de prata. Esta comitiva não passa da sala. O vice rei a espera na segunda casa do docel debaixo d'elle, assistido dos seus criados, que formam parede, e todos os fidalgos, e os que tem fôro, ficando todos os mais de fóra. O embaixador faz seu cumprimento, que explica o lingua do estado, a que o vice-rei responde com urbanidade. Depois de cumprimentar teu pai contra os costumes asiaticos, me

mandou recado, e eu fui tambem fazer o meu papel, que para quem começou tão tarde não tenho aprendido mal, de que elles estão pasmados — de que uma mulher ande, appareça, e falle, como homem, que é o modo porque se explicam.

Depois d'esta visita se seguirão as dos Becaes, que são uns grandes senhores dos gentios, que estão dentro dos nossos dominios, e todos com mais ou menos pompa, mas nenhum sem ella, nem sem a sua guarda de cipaes, mais ou menos numerosa. Esta gente é supersticiosissima. Tem formado os seus prognosticos sobre a minha vinda, e da resolução, que teu pai tomou de me trazer a um paiz tão ameaçado, reduzido ás maiores tristezas, e rodeado de inimigos, inferem a destruição de todos elles; e com esta conta tem feito os seus calculos, que tudo são governados por horas; e assim acharam felicissima a da posse, e da entrada de Gôa, em que observaram dous arcos iris, um para a parte do norte, outro ao sul. Estas cousas entre elles são como para nós os Evangelhos.

Esquece-me contar-te do *Saguáte* do embaixador do Sunda. Este é offerecido em audiencia em publico; porque a maior descortezia entre os gentios asiaticos é apresentarem-se a pessoa grande com as mãos vazias. O vice-rei o recebe pelo seu capitão da guarda, e quando é mandado pelos reis pertencem á nossa rainha; e el-rei é quem paga o presente; porém este, como em particular, foi nos-

so, é pago por nós; mas nada presta. Constava o meu de tres peças de chita, e uma cinta verde com pontas de ouro: o de teu pai uma peça de chita e duas cintas, que entre elles são tócas, e uns lenços maus. Isto, logo que se recebe, se manda avaliar aos mercadores para se dar cousa que custe mais; e lhe mandamos dous córtes de veludo, um azul, outro carmezim, cousa que elles muito estimam para se embrulharem n'elle assim mesmo em peça.

No dia dos annos de teu pai, tive os costumados parabens da nobreza, que recebi na fórma do estylo das audiencias, com os mesmos officiaes de casa, e concorreram tambem os ministros, e as camaras de Bardez, Salsete, e Gôa, dizendo que vinham alli da sua parte e dos povos agradecer-me a honra de vir pizar tão remotos paizes; e, n'este dia, dá o vice-rei de jantar, como tambem nos dos annos de el-rei, que foi escolhido para a entrada. Este acto, além de ser mais nobre, é famosissimo. O vice-rei sahe na sua manchua de estado, sentado no meio do toldo em cadeiras de espaldas, e aos lados o capitão da guarda, e da manchua, pagem da campainha, e estribeiro-mór; em duas alas de embarcações vai a nobreza acompanhando; desembarca o vice-rei em um formosissimo caes, que está todo alcatifado, e com varandas nos lados mui cheias de ramos de flôres. Junto logo ao caes está a companhia da guarda, e se põem diante

d'ella o capitão, que acompanha o vice-rei até á sé, cujo caminho está todo de arcos de distancia em distancia, que inculcam aquelle triumpho; e a infanteria está toda posta desde o caes até á sé. No primeiro arco espera o senado, e alli faz um d'elles uma grande arenga, que se estuda muito tempo, a que o vice-rei respondeu com outra muito mais curta com todo o desembaraço. Na entrada da sé deita o arcebispo agua benta, e se canta o *Te-Deum*. Eu vi toda a funcção da casa da Relação com as senhoras principaes da terra, que foram commigo. D'estas muitas d'ellas são muito bem parecidas, e não tem nada de ridiculas. O seu traje é um inglez mestiço, e hoje já é verdadeiro (?) porque se vestem já como eu me visto. Andam magnificas, cobertas de joias, e o ponto está em que sejam muitas: ninguem cuida em que sejam boas; e d'estas não tenho cá visto. O concurso do povo foi extraordinario; e, como homens e mulheres tudo anda de branco, faz grandissima vista. O traje dos gentios e mouros é como dos nossos disciplinantes; e em lugar do capello, que trazem cahido, elles o enrolam para cima, e fazem o turbante. As *Bayas,* que são naturaes da terra, de gente commum, trazem uns lenços muito brancos, e d'estes formam, pelo modo porque o põem, saia e manto, como os da Europa; e d'alli para dentro tudo está nú e descalço, com uma especie de pandeiros nos pés, e

anneis nos dedos dos pés,—que só se permittem estes emquanto não casam.

Tem o vice-rei celebres authoridades [1], porque na manchua não faz cortezia a ninguem, e a manda fazer pelos capitães da manchua, e com esta cortezia de procuração, ficam todos doudos de contentes. Tambem gostei muito da assistencia do cavallo de estado; porque, havendo mais, só um, e estando com seus companheiros, tem uma luz só para elle, tem duas rações e tres criados para o servirem, um para lhe dar de comer, outro para o alimpar, outro para o ir ferrar e levar a beber, uma porção de dinheiro para fitas, que não é pouco; porque aqui são muito caras; —outra dobrada para ferraduras; e emfim a principal renda do estado é para o cavallinho; porque elle só passa de mil e duzentos xarafins, que cada um são tres tostões.

O marquez de Alorna se tem havido comnosco com todas as demonstrações de amizade. Quando me avistou a bordo, me fez um cumprimento com a sua costumada discrição. Eu, sem tanta, o insensei, como soube, dizendo-lhe que ás acções de sua exc.ª tinham dado tal brado no mundo, que eu me não contentava com menos

1 *Prerogativas*, deve entender-se.

que vir admiral-as áquelles mesmos paizes, onde tinham sido obradas. Tem-nos enchido de presentes de todas as preciosidades que produz a Asia, de que só reservou teu pai para si uma bengala de rubis e diamantes, e o mais o estimamos para poder ter alguma cousa que repartir com vossês este anno, porque dentro em Gôa não ha nada; tudo aqui vem de fóra, e isto de encommenda, como são de partes mui distantes, e cá tudo depende de monções. A primeira nau da China, que aqui se espera, é em maio, partindo estas em janeiro; com que, se lhes parecer pouco, não entendam que é para nos ficar cá muito; porque tanto eu como teu pai de boa vontade os fariamos senhores de muito, se podér ser pelas portas dianteiras, que as travessas são defendidas aos vice-reis.

O capitão da guarda do marquez de Alorna tambem me deu dois excellentes guarda-pés bordados na China; e a mulher de D. Luiz Caetano de Almeida, que já governou este estado, tambem me deu um presente de galantaria, que constava de tres peças de chita muito fina, das quaes vão duas; porque d'estas não as ha senão de encommenda; tres peças de cassa bordadas de raminhos, e uma peça de lenços; e tudo o mais, que vae, é comprado com o nosso dinheiro, e mandadas fazer aqui as obras de ouro, em que trabalham excellentemente; e vae o rol dos presentes

do marquez de Alorna, para que vejam lá junto o que nós de cá repartimos em partes, e a differença que vae de um vice-rei, que acaba de chegar, a outro bem succedido, depois de sete annos de India de que Deus nos livre e a todos, e a todo o fiel christão, e a nós com especialidade; porque o trabalho do vice-rei, sem fallarmos no do espirito, porque esse não se póde explicar, é excessivo o corporal; porque as horas do despacho são muitas, e o tempo que se furta a elle é preciso para lêr, e responder ás cartas, que continuamente vem pertencentes ao mesmo estado, cujas noticias raras vezes deixam de dar cuidado. Alem d'isto, as expedições são continuas; e n'estes dois mezes houve já a do sul, e a do norte, d'onde esperamos com impaciencia as noticias: porque o principal destino d'esta foi ir expulsar um novo pirata, que se começava a levantar na visinhança de Dio, e já ia engrossando de sorte, que n'àquella costa não havia com elle embarcação segura. Deus permitta o bom successo d'esta primeira expedição; porque d'isto vae muito por estas partes de que os principios sejam felizes; e como começo esta com tanta antecipação darei a seu tempo as novas que vierem.

Alem d'isto, o vice-rei é regedor, e cumpre com as obrigações que vossês bem vêem por lá, que são muitas: assiste no desembargo do paço e como presidente ás juntas das missões, e conse-

lho da fazenda: emfim este mesmo homem é preciso reproduzir-se em muitos, fazendo o officio de todos juntos ao mesmo tempo, sendo aqui mais violento o trabalho pelas excessivas calmas que se experimentam, sem que em tempo nenhum tenham diminuição; e tal augmento nos mezes de março, abril e maio, que são insuportaveis. Este excesso de calor entende com todos os naturaes ou mais ou menos. O nosso arcebispo, que é um exemplarissimo prelado, já teve a sua pitança de *Reynol*, como cá chamam, em uma maligna de que está livre. A nossa familia inteira teve mordachins, de que teu pai provou: tambem lhe deu com bastante força, e por essa causa se purgou, usando tambem da medicina, que a terra applica para similhantes enfermidades; a qual é melhor, digo uma colica tão violenta, que ás vezes mata, e a cura, que prova melhor, é exquisita; porque o *mordachinado* se estende no chão, e alli com uma ligadura forte lhe apertam a cabeça primeiro, e depois todas as juntas até aos pés com toda a força de um homem, torcendo-as por cintas com um arrocho até que se queixe bem o apertado, a cujo sacrificio se offereceu teu pai com aquella mesma resignação, com que recebe sempre todo o remedio. Eu a tudo tenho escapado, seja Deus bemdito pela misericordia, que tem usado commigo.

A cidade está quasi extincta, e hoje só se com-

põe de conventos, que são muitos; e, além d'estes, não terá a cidade quatrocentos moradores; e toda a gente principal tem edificado casas pela borda do rio, de um e outro lado, nos sitios, que foram achando mais saudaveis; e por esta razão foram desamparando a cidade por doentia, ficando tudo espalhado; e ninguem vive senão na casa de campo—o que faz a borda do rio summamente agradavel. As egrejas são magnificas: a de S. Xavier é parecida com a de S. Roque; mas, a primeira vez que alli entrei, me infundiu tal respeito que estava tremendo, e como uma pessoa muito envergonhada. A capella é feita por galante modo; porque podem ao mesmo tempo dizer missas quatro padres embaixo de um altar com todos, e para cima fica o tumulo do santo, em que se anda á roda, e um de quatro faces, e nas tres tem tres altares: a obra é excellente, e mandado fazer tudo pelo grão duque de Florença: é um pedestal sustentado por columnas de pedra as mais preciosas da Italia, todo guarnecido de laminas de pedra aberta em ramos de flôres atados com laços de fita, que verdadeiramente o parecem. Tem mais quatro passos da vida do santo, o melhor em que d'aquelle genero se póde pôr olhos. Este pedestal terá cinco covados de alto, e em cima está feito de prata o tumulo do santo, onde os vice-reis vão todas as sextas-feiras, e teu pai pôz, como se costu-

ma, o bastão na mão do santo no dia que tomou posse do governo.

Domingo seis de dezembro houve auto de Fé, e fui convidada pelos inquisidores para vêr da sala do santo officio: e no oratorio d'elle me disseram missa. Foi primoroso, e cá as culpas todas são de idolatria. Não houve mais queimada que uma estatua, o que estimei muito; porque esta não padecia por ter morrido nos carceres; e houve relação, que é o que eu desejava para vêr brilhar os snrs. desembargadores, que todos se apuraram na presença do seu regedor. A mim me fizeram logar na relação, e á saída me acompanharam ao tribunal; que se me vira a condessa de Redondo, certamente se banharia em agua de flôr.

Tenho acabado as novas, que me lembram; agora passo ás do estado, o qual está com pouquissimas tropas, e as que ha quasi todas são necessarias para as guarnições das praças. A de Neuter é tão doentia, que quasi sempre destroe a sua. A marinha acha-se falta de embarcações, e de gente; mas a Providencia, que sempre acóde, fez animar uma guerra entre os nossos visinhos, mais poderosos, que em muitos annos se não desembrulham: uns d'estes são os maratas, cujo rei tinha sido posto no throno por um d'elles; e por esta razão conservava tal dominio n'elle, que o pobre rei não tinha mais que o nome. Este tem uma avó chamada Tarabay, mulher summamente

espirituosa, a qual chamou o neto e lhe disse, que era muito indecoroso, sendo rei, estar parecendo vassallo do seu bemfeitor; que era tempo de tomar o seu logar, e sacudir este jugo; e para se dar principio a isto, se refutou ao maratá uma cousa, que elle pediu; e conhecendo elle as consequencias d'isto se deu por desconfiado, e se retirou á sua côrte de Ponena, e ajuntou um exercito de 70:000 homens.

O rei, que ainda se não fiava das suas forças, cuidou em se congraçar com elle, e para isto se buscou o pretexto de que o rei iria á côrte do Maratá ser padrinho de uma filha, que lhe havia nascido, o que se executou; e ficou a paz senão feita ao menos em bom principio. Entrou o Maratá em novas pretenções, pedindo ao rei seu pupilo, que confiasse d'elle a guarda da fortaleza de Gôa, ou serra de Satará, onde se conserva o thezouro do defuncto Chasse Baze pai, ou avô d'este nosso rei, que foi o que nos tomou o norte; homem dotado de grande valor, e igual esphera de entendimento; e juntamente das mais fortalezas, que estavam nas mãos de diversos cabos; porque só assim se gabaria de traições, e se mostraria agradecido ao cumprimento, em que elle não ha conhecido; porque o Maratá o tinha levado ao throno. A velha Tarabay tendo noticia d'isto, e conhecendo a ambição do Naná, sahiu apressadamente de Panem, e veio para Satará, e se met-

teu logo na fortaleza de Gozo; e depois de recebida n'ella pelos que a guardaram ainda do tempo de Chasejaza, conseguiu levar tambem para a mesma fortaleza as duas mulheres do neto, que estavam no seu palacio com guardas do Naná, postas por boa amizade, as quaes lhe quizeram impedir a sahida: vendo ellas isto, disseram que o seu desejo era vir fazer oração ao pagode, e que, se desconfiassem, d'ellas ficaria uma, em quanto ia a outra; e assim enganaram aos guardas, que permittiram a sahida de uma d'ellas, e para isto lhe mandaram um só palanquim, em que ellas se metteram ambas, como poderam; e como ninguem se atreveu a ir examinar um palanquim fechado, que levava a mulher, sahiram, sem que se soubesse; e, tomando caminho ao pagode, se aproveitaram de outro que as conduzia á fortaleza, onde entraram, e a primeira noticia, que houve na côrte, donde sahiram, foi a da artilheria da praça, onde foram recebidas e salvadas. A velha Tarabay, depois de conseguida a manobra, passou logo a escrever a todos os cabos maratás, convidando-os a servirem, para que o grande poder do Naná Romarage, que é o nome do rei pupilo, achando-se do exercito do Maratá, mostrou ter-se descuidado muito do procedimento absoluto do avô, e com o consentimento do Naná partiu para a fortaleza, acompanhado das guardas do Naná. O avô, vendo o

neto dentro, mandou fechar as portas da fortaleza, para que elle não podesse sahir, e combater as guardas, que se viram obrigadas a retirar-se, deixando dentro da fortaleza a pessoa, que guardava, que o Naná se viu obrigado a deixar, por continuar o projecto, que tinha começado nas terras do Bozarate, nas quaes havia grandes contendas entre a côrte de Ponem, e do Baro, cabo do Maratá dos mais poderosos.

Deixemos estes proseguir o seu caminho, e passemos ao Angriá. Este se acha nas nossas visinhanças, fazendo guerra ao bom Sulá, o que por esta causa se acha no ultimo aperto, por não ter feito ainda comnosco a paz, que agora nos pede com justiça, e da mesma forma o Angriá, para o que tem aqui dous residentes. Com todos se vai entretendo a pratica para se fazer mais vantajoso o partido do estado. Os arabios tambem mandaram embaixadores, que vem pedir a paz, e procurar um tratado de commercio utilissimo para o estado; porque nos offerecem pôrnos aqui os cavallos necessarios, de que ha n'elle uma falta extraordinaria; porém a lingua arabia é de sorte difficil, que ainda não houve quem traduzisse a sua carta, e se não sabem bem as circumstancias d'ella.

O Maratá tambem aqui mandou, e todos pelos seus ministros me mandaram cumprimentar. Os do Angriá se perturbaram de sorte, quando

chegaram a mim, que nenhuma palavra poderam dizer, e foi necessario suppril-o o lingua do estado. O arabio parecia um farrapão, horrendo; porque todos por razão de estado são tortos, e para se fazerem de aspecto mais medonho, lhe passam em pequenos um ferro quente pelos olhos; e assim mesmo com aquelle feitio me fallou maravilhosamente, e com grande desembaraço; e acabou dizendo que o seu rei, não podendo vir pessoalmente á minha presença, o mandava a elle, para que me participasse tambem as suas pretenções, e me pediu interpozesse tambem os meus bons officios, como vice-rainha, de quem esperavam tudo. As mulheres dos dous primeiros consules tambem me escreveram, cuja copia lá remetto.

As dissenções de todos estes regulos estão presentemente supprindo a nossa falta de força; porque lhe não dão tempo a cuidar mais que na sua deffensa; e estes, que elles perdem, é o que nós ganhamos, e em esperar o promettido soccorro de S. Alteza, em que estão unicamente fundadas todas as nossas esperanças. Tenho dado as novas, que me occorrem d'estes primeiros mezes de governo de teu pai; agora passemos ao quarto; para que tu vejas a pressa, com que mudam de face os negocios da Asia. O bom Sulo, que te pintei no ultimo aperto com a guerra do Angriá, foi soccorrido pelo Marala com um nu-

meroso corpo de tropas de cavalleria e infanteria, que o certo se não sabe, e se falla com variedade. Porém é certissimo que muito menos póde dar cuidado grande ao estado; e com estas forças desalojou ao Angriá, e fez com elle a paz, que nos pedia a nós com submissão; e agora com petulancia; porque pede a restituição das suas praças, que ainda que estas não convém ao estado, não é occasião de lh'as dar, quando elles pedem. Por esta rasão creio será infallivel este anno campanha, que ainda que sejam grandes as forças, com que pretendem atacar-nos, são incomparavelmente maiores as do poder do braço de Deus, que nos defendem contra os inimigos do seu santo nome.

Como agora acabamos, deixo com a chegada das naus do norte, trazendo a noticia da tal destruição do mouro Canaja, a quem ganhamos a fortaleza de Naubendel nas visinhanças de Dio, como n'esta te digo acima. Este regulo se tinha consideravelmente augmentado com a perda de uma nau hollandeza, que alli deu á costa; com este soccorro acabou, e guarneceu a fortaleza com 33 peças de artilheria; edificou uma aldêa, que estava já com grande numero de gente. O nosso pequeno corpo de tropas, que não passavam de 280 homens debaixo da ordem de Diogo João de Serpa, sendo a sua primeira acção, se portou como o mais consummado capitão. Demoliram a fortaleza, que largaram depois de uma vigo-

rosissima resistencia, deixando quebradas, e enterradas as peças de artilheria no seu grande fôsso, que eram 21, por serem de tão grande calibre, que as não poderam transportar ás nossas naus, e se recolheram para Dio com 13 peças, sendo de bronze a maior parte, queimando-lhe toda a sua marinha, que constava de nove embarcações, que por estarem encalhadas em terra, e ser preciso esperar as aguas vivas, não poderam trazer, e por isso lh'as queimaram. Custou esta victoria a perda de cinco soldados, e sete naturaes do paiz entre soldados, e trabalhadores. A perda do inimigo foi grande; mas esta se não pôde averiguar; porque elles, ainda que sejam á custa das suas proprias vidas, sempre retiram os mortos, e todos os que não poderam fugir, foram na fortaleza passados á espada, sendo uma mulher que mais valorosamente se distinguia entre os inimigos; vendo-a sempre a nossa gente por cima das muralhas, sendo ella a primeira, que dava fogo ás peças, e ultimamente pagou com a sua vida o damno que nos fez.

Todos n'estas occasiões fizeram maravilhas: da nossa familia foi Francisco Xavier Sarmento, cunhado do nosso ouvidor que não fez nada menos que proezas, confessado por Antonio Freire, que está um gigante, e traz honradissimas attestações. João Peixoto, que parecia uma mosca morta, se houve muito bem, e todos estes ficam já offi-

ciaes. O Freire, que estava alferes da companhia da Guarda, passou a tenente de granadeiros: Francisco Xavier alferes da mesma companhia: Thomaz alferes da companhia da Guarda: o Peixoto graduação de alferes: o Virissimo de Mattos, que mostrou maior prestimo para combater com os homens que com os touros, se distinguiu muito, e tambem passou a alferes de artilheria, e outros muitos; porque todos os postos vagos repartiu teu pai n'estes, que mais se distinguiram na occasião. O capitão Ignacio de Souza, homem de distincto valor, que foi o primeiro official, que entrou os muros da fortaleza, passou a sargento-mór; e o irmão, que em tudo o imita, e era tenente da mesma companhia, foi a capitão d'ella: e o melhor, que era um allemão, que veio por tenente do Terço do visconde, e todos conheceram — porque era certo nos exercicios da Junqueira — chamando a teu pai desde o seu tempo general, é hoje capitão de granadeiros, valente como uma serpe. Tambem teu pai lhe deu o habito de Christo. Dous sargentos-móres, que aqui havia, chamado um Mourão, e outro Pedro Vicente, bem conhecidos n'essa côrte, passaram a tenentes-coroneis. Diogo João de Serpa, que era tenente-coronel, passou a coronel; cuja patente não deixará el-rei de confirmar-lhe, suppôsto tel-a merecido tanto. Tambem agora chega aviso, que ainda necessita de mais alguma confirmação que,

os inglezes não tinham largado S. Thomé; de que sendo nossos alliados, se tinham apoderado com pretextos affectados de que o marquez de Alorna na monção passada tinha dado conta á côrte.

Isto, meus filhos, é um continuado desasocego; porque aqui não ha paz que persista, nem o estado a tem mais, que com o rei do Canará e de Sunda, porque nenhum d'estes é capaz de fazer guerra ao Maratá, que depois que nos tomou o norte e o cedemos na paz de Pudem, chama-se nosso confederado; atacou sempre as nossas embarcações e dá contra nós soccorro ao bom Sulo; o Angriá fazia o mesmo, e só agora em quanto dura a guerra, que fez a este, lhe dura comnosco estas attenções, que feita a paz, hão-de seccar do bom Sulo; e estamos unicamente senhores das suas praças, que gloriosamente ganhou o marquez de Alorna, com que pôz as nossas armas em reputação; porém como o mais que podemos fazer, é defender as mesmas praças, ficando expostas á campanha, porque não ha forças, com que se defenda esta, é senhor quasi sempre o inimigo, trabalhando todo o anno os pobres lavradores para ser elle quem se utilisa ou quem, quando menos, a destroe. Estes são os ultimos termos em que isto se acha, que correspondem bem ao justo conceito que eu fazia e me

ouviram vossês muitas vezes antes de eu sahir d'essa côrte, etc.

CARTA DO MARQUEZ Á CONDESSA DA ATHOUGUIA

Minha filha dos meus olhos. Com a noticia que me veio de ter arribado a Moçambique a nau «Monte Alegre» que na monção passada mandei, adianto esta carta por Hollanda para te dar os parabens de estares com teu marido restituida a tua casa, e tão bom successo com que me destes mais um neto; e na monção d'este anno te escreverei mais largamente; porém não quero deixar de te dizer, que eu acabo de fazer uma campanha contra o rei de Sunda, que na opinião de todos foi gloriosa para mim e utilissima para el-rei.

O dito rei de Sunda, que é o mais visinho das terras d'este estado, tendo começado a faltar no tempo do meu antecessor a alguns dos principaes pontos dos antigos tratados que tinha feito com este estado, continuou, acrescentou commigo as ditas faltas, e queixando-me eu de cada uma d'ellas, nunca se moveu a querer-me satisfazer. E porque parecia indecoroso que eu me acommodasse á sua resistencia, me resolvi declarar-lhe guerra, e mandei juntar no principio do inverno um corpo de tropas na provincia de Salsete para com elle lhe entrar nas suas terras, o que visto

por Fargal Sivaya, governador do Goso de Pondá, veio offerecer-se-me para me ficar refens por tempo de um mez, em que se obrigava a que da sua côrte viesse um embaixador com plenos poderes, não só para me satisfazer ás minhas justas queixas, mas tambem as despezas da guerra.

Acceitei o dito governador em refens sem embargo de me ter mostrado a experiencia que o caracter de todos os gentios é que de tudo quanto dizem a metade é mentira, e outra metade muito duvidosa; porém entendi que me devia deixar enganar n'aquella occasião; porque, logo que cheguei a Salsete, começou a chover de modo que geralmente ajustavam que tinha entrado o inverno, e emquanto elle dura n'este paiz é preciso que se suspendam as operações militares; e tambem reconheci as difficuldades que ha para marchar com tropas por terra, porque a conducção de todos os viveres e munições se faz ás costas de homens a que chamam *Vigarios*.

Considerei tambem que se no tempo promettido o rei de Sunda me não satisfizer, no principio do verão, poderia eu dar-lhe o castigo que elle me tinha merecido com muito mais commodidade minha e das tropas, por ser em tempo que eu me poderia servir das embarcações que no inverno não podem navegar n'esta costa.

Passados tres mezes, chegou com effeito aqui o embaixador, e depois de eu lhe dar audiencia

não houve cavilação nem velhacaria de que elle não usasse para entreter o tempo em que chegou a nau do reino, e como soube que da gente que n'ella se tinha embarcado morreu na viagem a maior parte, e que de cento e cincoenta homens que chegaram vivos, só pude repartir pelas tropas sessenta e seis, porque os mais foram para o hospital, aonde muitos falleceram, persuadiu-se o dito embaixador e seu rei que eu não estava em termos de poder-lhe fazer a dita guerra, e assim faltaram com petulancia a tudo o que tinham promettido. E porque seria indecente o soffrimento, mandei ao embaixador que dentro em 24 horas sahisse d'esta côrte, e ao governador, que tinha vindo em refens, o mandei prender e carregar de ferros, e logo passei as ordens necessarias para que se pozesse prompta a armada, que era composta de tres naus, uma palla e 10 manchuas e 80 embarcações miudas que serviam para o desembarque. Logo que as embarcações se fizeram promptas embarquei eu com as tropas que me occupam as guarnições da praça, e no dia ultimo de outubro me fiz á vela para sahir da Guarda e naveguei para o sul.

A idêa geral que aqui havia era de que eu ía atacar a fortaleza do cabo da Rama, a qual não cobre, nem paiz, nem barra: eu confirmava esta idêa aos que a tinham, porém a minha era de dar golpe mais sensivel ao rei de Sunda, e assim con-

tinuei a minha jornada para a enseada das Galles, que dista d'esta barra onze legoas, e entrando na dita enseada no dia 3 de novembro comecei pela meia noite a desembarcar as tropas para atacar a fortaleza do Piro, e conseguindo ao romper da manhã do dia 4 fazer o desembarque em uma praia chamada Mangalim, sem mais opposição que alguns tiros de caytoca entre os nossos sipaes, e os inimigos em distancia que não offendiam o corpo das tropas regulares, o qual puz em marcha pelas nove horas da manhã, e continuando por espaço de tres horas por uma planicie descoberta, foi contínuo o fogo da artilheria que da praça se fez sobre elle, mas com tal felicidade nossa que na marcha me não mataram um só soldado nosso, e fazendo um pequeno alto chamado junto ao Palmar, que dava algum abrigo ás tropas, alli se nomearam as companhias mais antigas para a escallada, e logo marcharam a ella com valor incomparavel, e com tal ordem que se algumas das escadas que levavam se atrasavam, todo o corpo fazia alto, até os que levavam as ditas escadas tornarem a pôr-se no seu logar, e assim consegui que as nossas tropas com a espada na mão, e com muitas granadas, pelas tres horas e meia da tarde ganhassem a praça, na qual foram passados á espada todos os defensores que não puderam fugir, e o que os inimigos tiveram de mortos não pude ter com certeza, porque o seu costume d'elles é

levarem os que lhes matam; porém os que se acharam foram 50.

Da nossa parte morreram na occasião 13, entre os quaes foi um alferes, e um tenente sobrinhos de Columbano Pinto, e de 52 feridos que tivemos tem fallecido 6: o terror d'esta occasião fez que a fortaleza do Chapim, que é uma ilha fortificada com 25 baluartes, e a sua situação é na bocca da enseada me rendesse sem perda da nossa gente, e só com algumas bandas de artilheria que recebeu da nau «Misericordia», que era a que tinha artilheria mais grossa, e tambem das nossas manchuas: sahiu a guarnição desarmada; porque eu lhe não quiz conceder fosse de outro modo.

O forte de Concou que fica dentro na mesma enseada, tambem com poucos tiros o desampararam, porém a defensa do Piro foi vigorosissima; porque tinha dentro 60 peças de artilheria, que eram servidas por artilheiros europeus, que faziam o fogo com grande promptidão.

A dita fortaleza do Piro é situada sobre um outeiro que forma uma esplanada natural, da qual se descobria o nosso corpo de tropas; tem esta fortaleza 13 baluartes, e um ramal, que vem a acabar em uma bateria raza, que defende a barra do rio Caroa com 17 peças de artilheria; por aquella barra costuma o rei de Sunda extrahir os melhores generos como pimenta, pau sandalo e oraçá, e hoje o não pode fazer sem pagar de

tudo isto direitos a el-rei meu senhor na alfandega da dita fortaleza do Piro, e não é menos utilidade o de ficarmos senhores da enseada das Gales que é o melhor porto de toda esta costa, em que podem entrar naus em todo o tempo do anno, ficando abrigadas do inverno na dita enseada.

Em todas estas fortalezas achei 125 peças de artilheria, aprezei-lhe na mesma occasião um patacho de 26 peças muito bom para as viagens de Moçambique, e quatro manchuas de guerra.

O saque foi de grande importancia, porém tudo o que achei na fortaleza do Piro mandei repartir ás tropas, para lhe remunerar de algum modo o bom serviço que tinham feito a el-rei meu senhor e á gloria que a mim me resultou.

De tudo isto te mandarei um detalhe pela nau de viagem, que d'aqui hade sahir por todo o mez de janeiro. Eu entendo que tenho feito tudo quanto pode fazer um vice-rei que não tem sido soccorrido; queira Deus que n'essa côrte assim o entendam para mandar a este estado os repetidos soccorros de que necessita, e a mim um successor que melhor saiba usar dos soccorros que lhe vierem, porque nem com soccorros, nem sem elles me convém estar mais tempo n'este estado.

Ao conde e a meus netos me recommendo, e esta carta seja circular para teus irmãos, porque não tenho tempo para escrever a todos, etc.

CONDE DE AZEVEDO

Eu não esqueci este homem de bem que seria o ultimo fidalgo portuguez, se do ventre do ôdre das graças — não seja sempre cofre — não estivessem a explosir fidalgos continuamente.

O conde de Azevedo tinha tão boa alma que podia deixar de ser catholico apostolico-romano. Se não houvesse religião nenhuma, elle seria capaz de inventar umas poucas para beneficio do proximo. Pois era austeramente religioso, sem biôcos hypocritas, e dizia muitas vezes da sua fé,

como Paulo, *non erubesco,* «não me envergonho.»

Em um dos penultimos mezes da sua vida, fiz-lhe algumas visitas na sua casa da Povoa. Estava prostrado n'um preguiceiro, com todas as angustias da cachexia, com as pernas entumecidas e escoriadas, cego de todo, dormitando a intervallos, n'uma lethargia e lividez cadaverosa. Pois nas intermittencias d'essas crises, conversavamos de brazões, de genealogias, d'esses riquissimos veios abandonados da historia, e o conde respondia ás minhas perguntas e dilucidava as minhas incertezas com a precisão de quem consulta os seus expositores com os olhos e o cerebro cheios de luz do sol e da luz da alma serena e alegre. Nunca lhe ouvi um queixume contra a fatalidade da dôr, nem tão pouco um impertinente requerimento aos justos ceus para que lhe removessem o seu calix, se era possivel. Elle parecia conhecer o que eram os justos ceus em relação aos padecimentos do homem. Sabia destrinçar entre religiosidade e astronomia. Atinha-se mais aos medicos que aos planetas — coisas que regulam. Tenho remorsos de o não ter visitado no seu paço-solar que tem oito seculos. O conde, vigessimo nono e ultimo representante dos ricos-homens de Azevedo, desejava ardentemente que eu visse as suas reliquias esboroadas do seculo XI. Quando a final eu ia sahir para Azeve-

do, sahia tambem elle da querida thebaida senhorial dos illustres avoengos para ir morrer entre os seus livros no palacio do Porto.

Essa rara, selecta e numerosa livraria em que não havia talvez um volume novo que provasse a desvalia intellectual dos velhos, herdou-a o conde a um moço intelligente, filho do illustrado e honrado conde de Samodães. Possuia tambem uma collecção de manuscriptos de algum valor, e tanto amor lhes tinha que, para ninguem os apalpar nem usar, deixou-os á Bibliotheca publica do Porto. Foi o mesmo que atiral-os a um pôço; e, como bastantes d'elles eram genealogias, se lá os atirasse, era a maneira engenhosa de ajuntar a mentira com a verdade — que está n'um pôço — diz a sabedoria das nações.

Ha quatorze annos que elle, então visconde, imprimiu em sua casa e repartiu por seus amigos as poesias da sua mocidade. Parece-me que tirou um cento de exemplares que noventa e oito dos seus amigos com certeza não abriram. Eu sou um dos dous que o leram; o outro seria o erudito José Gomes Monteiro, já tambem fallecido, a quem a obra era dedicada. Fui eu só, todavia, se bem me recordo, quem prestou ás faculdades do joven Francisco Lopes de Azevedo um tributo de admiração que o velho visconde tinha de aceitar retrocedendo quarenta annos; por que as *Distracções metricas* em 1868 eram um ana-

chronismo; e, em 1828, eram um primor d'arte, vacillando entre Bocage e Francisco Manuel do Nascimento.

Reproduso esse preito, sumido em um jornal d'esse tempo, á memoria do meu bom amigo que, sendo riquissimo, nada me deixou, para me convencer de que formára dos meus elogios desinteresseiros um perfeitissimo conceito. Que todos os meus amigos ricos aprendam com o conde de Azevedo a respeitar-me.

DISTRACÇÕES METRICAS

DO

VISCONDE DE AZEVEDO

O livro, que annunciamos, não se encontra á venda nos balcões das livrarias. Bom é de entender, por isso, que este escripto não pertence ao genero chamado *reclame* nem é sequer recommendação. Não se estimulam por este meio leitores descuriosos nem se enganam os incautos. Raras vezes a critica se tem visto e gosado tão desembaraçada de empêços. Não valem a demovel-a do seu honesto proposito respeitos a interesses de author nem de editor. N'esta occasião rarissimamente deparada em Portugal, temos um livro edi-

tado por seu author na sua propria typographia, e distribuido aos seus amigos, como um testemunho impresso de bem lidadas horas que o snr. visconde de Azevedo denominou *Distracções*.

O titulo do livro é inconveniente ao texto. Chamar *distracções* ao que, na maior parte, revê estudo e meditação muito reflectida, póde, quando mais, inculcar a modestia grande rebuçada na impropriedade do termo. Verdadeiramente as distracções de um sabio, pelo ordinario, são ninharias triviaes que não soam fóra dos áditos do seu gabinete; porém, quando nos elle brinda com livros que ensinam e deleitam, essa ordem de escriptos devêra antes chamar-se *lições*. E, senão, havemos de entender que o snr. visconde de Azevedo em desenfadado repouso traslada Virgilio para vernaculo, e concerta bons versos nas horas feriadas de outros lavores que, certo, não sei quaes sejam de maior lustre para poeta entendido cabalmente nas duas linguas de Virgilio e Camões, por acaso bem sabidas dos modernos poetas portuguezes.

Abre o livro com uma «Carta dedicatoria» ao snr. José Gomes Monteiro, litterato de muito e benemerito conceito entre os que lhe conhecem e aproveitam o seu muitissimo saber. Da carta se colhe que, a desejos do erudito author dos *Eccos da lyra teutonica*, estampou o snr. visconde as suas poesias. Se ao condescendente poeta restas-

sem laivos de desconfiança de seus escriptos, devêra bastar a desfazer-lh'os o juizo esclarecido e sincero do snr. José Gomes Monteiro, cujas advertencias em consultas litterarias são sempre medidas e pautadas pela mais recta e conscienciosa critica. Comquanto os estudos do douto explorador de antiguidades historicas e bibliographicas hajam florescido n'outro tempo, os remoçados espiritos de Gomes Monteiro entendem o bello de hoje em dia e apontam ao escriptor noviço os desconcertos que, por via de regra, sahem desdourados do senso publico, se os indiscretos, que o consultam, rebeldemente se esquivam ás suas observações.

Orçava por vinte annos o snr. visconde de Azevedo, quando traduzia as *Bucolicas* de Virgilio, primeira parte do seu livro. Era n'um tempo em que se estudava latim e se transplantavam, com applausos e louvores dos doutos, as joias dos poetas de Roma para os cofres das riquezas patrias. Verter de Virgilio era acto de prova para profissão de boas lettras, se o verso lusitano reluzia as graças e valentia do nunca envelhecido poeta cezario. Se o joven estudante se tirou donairosamente do temerario empenho, diga-o quem poder conferir os dous idiomas.

Na Bucolica 1.ª canta Virgilio :

Fortunate senex! hec inter flumina nota
Et fontes sacros, frigus captabis opacum.
Hinc tibi..... etc.

O snr. visconde interpreta com igual singeleza que fidelidade por este theor:

Ditoso velho, aqui perto dos rios,
Que sempre amaste, e das sagradas fontes
Irás gozando á sombra o ar da patria;
Aqui do Hybla as abelhas por um lado,
Libando as flores dos salgueiros proximos,
Com seu zumbir suave te convidam
Da sésta ao brando somno; da outra parte
Em quanto o podador canções ás auras
Entre os rochedos solta, sobre os olmos
O rouco trocaz pombo e a roula ingenua
Com seus ternos arrulhos te deleitam.

Em oito eglogas traduzidas pelo snr. visconde intermette-se a 5.ª vertida por Bocage. Dous reparos se nos offerecem, ambos para muito louvor de s. exc.ª: o preito ao insigne poeta do Sado, como quem se humilda ao hombrear com o prodigioso interprete de Ovidio; prodigioso, dissemos, porque somos d'aquelles que (passe o paradoxo) acreditam que Manoel Maria adivinhava as bellezas dos poetas romanos meio veladas a mais consummados latinistas. O outro reparo é que o geito de poetar do nosso poeta não destôa do sonoroso metro de Bocage; por maneira que a bu-

colica interposta sôa afinada e concorde com as outras.

Assim é, pois, que já podemos lêr d'uma assentada e sem fastio as bucolicas de Virgilio. Leonel da Costa verteu-as em rancidos versos, bons para escolares que se contentam com interpretar o primeiro senso sem esmiuçar excellencias nem relevos de locução. As do medico Lima campêam tanto em elmanismos degenerados por defeituosa imitação, que nos chegam a cançar. As de José Pedro Soares não as vimos nem nos instiga a curiosidade a buscal-as. O snr. Odorico Mendes, tão gabado, dos seus, está tambem áquem das raias que lhe abalisou a fama, que mais se nos figura a sua obra um lavor de rythmo feito sobre os commentarios de Gaspar Pinto Correia e Martins Bastos. Isto de musas do Tibre e musas do Tejo são tão consanguineas, que se faz mister entendel-as e amal-as todas com igual fervor, se quizerem ser favorecidos os que repetem em lingua de cá o que as outras lá disseram. As esquivas não se dão a quem lhes marêa e desluz em prosa chilra os requebros conversados com o seu mimoso.

Não nos arguimos, pois, de encarecido se dermos como a melhor versão portugueza das bucolicas esta que nos vem da mocidade laboriosa do snr. visconde de Azevedo.

Segue a tragedia de *Atreo e Thiestes*.

Respeito d'esta, escreve o author ao nosso amigo José Gomes Monteiro: «Peço-lhe aqui uma indulgencia plenaria em particular para a tragedia de *Atreo e Thiestes* que eu alinhavei entre os annos de 1835 e 1838, tempo, em que esta fórma que antigamente fazia chorar, quasi já fazia rir! A leitura do livro de la Harpe, onde este, censurando as duas tragedias de Crebillon e Voltaire, indica o modo como sobre o assumpto se faria uma boa composição dramatica, me incitou esta tentativa.»

Como quer que fosse, o genero que, em 1838, fazia quasi rir, não podia ser sacrificado ao romanticismo que, tirante as molas mythologicas, levava as mesmas voltas e disparava na mesma sangoeira, em que o senso commum se afogava as mais das vezes. Os dramas de Hugo e Dumas, a quem cabe a gloriosa ambição de iconoclastas do paganismo na arte, balburdiaram por tal feição o antigo com o moderno que aos espectadores tanto se lhes arriçavam os cabellos contemplando as tempestades do coração humano symbolisadas nos heroes historicos, como nos eternos estafermos dramatisados desde Seneca até Voltaire, desde Sophocles até Corneille.

Não temos que vêr com as illusões e effeitos do scenario analysando a tragedia do snr. visconde. O theatro está longe do gabinete do estudioso. O gosto das turbas, depurado ou abastardado pelos

reformadores da fórma litteraria, entende pouquissimo com o apreciamento da obra, que tem lugar honroso n'outro cyclo, de par com os modelos representativos de uma determinada época.

O verso da tragedia é fluente e lhano como convinha ao intento, se o theatro convidasse o illustre author com os seus louros. Os lances conhecidos do entrecho de Atreo excellentemente os alliançou e desenvolveu o snr. visconde, captando a anciedade e amoldando-os ao effeito scenico, bem que s. exc.ª, segundo sua propria confissão, haja seguido pouquissimo o especial exame dos toques commoventes do animo publico. As maximas, sempre novas, sempre brunidas pelo attrito da experiencia, resahem brilhantes de conceito e bellas de fórma. O interesse recresce, e nos vai affeiçoando ao modo antigo de abalar as multidões, cuja sensibilidade ainda hoje se retempéra nas renovadas tragedias de Ponsard. O desejo de vêr trovejar no palco as giganteas paixões, meio selvagens meio fabulosas, de remotos seculos, faz-nos desadorar estas hodiernas intrigas chamadas «de costumes», em que umas desavenças de familia, contadas entre duas visinhas de trapeiras, se distendem por cinco actos fóra, esfriando-nos por tal modo que a gente descrê dos seus nervos, e cuida que a sensibilidade humana já nem sequer estanceia nas torrinhas para escandecer aquella boa gente indecisa entre os pavores de *Ignez de Cas-*

tro e a tramoia de *Santo Antonio, o Thaumaturgo.*

Não queremos inculcar as perfeições irreprehensiveis da tragedia *Atreo e Thiestes.* Estamos longe de já entender a arte que legislava para composições d'esta especie. Cada geração tem sua regua de compassar as linhas e os meritos das manifestações litterarias mais congruentes com o seu modo de crêr e sentir. Póde ser que a estetica de cada seculo denote parecenças e visos de parentesco mui proximo da precedente e da vindoura; mas a plastica renovada raros traços herdou da outra que a precedeu. Por onde seria incompetente discorrermos aqui ácerca dos quilates e realces da tragedia do snr. visconde, em confronto de duas de igual titulo tratadas por escriptores nossos.

Seja como fôr, o snr. visconde, quando moço, remeçou-se a difficuldades de grande porte, aceitando regras de la Harpe no intento de provar suas forças. Era tarde para lograr o premio do bem-sorteado tentamen. Os sons arcadicos do hendecassyllabo já não resoavam no theatro portuguez, cançado então das tragedias traduzidas: —tal qual como hoje, em que as pantomimas desembotam o paladar das turbas enfarado das versões do drama francez.

As musas do snr. visconde de Azevedo não são sempre graves e sisudas, como se affigura ao

reformadores da fórma litteraria, entende pouquissimo com o apreciamento da obra, que tem lugar honroso n'outro cyclo, de par com os modelos representativos de uma determinada época.

O verso da tragedia é fluente e lhano como convinha ao intento, se o theatro convidasse o illustre author com os seus louros. Os lances conhecidos do entrecho de Atreo excellentemente os alliançou e desenvolveu o snr. visconde, captando a anciedade e amoldando-os ao effeito scenico, bem que s. exc.ª, segundo sua propria confissão, haja seguido pouquissimo o especial exame dos toques commoventes do animo publico. As maximas, sempre novas, sempre brunidas pelo attrito da experiencia, resahem brilhantes de conceito e bellas de fórma. O interesse recresce, e nos vai affeiçoando ao modo antigo de abalar as multidões, cuja sensibilidade ainda hoje se retempéra nas renovadas tragedias de Ponsard. O desejo de vêr trovejar no palco as giganteas paixões, meio selvagens meio fabulosas, de remotos seculos, faz-nos desadorar estas hodiernas intrigas chamadas «de costumes», em que umas desavenças de familia, contadas entre duas visinhas de trapeiras, se distendem por cinco actos fóra, esfriando-nos por tal modo que a gente descrê dos seus nervos, e cuida que a sensibilidade humana já nem sequer estanceia nas torrinhas para escandecer aquella boa gente indecisa entre os pavores de *Ignez de Cas-*

tro e a tramoia de *Santo Antonio, o Thaumaturgo.*

Não queremos inculcar as perfeições irreprehensiveis da tragedia *Atreo e Thiestes.* Estamos longe de já entender a arte que legislava para composições d'esta especie. Cada geração tem sua regua de compassar as linhas e os meritos das manifestações litterarias mais congruentes com o seu modo de crêr e sentir. Póde ser que a estetica de cada seculo denote parecenças e visos de parentesco mui proximo da precedente e da vindoura; mas a plastica renovada raros traços herdou da outra que a precedeu. Por onde seria incompetente discorrermos aqui ácerca dos quilates e realces da tragedia do snr. visconde, em confronto de duas de igual titulo tratadas por escriptores nossos.

Seja como fôr, o snr. visconde, quando moço, remeçou-se a difficuldades de grande porte, aceitando regras de la Harpe no intento de provar suas forças. Era tarde para lograr o premio do bem-sorteado tentamen. Os sons arcadicos do hendecassyllabo já não resoavam no theatro portuguez, cançado então das tragedias traduzidas: —tal qual como hoje, em que as pantomimas desembotam o paladar das turbas enfarado das versões do drama francez.

As musas do snr. visconde de Azevedo não são sempre graves e sisudas, como se affigura ao

em que vai tanto de sua alma repassada de saudade e veneração á memoria de tão primacial engenho?

Bem dado seria o titulo ao restante da collectanea. Os *sonetos, cartas e metrificações varias* arguem aprazivel diversão de animo que se pasce em chistes e epigrammas de jovial remoque. O *Trintairo cerrado* é uma ridentissima chacota ao trespasse de Zulmira,

> Morta com toda a certeza!

Os *janotas* podem remirar-se no terso do espelho que o habil artista lhes poliu; e os bardos, que se desgrenham para pulsar as theorbas, hão de rir de si mesmos, quando vão

> para suas casas
> A chorar, mas a viver.

Os epigrammas cortados pelo molde conciso e hervado dos de Filinto dão a lembrar as agudezas em que primavam os maiores engenhos do seculo ido. Hoje não se nos faz mister a chufa disfarçada. Temos as gazetas onde os insultos se cruzam e sem mascara. Talvez por isso mesmo, o apódo impeçonhado no agro do verso doía mais que a injuria desbragada dos insultadores publicos. O epigramma foi derimido com a urbanidade.

Concluindo: apreciamos ao correr da penna o estimavel livro do snr. visconde de Azevedo. Não encarecemos as bellezas para desprimorar os demeritos da obra. É esse um modo de critica, simulada em benevolencia, que não monta nada. Parte do livro é menos para apreciar-se; mas não despraz a passagem dos viridentes hervaçaes para o escalvado das montanhas a quem vai de jornada alegre. Cada terreno rescende seus aromas, e veste diversas galas. O author das *Odes* dava de si genuinamente o que lhe superabundava no peito. O author das *Metrificações varias* gracejava com as rimas como quem violenta o sorriso para espancar tristezas oppressoras. Sem embargo, o livro do snr. visconde de Azevedo é prova de alta capacidade opulentada pelos thesouros de uma candida alma.

1868.

OS DESCENDENTES

DO

FAMOSO POETA QUINHENTISTA

DOUTOR ANTONIO FERREIRA

TENHO presentes duas biographias do doutor Antonio Ferreira modernamente escriptas: — uma pelo snr. doutor Theophilo Braga; outra pelo snr. visconde de Castilho (Julio).

O leitor não se assuste a cuidar que eu vou biographar novamente o poeta quinhentista. Pelo facto de chamar-se *Narcoticos* o meu livro, abstenha-se v. exc.ª da pretensão egoista de abrir a bocca logo que abrir o livro, e estirar-se de papo acima n'uma regalada modôrra cheia de roncos

assobiados em chromatica infernal pelas trompas nazaes. Não pretendo ser mais opiado e calmante que outro qualquer livro nacional. Estimo que adormeçam, mas de vagar, com os espreguiçamentos usuaes nas duas camaras, e etiquetados como frascos na grande pharmacia do *Diario das Cortes*.

Direi simultaneamente das biographias do author da *Castro,* escriptas pelos snrs. doutor Theophilo Braga, e visconde de Castilho.

Os biographos que precederam estes escriptores não se preoccuparam em indagações sobre a vida social do poeta. Ninguem se importou saber se elle foi casado e com quem. O snr. Theophilo Braga descobriu, confrontando uns sonetos já alegres, já plangentes de Antonio Ferreira com outros poemas elegiacos dos seus coevos e amigos, que o poeta foi casado com D. Maria Pimentel de quem viuvou ao terceiro anno de casado, pouco mais ou menos. É incontestavel este episodio da vida de Antonio Ferreira, fortemente assignalado pelos documentos extrahidos da sua obra quasi sempre individual. Accrescenta, porém, o snr. Theophilo Braga que Antonio Ferreira houve de sua mulher Maria Pimentel um filho, chamado Miguel Leite Ferreira, orfão de pai, tão creancinha, que o não conheceu. O snr. visconde de Castilho tambem affirma a existencia d'este filho de Maria Pi-

mentel. Logo demonstrarei que ambos se enganaram: isto é — que Maria Pimentel não deixou filho algum.

Estabelece o snr. Theophilo Braga que o doutor teve duas paixões serias, afóra uns amores de estudante, exaltados, pouco reflectidos. Depois, amou no Porto uma D. Angela de Noronha que se finou solteira; e por fim casou com D. Maria Pimentel que morreu tambem.

Acha-se em concordancia com o snr. visconde de Castilho, quanto aos amores juvenis de Coimbra; mas divergem os dois biographos quanto a D. Angela de Noronha. Demoremo-nos algum tanto n'esta conferencia dos dois escriptores.

*

O snr. visconde urde engenhosas e bem fundadas conjecturas a respeito do appellido da menina que o estudante Antonio Ferreira amou em Coimbra. Notou o insigne poeta que a palavra *Serra* se repetia em muitas poesias, e só d'uma assentada seis vezes n'um soneto, já com S grande, já com s pequeno. Occorreu ao biographo que tambem Petrarcha jogava de vocabulo com a sua Laura, repetindo a cada passo L'AURA *celeste,* L'AURA *soave,* L'AURA *serena,* L'AURA *gentil.* Ora, como

em Coimbra houve por esse tempo uma familia nobre e antiga, Moraes da *Serra,* inferiu o snr. visconde que a primeira amada de Antonio Ferreira pertencesse a essa familia.

Posso coadjuvar a conjectura do snr. visconde com uma informação que já lhe communiquei. Quando Antonio Ferreira frequentava a universidade, havia em Coimbra uma familia Serra, mas não *Serra Moraes.* Diogo da Serra viera para Coimbra no reinado de D. João III e cazara com D. Maria Dias de Barbosa. Tiveram dous filhos — Antonio e D. Jeronyma. Antonio casou com D. Filippa de Moraes, filha de Francisco de Moraes Cabral, o author do *Palmeirim,* e d'este modo se alliaram os *Serras* com os *Moraes.* Quanto a Jeronyma, que poderia ser a amada do poeta, essa não casou, viveu até 26 de março de 1614, e no seu testamento ordenou que de seus bens se fizesse um morgadio em que succedeu seu sobrinho Paulo da Serra de Moraes. Se esta senhora regulava pela idade de Antonio Ferreira, sobreviveu-lhe uns bons quarenta annos, morreu com mais de oitenta, e poderia, ahi á volta do sessenta, lêr os poemas que lhe consagrára o seu desdenhado cantor, publicados em 1598. Tambem me quer parecer que Diogo Bernardes, amigo de Antonio Ferreira, alludia a esta *Serra* no soneto XCVII dirigido ao poeta:

Ferreira, eu vias claras, e fermosas
Aguas do teu Mondego irem chorando
As lembranças do tempo, que cantando
Andavas nas suas praias saudosas.

Não vi os brancos lirios nem as rosas
Vermelhas, que mostrava o campo quando
A *serra* docemente ias chamando
Com vozes namoradas, mas queixosas.

Sem ligar ao vocabulo *serra* uma intenção mysteriosa, não diria que o poeta *ia chamando a serra docemente*. As serras não se chamam.

Diogo Bernardes usava muito d'estes *calemburs*. Querendo elogiar os talentos de Alvaro *Pinheiro,* alcaide-mór de Barcellos, no soneto CIX, escreve:

Já Febo não celebre o seu loureiro,
Tanto d'altos spritos cobiçado;
Mas lá no seu Parnaso celebrado
D'elle e das nove irmãns seja o pinheiro.

O «pinheiro» não sublinhado e com *p* pequeno. Fazer uma coisa assim era prova de genio e de galanteria.

*

Agora, quanto a D. Angela de Noronha.

Antonio Ferreira escreveu um soneto que os

dois biographos entendem de diversa maneira. O soneto é este:

Alegra-me, e entristece a Real cidade
Qu'o Douro réga, e meus Sás ennobrecem
C'o as armas, e tropheos, que resplandecem
E resplandecerão em toda idade. [1]

Isto me alegra. E faz-me saudade
Vêr a ditosa terra, em que apparecem
As rayzes de hũa planta, em que florecem
Fermosura, saber, e alta bondade.

Aqui o tronco nasceo, que em toda parte
Deu gloriosos ramos de honra, e gloria
Nas armas, e esquadrões do fero Marte.

E por mais se illustrar sua clara historia,
D'aqui nasceo hũa Dama, em que tod'arte
O ceo pôz, eu vontade, alma, e memoria.

---

1 Na copia do snr. Theophilo Braga vem assim deturpada esta quadra:

Alegra-me e *entristece-me* a a Real Cidade
Que o Douro *banha e menos* ennobrecem
Com as armas e tropheus que resplandecem...
E resplandecerão em toda *a* edade.

Faz errar o 1.º e o 3.º verso; no segundo mette-lhe *banha* e tira-lhe os *Sás*; no quarto collabora com o superfluo artigo *a*. É vontade de estragar.

O snr. Theophilo infere acertadamente que Ferreira n'este soneto denuncia um novo amor; mas, sem mais nem menos, accrescenta: *a dama portuense que o Ferreira adorava morreu;* e affirma-o positivamente, como se nos evidenciasse o caso infausto com a certidão de obito reconhecida por tabellião. Veremos logo como elle confunde a dama do Porto com uma *Angela de Noronha* a quem o Ferreira fez dois epitaphios e um soneto de consolação ao marido.

Agora, o snr. visconde de Castilho a interpretar o mesmo soneto. «Analysemos (escreve o snr. visconde de Castilho). A cidade do Porto alegra-o e entristece-o ao mesmo tempo. Alegra-o porque se vê entre amigos como os Sás, familia cuja illustração brilha e brilhará sempre. E entristece-o (*sic*) faz-lhe saudade vêr aquella terra, onde lhe apparece a raiz de uma planta formosa e boa, que elle conheceu; isto é, onde lhe apparece o pai de uma senhora formosa, instruida e boa.» Até aqui, o snr. visconde vai muito bem, menos na interpretação do *entristece*. Ferreira não está no Porto quando escreve o soneto. Lembra-se em Lisboa, e diz: *faz-me saudade,* como quem diz sinto o ancioso desejo de *vêr a ditosa terra,* etc.; mas, se estivesse no Porto, veria com prazer a planta

em que florecem
fermosura, saber, e alta bondade.

Prosegue o snr. visconde: «No Porto nasceu João Rodrigues de Sá, já tão illustre por armas, e ainda mais por d'elle provir aquella dama sua filha em quem o poeta confessa ter posto *vontade, alma e memoria.*» Isto já dá que reparar á critica. O poeta não ousaria declarar-se amador da nobilissima dama acompanhando a declaração amorosa de sentimentos tão respeitosos para com o pai; e se as filhas de João Rodrigues, uma viscondessa de Villa Nova e outra condessa da Sortelha, já eram casadas — como presume o snr. visconde de Castilho — não é crivel que o grave desembargador da relação de Lisboa desse de si um testimunho de tamanha descortesia declarando-se por *vontade, alma, e memoria* avassallado de alguma das fidalgas já casadas. E, se tivesse amado alguma d'essas senhoras, em solteira, forte rasão seria essa para que a não lembrasse com uma saudade tão indiscreta e até indelicada. Tentarei d'aqui a pouco esclarecer as obscuridades do soneto que é importantissimo documento da biographia de Antonio Ferreira.

Entremos na analyse das interpretações de D. Angela de Noronha. O snr. Theophilo diz que o poeta, chorando Angela morta, olha para si mesmo, que a está chorando, e exclama:

> Choras, Antonio, e levam Lima e Douro
> Com as suas as lagrimas vãmente.

E o snr. visconde de Castilho, com muito superior criticismo, diz que Antonio Ferreira se dirige ao marido de Angela morta quando exclama:

Choras, Antonio, etc.

Insiste o snr. Theophilo em que é tão certo Antonio Ferreira amar Angela que Diogo Bernardes, lá das margens do Lima, lhe diz:

Canção, vae em lagrimas nascida
... .
Até seres de Antonio recebida.

Como quer que seja, o snr. visconde presume que não era *Angela* a mulher chorada, porque não tem noticia de alguma *Angela de Noronha* casada com um *Antonio*. Inclina-se pois a crêr que seja *Ignez* de Noronha, que outros linhagistas chamam *Beatriz*. Mas santo Deus, porque não havia de ser Angela, se dois poetas coevos, já nas canções, já nos epithaphios lhe chamam *Angela?* O que induz o snr. visconde a consideral-a do alto Minho, e por isso da casa de Villa Nova da Cerveira, é dizer o Ferreira:

Aqui d'uma parte o Douro, e d'outra o Lima
Angela choram, seu prazer e gloria.

E Bernardes:

Isto dizem chorando Minho e Douro
Isto o triste Lima diz chorando.

É por causa dos rios. Mas não podemos com segurança formar uma carta topographica com as lagrimas que os poetas quinhentistas faziam chorar aos rios. Elles punham rios muito distantes a chorarem em concumitancia. Eis aqui alguns exemplos muito aquaticos. Em um soneto de Bernardes:

E eu estou chorando mais que o Tejo
Mais que Ganges, que Eufrates, Milo e Indo.

Ferreira na Egloga IX:

Day ao vosso poeta tristes prantos
Tejo, Mondego, Douro, Lima, Odiana;
O Nilo, Gange, day-lhe lá outros tantos.

E se querem um exemplo que parece uma carta hydrographica, aqui o tem do mesmo Ferreira no soneto IX:

Não Tejo, Douro, Zezer, Minho, Odiana,
Mondego, Tua, Avia, Vouga, Neiva e Lima
Nem os que correm lá no oriental clima
Nilo, Indo, Gange, Eufrate, Hydaspe, Tana, etc.

Parece que os poetas choravam a sêcco e delegavam nos rios a parte humida das nenias. Logo

que Diogo Bernardes carpia Angela em Ponte do Lima era rhetoricamente forçoso que o rio chorasse de lá, e que o Tejo chorasse de cá, visto que Antonio Ferreira fazia os epitaphios em Lisboa.

Mas esta hypothese não desfaz nem se quer debilita a do snr. visconde: é apenas uma conjectura mais que pretende levantar de sobre a memoria de D. *Angela* de Noronha, filha de Nuno Fernandes Cabral, cazada que foi com *Antonio* Lobo, alcaide de Monsarás, morto em Alcacer-ki-bir, a involuntaria aleivosia dos seus amores com o doutor Antonio Ferreira, fundada em um monologo da invenção do snr. Theophilo, em que o desembargador fallando, a chorar, comsigo mesmo, exclama:

Choras, Antonio ...

Uma desgraça.

Antonio Lobo, por esse tempo, foi despachado com a commenda de Santa Maria das Alagôas nas terras de Vermuim, hoje comprehendidas na comarca de Famalicão. Estaria de residencia no Porto, a quatro leguas distante da sua commenda, quando viuvou; e é de presumir que D. Angela vizitasse o alto Minho onde tinha proximos paren-

tes, os Castros de Melgaço, mais conhecidos pelos Castros de Fornellos. [1]

*

O snr. Theophilo Braga inferiu da epocha indubitavel de algumas poesias boas conjecturas sobre os factos principaes da vida de Antonio Ferreira. Das cartas escriptas a Manoel de Sampaio, a Diogo de Teive e ao cardeal infante deduz acertadamente que aos 28 annos o doutor Antonio Ferreira era desembargador da relação de Lisboa. O snr. visconde de Castilho desviou-se muito das probabilidades, datando o despacho de Antonio Ferreira para desembargador do civel em 1567, e dando até essa epocha o doutor exercendo o magisterio na universidade. Ora em 1569 morreu Antonio Ferreira. Como se hade aceitar que em dois annos de vida, entre os 39 e 41 annos de idade, o desembargador do civel cumprisse os seus pesados encargos de que tanto se lastimava, e ao mesmo tempo escrevesse os numerosos sonetos e cartas em que allude aos seus segundos amores, á morte da esposa, e aos dissabores da vida de

1 Veja-se no indice da *Hist. Genealogica da Casa Real*, Angela de Noronha, e no *Theatro Genealogico* de Manoel de Carvalho de Athaide (D. Tivisco) pag. 65.

Lisboa? N'esses dois annos é preciso ainda descontar seis mezes de sobresaltos, desde que a peste picou em junho até novembro em que no Diccionario de Moreri se diz que elle fallecera. Decerto o snr. visconde se teria esquivado a este anachronismo se reparasse em um adverbio do documento que o enganou. D. Sebastião em 14 de novembro de 1567 nomeia o doutor Antonio Ferreira desembargador da casa do civel; mas esta nomeação é uma revalidação n'um emprego que elle já exercia na relação em tempo da regencia de D. Catharina. Eis as palavras da carta de nomeação: «D. Sebastião, etc., faço saber aos que esta carta virem que confiando eu da bondade, lettras e saber do doutor Antonio Ferreira ... e querendolhe fazer graça e mercê, tenho por bem e o tomo ora *novamente* por desembargador da mesma casa do civel, etc.» [1] Não se pode considerar que o despacho para a casa do civel fosse um augmento na magistratura, por quanto a *Relação,* em que elle servira, e *Casa do civel* para que foi *novamente* nomeado, eram o mesmo tribunal.

*

1 Vejam-se as duas provisões respectivas ao doutor Antonio Ferreira no 2.º tom. pag. 124 dos *Excerptos* de Antonio Ferreira pelo snr. visconde de Castilho

O cazamento do desembargador com D. Maria Pimentel, seu segundo enlêvo, pode calcular-se immediato a sua primeira nomeação para o tribunal, quando elle contava 29 annos. É por esse tempo que elle suspira por esposa e filhos em uma carta a Manoel Sampaio:

> No doce colo de sua mãe formosa
> Formosos visse eu inda os meus herdeiros.

E dirigindo-se ao padre eterno:

> Depois de cinco lustros, já aquella hora,
> Que ao mundo me mostrou em noite escura,
> Me torna a quarta vez, e com brandura
> Do mau planeta me defende agora.

Parece dizer que aos vinte e nove annos a sua fortuna tinha melhorado em resultado do despacho. Chama-se isto diluir bons versos em prosa de amanuense infeliz; mas eu desconfio que o *máo planeta* de Antonio Ferreira era o que se chama «pouco dinheiro» depois que a astrologia deixou de influenciar os meios de cada um com os seus bons e maus planetas. Com os seus 50$000 réis de ordenado annual, o desembargador, na pujança dos 29 annos, queria uma esposa, e então pedia a Deus que o guiasse. O snr. visconde de Castilho não desce ao raso d'esta exegese; mas concorda commigo na orientação do casamento.

Não nos deixou o poeta algum soneto commemorativo da sua felicidade como esposo de Maria Pimentel viva. É que ella viveu tão pouco tempo que lhe não deu uma vaga para idealisar alegrias que o embriagavam pela sensação. A poesia não tem presente: ou é esperança ou saudade. A mulher que se deseja poetisa-se angelicalmente; a que se possue adora-se humanamente; a que se amou e que se perdeu volta em espirito á poesia da saudade até que a imagem chorada se esbate e evola nas profundezas do nada. Passou Antonio Ferreira por todas estas crises. Temos os sonetos apaixonados da esperança, e as funeraes elegias da saudade: o que elle não fez foi a chronica das fugazes delicias de marido. Os sonetos da sua dôr são primorosos, são as joias de toda a sua obra, as unicas pouco maculadas de rapsodia dos latinos.

Quando elle parecia inconsolavel, immudecido, spasmodico, n'um lethargo de saudade e ancioso da morte, enviou-lhe Simão da Silveira certo soneto que lhe fez um grande bem. Este Simão, que morreu em 1575, devia regular então pelos annos do seu amigo. Dizia-lhe o consolador com uns ares de grande-mundo:

Sepultado em tristeza, em dôr, em pranto,
Esquecido das Musas e de ti,
Te vejo sem alegria estar assi,
Como aquelle a que deu pasmo e espanto.

Vejo a casa, em que estás, de cada canto
Tremer, vejo-a chorar, vejo d'aqui
Esse rio, esse monte, o céo por ti
Cuberto estar de negro e escuro manto.

Não reine, Antonio, em ti tal desatino,
Deixa lagrimas vans, poem termo ás dôres,
Asserena o sembrante triste e escuro.

Enche teu peito suave e peregrino
D'outro desejo mais são, d'outros amores
Com que em ti, sem temer, vivas seguro.

A este poemeto que vem depois de uma serie de sonetos em que visivelmente é chorada D. Maria Pimentel, responde Antonio Ferreira. Diz que Simão o chamou da morte á vida; que era um espirito morto; que as dôres o tinham nos braços da morte; em summa que o soneto do seu amigo o salvou.

Andrade Caminha tambem se esforçou por arrancal-o á tristeza da viuvez. Responde-lhe o poeta na *Elegia* v que é o mais sentido trecho de poesia que nos deixou o seculo XVI:

.....
E pude eu vêr aquella formosura
Dos teus olhos que os ares serenava
Ficar-me assi ante os olhos cega e escura!

E aquella doce voz que me encantava
Entre rubis formada e perlas finas
Que os mais furiosos ventos abrandava.

E mil outras não homanas, mas divinas
Graças assi enterradas n'um momento
Que de mil annos pareciam dignas!

Mas, desafogados os soluços da sua saudade, conforma-se com os lenitivos do amigo Caminha, e diz serenamente:

Vi com tua claridade novo lume,
Abriu-se-me o céo todo, e ali vi escrito
Quanto teu doce verso me resume.

*

Principiam a alvorecer os arreboes de um novo amor. Já se está fazendo uma claridade tamanha no espirito do poeta que chega a abusar extraordinariamente da rima *clara* n'este soneto:

Quando eu os olhos ergo áquella *parte*,
Onde o meu novo Sol o dia *aclara*,
E me vejo tão longe da luz *clara*
Que resplandece em mais ditosa *parte*.

A alma saudosa se me arranca e *parte*
Lá onde a terra mais formosa e *clara*,
Mais sereno o céo faz a vista *clara*
De que meu fado triste e cruel me *parte*.

etc.

Este barato engenho de rimas já nos está denunciando a decadencia do poeta desembargador com dez ou onze annos de Relação e de processos civis e appellações. O certo e muitissimo claro é que pensava em contrahir segundas nupcias, e tinha um *sol novo,* como consta do soneto.

Este novo sol era uma senhora nascida no Porto. E cá temos, leitor curioso, a chave do soneto que deu ao snr. Theophilo uma mulher que morreu, e ao snr. visconde de Castilho uma filha casada de João Rodrigues de Sá.

Ora, a menina chamava-se D. Maria Leite, nascida na real cidade. Era filha de Miguel Leite, e neta de D. Maria Dias Leite, que viera de Guimarães casar no Porto com Diogo Carneiro — duas familias muito nobres. Miguel Leite e seu tio Antonio Leite haviam servido valorosamente na Africa. As chronicas não olvidaram os serviços d'estes dois bravos. O celebre capitão de Mazagão, Luiz de Loureiro, em 25 de janeiro de 1542, escrevia a D. João III:... *E estando nós, Senhor, n'esta baralha, eu tinha o meu cavallo com duas lançadas muito ferido, e ia-se-lhe todo o sangue d'uma lançada que tinha pelos peitos, e eu não tinha remedio para cavalgar em outro cavallo pela dor grande que tinha que me não podia affirmar sobre elle; n'isto deram recado a João Ribeiro... que me ajudou e fez cavalgar em um cavallo de Miguel Leite, escrivão dos contos d'esta villa, que*

é mui bom cavalleiro e muito especial homem. [1] Seu tio Antonio Leite, capitão de Mazagão em 1524, depois em Azamor, e senhor da villa de Santo Antonio de Arenilha fôra um grande matador de mouros e leões. Em 15 de janeiro de 1528, escrevia a el-rei que *tendo novas de que uma liôa com dous filhos já grandes lhe tinha feito dano em um fato de gado, se foi a ella com nove de cavallo, e fazendo-lhe tiro um besteiro de cavallo por nome Antonio Rodrigues, a liôa sahiu a elle e colheu o cavallo pelas ancas com unhas e dentes: o cavalleiro esteve tão acordado que levou da espada e a feriu em uma pá: e cahindo logo o cavallo e elle juntamente, se levantou ligeiro em pé, e com a espada na mão e gentil ar deu a andar para a liôa, que todavia com estar brava e muito assanhada o arreceou, e fez volta bramindo: e correu contra outros dous cavalleiros e a ambos feriu os cavallos, e todavia não pôde escapar a tantos e ficou morta. Mas affirma o capitão que tendo morto muitos outros leoens não vira nenhum egual a esta nem em ferocidade nem em ligeireza.* Fr. Luiz de Sousa narra o successo, precedendo-o d'estas consideraçoens: *Temos de 15 de janeiro deste anno* (1528) *uma*

[1] Fr. Luiz de Sousa, *Annays de D. João* III, pag. 366.

carta de Antonio Leyte, capitão de Mazagão para el-rei, em tempo que aquella praça estava ainda em seus principios, de que me parece cousa digna fazer relação, por que se veja quão bons e arriscados soldados havia n'estas fronteiras, não só contra os mouros, mas tambem contra bestas feras com quem a honra é pouca e o risco demasiado [1].

D. João III remunerou os serviços de Miguel Leite com a commenda de Santa Comba dos Valles, na provincia transmontana, em Lamas de Orelhão. Miguel Leite casara em Arzila com Domingas Valente de Macedo de quem houvera dous filhos, Jorge Leite de Macedo e Maria Leite. Esta era a *planta em que floreciam a formosura, saber e alta bondade* que nos affirma o soneto LII do *Livro* I. O *tronco que dera em toda a parte gloriosos ramos de honra e gloria nas armas e esquadrões do fero Marte* era o pai de Maria Leite, o commendador de Santa Comba dos Valles, glorificado na carta de Luiz de Loureiro; e, como suprema illustração na historia d'aquelle tronco, diz o poeta:

D'aqui nasceu hũa Dama em que tod'arte
O ceo pôs, eu vontade, alma e memoria.

---

[1] Id. pag. 209.

Por 1564 aproximadamente casou o dr. Antonio Ferreira com D. Maria Leite, que foi dotada com propriedades em Cabeceiras de Basto, onde vivêra, no reinado de D. João I, seu avoengo Alvaro Anes Leite, senhor da terra de Calvos. É certo que o doutor Antonio Ferreira residiu algum tempo na commenda de seu sôgro em Lamas de Orelhão, em Santa Comba dos Valles, onde foi colher inspiraçoens para a *Historia de Santa Comba* que cantou em glaciaes hendecassylabos, estragados por invencionices milagreiras muito irrisorias. Assevera o poeta que presenciára as frioleiras que refere:

Senhores, conto o que meus olhos viram,
Vi os signaes da pedra milagrosa.
Bebi a sancta agua: e outros, que o sentiram,
Agua sancta lhe chamam, e preciosa.
Isto os vivos ós pais e avós ouviram.
Historia divina é, não fabulosa.
Os Templos e os Altares dão boa prova,
E com milagres mil o ceo o aprova.

Creio que o desembargador do civel, desde que casou com D. Maria Leite, na curta vida que teve, não fez outros versos. A *Historia de Santa Comba* é a obra da velhice prematura. Nomeado de novo para a Relação de Lisboa, é provavel que não voltasse á provincia, porque dous annos depois succumbiu ao contagio devastador de 1596.

A sua viuva recolheu-se a Cabeceiras de Basto com dous filhos em mui tenra idade — Miguel e Ruy. O mais velho, Miguel Leite Ferreira, editor dos *Poemas lusitanos*, em 1598, diz na dedicatoria ao principe D. Filippe, que não conhecera seu pai. *Deixando-me em tal edade que o não conheci,* escreve o filho, trinta e nove annos depois do fallecimento de seu glorioso progenitor.

*

Procuremos quanto seja possivel a descendencia de Antonio Ferreira.

De Ruy Leite, seu filho segundo, não tenho noticia. Miguel Leite Ferreira succedeu na casa de Cabeceiras de Basto e ahi morou. Casou com D. Leonor de Tavora, filha de Ruy de Andrade, dos *Andrades*, que ainda hoje tem muitas casas representantes em Basto. Tiveram dous filhos: Antonio Ferreira Leite, e Pero Varella, que adoptou o apellido da sua visavó paterna Mecia Froes Varella — e quatro filhas, Antonia, Camilla, Anna e Catharina das quaes se não sabe a descendencia. Seriam religiosas, segundo o costume das casas vinculadas.

Antonio Leite Ferreira, neto do doutor Antonio Ferreira, casou em Guimarães com D. Maria d'Almada, senhora do morgadio dos Almadas, e representante de Pedro Alvares d'Al-

mada, cavalleiro da Jarreteira que serviu Henrique III de Inglaterra por 1500. D'estes nasceu Miguel Leite de Almada, morgado da Golpilheira, Cainhos e Azenha que casou com D. Maria Telles da Silva. Estes são os pais de Ignacio Leite de Almada, avós de Thomaz Antonio Leite Ferreira de Almada, bisavós de Ignacio Leite Ferreira de Almada, terceiros avós de D. Gracia Leite de Almada, dama da ordem de Santa Izabel que casou em 1802 com o primeiro visconde de Azenha, Martinho de Moraes Correia de Castro. Esta primeira viscondessa de Azenha era quinta neta do doutor Antonio Ferreira [1].

Seu pai Ignacio Leite *Ferreira*, e seu avô Thomaz Antonio Leite *Ferreira*, usando este appellido, parece que o usavam conscientemente, glorificando-se do seu illustre avó [2].

Dos primeiros viscondes de Azenha nasceram

---

[1] Antonio Leite Ferreira, neto do poeta, além de Miguel Leite, teve os seguintes filhos: Fr. Ignacio e fr. Francisco benedictinos, fr. João do mosteiro de S. Jeronymo da Costa, D. Anna Leonor de Tavora que casou com Nicolau da Arrochela de Almeida, D. Antonia freira no Salvador de Braga.

[2] Veja *Resenha das familias titulares do reino de Portugal* por João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco e Torres e Manuel de Castro Pereira de Mesquita, Lisboa 1838. Não merece egual conceito quanto a appellidos a *Arvore de Costados* do ignorantissimo e superficialissimo J. Barbosa Canaes.

os sextos netos do doutor Antonio Ferreira: — D. Carlota, que casou com Vicente Machado Pinheiro, senhor da casa de Pindella, e pai do actual visconde de Pindella; — D. Catharina, que foi condessa de Basto; — Bernardo de Almada 2.º visconde e 1.º conde de Azenha, conde commendador Palatino. O representante dos Leites Ferreiras e Almadas é actualmente Ignacio Corrêa de Almada, 2.º conde de Azenha, que nasceu em 15 de julho de 1832, e é setimo neto do doutor Antonio Ferreira.

*

Vicente Pinheiro Lobo Machado de Mello e Almada, filho do visconde de Pindella, é um indagador curiosissimo de linhagens. Pois aposto eu que elle não sabe que é oitavo neto do grande poeta da tragedia *Castro*, de *Bisto* e do *Cioso!* Quer-me parecer que o meu presado Vicente Pindella, se soubesse que descendia por seu pai do grande amigo de Sá de Miranda e seu cooperador na renascença das lettras classicas, decerto m'o teria dito com egual desvanecimento de assignar-se *Ferreira* ao que deve ter de assignar-se *Almada*.

NOTA

O segundo casamento de Antonio Ferreira e sua descendencia encontra-se particularisado no *Nobiliario das gerações de Entre-Douro e Minho* por Manoel de Sousa da Silva no *Titulo 53 em que se trata das gerações de Calvos e Leites*, tomo 2.º. Manoel de Souza da Silva, filho de Antonio de Sousa Alcoforado, e capitão-mór de Santa Cruz de Riba Tamega, colligiu as suas genealogias nos annos decorridos entre 1680 e 1701.

A reputação de veridicidade que este genealogista grangeou foi tal que Manoel de Carvalho de Athaide pai de Sebastião José de Carvalho veio de Lisboa a Canavezes exorar-lhe um attestado para poder justificar-se descendente de Gonçalo Coelho, senhor de Sergude, com o fim de usurpar os vinculos de Montalvão a Bernardo Teixeira Coelho, senhor do Bomjardim. No *Perfil do Marquez de Pombal* refere-se dilatadamente o escandalo. D. Antonio Caetano de Sousa, o author da *Historia Genealogica da Casa Real*, divulga a muita consideração que lhe mereciam as noticias de Manoel de Sousa da Silva. *Escreveu*, diz elle, *um grande numero de titulos de familias com muita exacção porque viu os cartorios dos mosteiros antigos do Minho de que tirou muitas antiguidades para as familias de que tratou* (*Apparato*, *pag.* CLXIII). O meu exemplar é um traslado feito em 1774, com a seguinte apostilla: *Esta copia foi tirada do original que escreveu o autor sem lhe acrescentar cousa alguma mais do que o que elle escreveu para servir de texto, e por isso se lhe não deixou papel branco: o que affirmo debaixo de juramento dos Santos Evangelhos. Hoje 15 de março de 1774. José Duarte Lobo.* O original viu-o D. Antonio Caetano de Sousa na livraria de Luis Carlos Machado, senhor de Entre Homem e Cavado.

OLIVEIRA MARTINS

HISTORIA DA CIVILISAÇÃO IBERICA — Lisboa, 1879

HISTORIA DE PORTUGAL — Lisboa 1879, 2 tom. in-12.

A *Historia da civilisação iberica* é um notabilissimo livro. Condensa profundo estudo, é a convergencia de variada lição para esclarecer pontos obscuros ethnologicos de origens e raças. Assenta lucidamente, fundamentado em Leibnitz, Niebuhr, Van Eys e Vinzon, que os iberos primitivos derivam da Africa septentrional. Demonstra a affinidade de raças entre hespanhoes e africanos, manifestada na repugnancia com que os celtiberos se submettem ao jugo romano e na espontaneidade com que acceitam os caudilhos

carthaginezes. Historiando a organisação da Hespanha romana, até á sua dissolução, e entrando na constituição da monarchia visigoda, refuta a absoluta influencia germanica nas instituições da Hespanha. Os invasores submettem-se á civilisação romana que encontram: acceitam as leis, a instituição e a lingua, reservando só para si o uso da authoridade soberana e o gozo das riquezas adquiridas; mas ainda assim — ajunta o author — não se presuma que a monarchia visigotica é uma simples substituição de authoridades. «Seria paradoxal affirmar que os vencedores, apossando-se d'uma terça parte das terras e tomando a si o dominio soberano, não trouxessem para o seio da sociedade, onde se achavam estabelecidos, nenhuns dos seus usos, das suas instituições, das suas idéas.» Esta concessão protege o snr. Oliveira Martins da metralha germanista que lhe estava imminente. Felicitamol-o.

Estuda lucidamente as instituições dos visigodos, quando a assimilação de godos e romano-hispanos se completa no meado do seculo VII. Cruzam-se as raças e baralham-se as leis. No codigo visigothico fundem-se as caracteristicas do Breviario de Alarico. Á superficie da sociedade apparecem o clero erudito que promulga a lei e os barões que a executam. O clero dá a sagração da soberania aos monarchas, filiando-os á Igreja pela unção. D'ahi provém á Hespanha visigotica

uma superioridade social na Europa; assenta na base da unidade, identifica a authoridade religiosa com a civil. Então começa a perseguição aos arianos e israelitas. Estava-se formando a raça intolerante que não desmentiu a origem no decorrer dos seculos; e ainda hoje, de vez em quando, se convulciona nos phrenesis das grandes sangrias. O snr. O. Martins dá-nos a nitida importancia da cleresia, a omnipotencia dos concilios. Os monarchas mantem parte das suas regalias á custa de abjecções. O povo não tem representação alguma n'essas assembléas conciliares. Os traços principaes da governação visigotica são romanos. Existem os escravos com a denominação de colonos. Colonos ou escravos, a maior parte da população é serva. O colono, se não está preso ao dono, está captivo da terra que lavra. A acção libertadora do christianismo não fôra comprehendida senão no sentido da liberdade das almas: não se estendia até aos pulsos. Era a velha organisação romana, com diversas nomenclaturas, quanto aos escravos. A invasão germanica não deu o rebate da independencia pessoal; quando muito daria á classe média hispano-romana o impulso restaurador das instituições municipaes. Estes relanços aqui postos em fugitiva synopse são tratados pelo snr. Oliveira Martins com uma clareza methodica e erudita. A *Occupação arabe* e *Os mosarabes* são partes essenciaes do livro, que conduzem á

Formação da nacionalidade. É o estudo do lento processo da reconstrucção das nações, e da emancipação do homem — o grande pensamento que parece presidir á elaboração do historiador. «Os *cavalleiros-villãos* são já na idade-média — escreve o snr. Oliveira Martins — o esboço d'essas burguezias que mais tarde, orgulhosas do seu ouro, e invejosas do lustre e distincção da nobreza, a copiam nos seus habitos e nos seus vicios, sem poderem copial-a na tradicção nem na linhagem: por mais que reneguem a sua origem plebea, a fatalidade da condição, impondo-se-lhes, torna-as ridiculas, e, por isso, além do resto, más». Isto é verdade e triste. O historiador sahe com esta conclusão da idade-média, e parece que a está tirando da vida do seculo XIX.

Na parte do livro intitulada *A Monarchia catholica*, entra o historiador na contextura da historia de Portugal, e com a formula *razão de estado,* explica a *perfeição* do homicida João II, com admiravel sensatez, apesar da ironia da fórma. Observa as instituições e as classes até ao momento opportuno em que deslisa para a apreciação dos caracteres, e tece os fios da historia pelos dados das biographias. Parece que concede demasiada sinceridade ás crenças religiosas do seculo XV e XVI. Confunde talvez a hypocrisia com a religião. Portugal e Castella impunham ao papa a inquisição; os papas reluctaram em concedel-a:

da parte d'elles é que estava a piedade — não nos importa saber o preço — e do lado dos reis havia a sincera inepcia, e dos aulicos a refinada hypocrisia. A D. João III faz o snr. Oliveira Martins singular justiça em termos que não vimos ainda tão assignalados pelo cunho da verdade. Perfeita justiça ao rei e aos judeus: «D. João III seria inepto e fanatico; mas era sincero na sua crença; Roma seria corrompida e vil; mas a corrupção e a villeza serviam n'este momento a humanidade; os judeus, porém, effectivamente martyrisados, não merecem o lyrico applauso d'uma philantropia acanhada, porque o amor dos homens, é sobretudo, o amor da dignidade humana; e esses martyres não a conheciam, na abjecção com que tudo confiavam ao dinheiro corruptor, e na indignidade com que se submettiam a praticar os actos de uma religião que aborreciam». São admiraveis estas paginas. Se as queremos comparar, no rigor deductivo e na independencia, ás historias feitas, lembra-nos Gibbon na *Historia da decadencia e queda do imperio romano.* Algumas vezes, na correnteza d'uma primeira leitura, nos quiz parecer que havia interpretações violentas na opinião das authoridades em que se esteia; mas, a meu vêr, são as mesmas apparencias de faltas que Milman explicava em Gibbon: *Many of his seeming errors are almost inevitable from the close condensation of his matter.*

Na *Historia de Portugal* escreve o snr. Oliveira Martins para demonstrar a concatenação d'este livro com a *Historia da civilisação iberica:* «o conjuncto dos nossos pensamentos moraes, o caracter dos movimentos que compõe o systema do desenvolvimento das instituições e das condições das classes, e mesmo as linhas geraes da nossa vida politica, são apenas um aspecto do systema geral da historia da peninsula iberica». Isto mostra a correlação dos dous livros que mutuamente se completam.

Fallemos do segundo: a *Historia de Portugal.*

O snr. Oliveira Martins não sacrifica aos documentos perpetuados em corpo historico os factos sociaes. Não se entenda, por isso, que elle deixa de conferir uns com outros. É certo que a demasiada submissão a um plano systematico, organico, póde motivar desvios da boa critica. O systema preconcebido póde subordinar a categorias logicas os factos que se produziram desordenadamente; porque a logica dos acontecimentos não é a nossa, diz Jouffroy. Não me pareceu, todavia, incurso em preoccupações de escóla o snr. Oliveira Martins. Denota somenos familiaridade com as chronicas; mas d'esse desapêgo resulta que a sua historia tem vida, tem nervos, dá a sensação, ao passo que a historia redigida em frente dos velhos exemplares é a exhumação da ossada

d'um sepulchro velho para um sepulchro novo. Os grandes homens do morrião e do montante apparecem-nos como panoplias em sala de armas; mas não se lhes sentem os estos do sangue, o pulsar da vida. Em vez de pedestaes novos ás estatuas cyclicas da historia portugueza, o snr. Oliveira Martins dá-nos resurreições. Se os nossos sentimentos divergem na apreciação de alguns factos, a luz a que elle os offerece tem as excellencias d'uma convicção guiada por um grande talento. Por exemplo: a questão dos jesuitas — a quem o historiador consagra um sincero desamor. Parece que abusa um tanto das espádoas d'elles sobrepondo-lhes grande carga das fatalidades do paiz desde o reinado de D. João III. A educação jesuitica, segundo nos parece — influiu pouquissimo no espirito ignorante da nobreza, que, em materia de religião, sente-se menos da influencia dos padres que da corrupção pagã que desce do paço da Ribeira, através dos pomposos palacios do Rocio, e chega ás alfurjas dos petintaes de Alfama. O jesuita não educou na direcção das batalhas o neto de D. João III; é mais de crêr que o orientasse na direcção do céo; mas é sabido que o galhardo misanthropo não obedecia a padres nem a fidalgos. A sua indole estouvadamente bellicosa não lh'a inflammaram os *Exercicios espirituaes* do jesuita Rodrigues; seriam antes as odes encomiasticas e sanguinarias dos poetas, e

nomeadamente de Camões, que lhe dizia fallando de settas:

Crendo bem que as que vós despedireis
No sangue serraceno as tingireis.

E, asseverando-lhe o favor divino, vaticina-lhe:

Deus...
Vos fará vingador dos seus reveis
E os premios vos dará que mereceis.

D. Sebastião leria estas prophecias cruentas do valente poeta, quando não fazia a sua côrte a D. Juliana, filha do duque d'Aveiro.

Os jesuitas não teem que vêr com a corrupção da India. Accusaram-na para o reino em termos desabridos (*Oriente conquistado,* pelo padre Francisco de Souza; *Vida do padre Pedro de Basto,* por Fernão de Queiroz). Se os jesuitas cooperaram na perdição dos interesses da Asia — a questão do cravo e da pimenta — isso foi n'elles uma virtude da sua missão. Quizeram introduzir o rito latino nas igrejas nestorianas, e d'aqui o desfalque das mercadorias, porque os christãos syriacos malabares com medo dos portuguezes já não desciam a Cochim a negociar. Parece que se devem louvar os missionarios que não transigiram com o erro para conservarem aberta a rica veniaga

da pimenta. (*Viagem do arcebispo D. Aleixo de Menezes* e *The History of Christianity in India* by James Hough).

N'outra passagem da Historia, encontro o padre Malagrida victima expiatoria dos homicidios dominicanos. Nem a logica nem a providencia o consentiriam. Jesuitas e dominicos nunca estiveram de boas avenças; nem os primeiros fruiram o absoluto imperio que o historiador inculca. Os dominicanos metteram no carcere o potentado jesuita Antonio Vieira. A Companhia não pôde anteparal-o, apesar da sua omnipotencia. Se os jesuitas eram a alma dos negocios, e a vontade dos reis e a dos ministros, como foi Vieira sopeado pelos filhos de S. Domingos?

Entre Domingos e Ignacio havia rixa velha. Um celebre historiador de Hespanha, o jesuita Mariana, amaldiçoou a inquisição execrando o decreto barbaro que violentava os hebreus ao baptismo — *Insolens Decretum à legibus et institutis Christianis abhorrens maximè*. E acrescenta: *Violentar homens a aceitarem a religião christã, é roubar a liberdade, a dadiva do céo, áquelles que Deus fez livres! Crime horrivel, igual ao de arrancar os filhos aos braços dos paes! Os portuguezes delinquiram n'estes dous pontos, arrebatando as crianças para o baptismo contra vontade dos paes; obrigando com maus tratos e convicios os mais velhos a christianisarem-se, e sobre tudo*

roubando-lhes fraudulentamente os recursos para a sahida, que á força lhes impuzeram! (JOANIS MARIANÆ, *Historia de rebus Hispaniæ, Moguntiæ,* T. II L. XXVI, c. 13). Tão longe está já de nós o facto dos jesuitas, e é raro, a respeito d'elles, escrever-se sem os *recentibus odiis* que Tacito desejava delir da credibilidade historica. As iras de Pombal, postas na corrente da tradição, conservam ainda o calor que uma critica em demasia transigente pretende sustentar na admiração pelo figadal inimigo da Companhia de Jesus. Não pretendo irrogar censura ao snr. Oliveira Martins, nem o impugno. N'este ponto de divergencia inconciliavel, admiro a habilidade, mas não convenho na equidade da accusação. Todos temos, nos nossos panoramas historicos, illusões de perspectiva.

Pelo que respeita á educação que a Companhia ministrava, uma apreciação do snr. Oliveira Martins salva-a de obscurantista e ardilosa no seu methodo: «... Todos concordavam, até no seio da Allemanha protestante, que a mocidade aprendia mais e melhor com os jesuitas. As linguas antigas eram, na Renascença, o alicerce da educação classica, e ninguem excedia no conhecimento d'ellas os professores dos collegios, que a Companhia espalhava por toda a parte: sempre que erigiam um templo fundavam uma escóla». (*Historia de Portugal,* tom. II pag. 69).

A *Viagem da India* é um quadro perfeito, tecido com muita habilidade, um elenco das grandes victorias e dos crimes que ficaram immortalisados sob as ruinas das fortalezas que lá ergueram os portuguezes na sua viagem de pouco mais de cincoenta annos. A memoria das iniquidades é o que remanesce como nodoa de sangue indelevel no marmore da historia. Aqui nos apparece Vasco da Gama, corsario de vidas e de pimenta. O snr. Oliveira Martins, grande admirador de Camões, não lhe admira igualmente o heroe. Eu tambem, na epopêa do grão cantor, apenas encontro raros trechos dignos da sinceridade do pindarista e das aspirações chatins do cantado. É quando o epico nos relata que *a fazenda esteve muito tempo na cidade sem se vender,* e que era *pimenta ardente,*

> A noz, e o *negro* cravo, que faz *clara*
> A nova ilha Maluco, c'o a canella
> Com que Ceilão é rica, illustre e bella.

Depois, Affonso de Albuquerque intenta formar na India um imperio remodelado pela antiga Roma conquistadora. Queria resurgir os Scipiões, e mandava cortar narizes aos indios.

A leitura d'este magnifico capitulo entalha no espirito noções nitidas e profundas da vida portugueza no Oriente. Não se fórma tão claro conceito d'essa tragedia ignobil de meio seculo, re-

lendo Barros, e os commentarios do Affonso d'Albuquerque, com o correctivo de Gaspar Corrêa, de Diogo de Couto, do jesuita Francisco de Sousa e de Rodrigues da Silveira. Esta parte da historia é elaborada por um processo inteiramente novo. Aqui entra o caracter de D. João de Castro, sob aspectos não usados pelos apologistas, com as suas preoccupações romanas, distincto de quantos governaram a India pela illustração, aliás inutil na correcção de aleijões de nascença. A viagem é referida com os encantos litterarios d'uma allegoria. O desastre geral symbolisa-se na catastrophe de D. Paulo de Lima, o opulento capitão que regressava á patria com 140:000 pardáos — uma agonia acerba, referida por Diogo do Couto. Depois d'este funebre desfecho do heroe de Jor, o snr. Oliveira Martins poderia contar a comica dramatisação que se continúa na ilha de Inhaca, pelo casamento da viuva de D. Paulo, a gentil Beatriz de Montarroyo, com o seu criado Henrique Homem Carneiro, que devia de ser o seu amante, o vingador d'aquelle marido indigena que D. Paulo deshonrára em Gôa — o marido d'aquella adultera que se arrojára das ameias do paço de Pangim. *(Livro em que se contém tudo o que toca á origem, etc., da Ordem da Penitencia do N. Seraphico P. S. Francisco, pelo M. R. P. fr. Luiz de S. Francisco. Lisboa 1684)*. Veja o snr. Oliveira Martins onde eu estudo os escandalos!

É licito pois duvidar que D. Brites levasse ás costas do segundo marido os ossos do primeiro.

Um critico notabilissimo, no *Diario Illustrado,* impugna com razão que o Mestre d'Aviz recebesse o annel de D. Leonor Telles. Ainda que o recebesse, a sua memoria não ficaria mais denegrida. Elle tem manchas que farte na sua historia, as quaes bem aproveitadas de Fernão Lopes, e repassadas na joeira da critica, nos dão um ordinario caracter, nem melhor nem peor que o dos famigerados heroes do seu tempo: — nada mais facil de demonstrar com o testemunho dos seus proprios panegyristas que o exalçaram pelo civismo sobre o pedestal de gloria arranjado por boas manhas, cavillações politicas, e a sorte prospera d'uma batalha, onde não só a bravura nacional, mas tambem a perfidia dos portuguezes bandeados em Castella explicam o exito. Com uma grande critica escreve o snr. Oliveira Martins: «O prior do Crato não valia mais nem menos que o Mestre d'Aviz; acaso mesmo valesse pessoalmente mais».

D. João I, ardente e arrojado nos amores como seu pai — (que adulterára incestuosamente com a comadre Ignez, e ainda ella, no primeiro semestre de morta, se dissolvia, e já elle andava por Lisboa ou no Alto Minho fazendo um filho — o futuro rei—em Thereza Gil Lourenço de Andrade), D. João I viveu de mancebia quatro annos com Filippa de Lencastre. É uma historia longa, mas diz-se em

poucas linhas. Elle não podia ser marido legitimo sem dispensa dos votos de frade de Cister, e o papa só lhe concedeu essa dispensa quatro annos depois do concubinato. O rei casára-se na Sé do Porto sacramentalmente, sacrilegamente (Deus lhe perdôe!), mas ficou sendo o Mestre da Ordem d'Aviz aligado á Igreja em quanto o papa o não desvinculou dos votos. O caso devia então impressionar e ferir os canones como hoje escandalisaria e pungiria a Moral o casamento, sem previa apostasia, do snr. prior da Lapa roubado aos braços da Igreja catholica e ás caricias da politica progressista — o que os céos não permittam.

Concluindo: N'esta *Historia de Portugal* ha a largura dos grandes aspectos sociaes dados a factos que pareciam pequenos e escurecidos em meio de outros mais caracteristicos. Oliveira Martins generalisa luminosamente com uma grande harmonia de plano organisador; agrupa os factos, desconnexos talvez com a chronologia, mas moral e politicamente harmonicos. Em poucos traços essenciaes resume um periodo de historia. Uma anecdota, um caso despercebido e sem o sêllo de notavel importancia sociologica, tratado por Oliveira Martins, consoante o modo familiar de Taine, abre-nos a porta da vida intima d'uma época, relaciona-nos com os grupos que encontramos nas antecamaras; e, se a alcova está franca, não entra; ou, se entra, em vez de sahir com uma pagina de

Boccacio ou da rainha de Navarra, traz-nos um sorriso de La Bruyère disfarçado n'uma observação ironicamente realista. A velhaca e lerda pessoa de D. João VI é pintada com uma verdade cheia de naturalismo, chistes, *strokes of wit.*

Um critico disse d'esta *Historia*, no OCCIDENTE, com o bom proposito de a elogiar, que se lia aprazivelmente como um romance. Isto, se assim fosse, seria a meu vêr um demerito. A historia do snr. Oliveira Martins lê-se devagar, attentamente, porque, a cada pagina, se encontram inducções, panoramas, lances de vista que obrigam a reflexão. É mister ás vezes agrupar os personagens subentendidos nas illações para que elles actuem e affirmem os successos de que derivam as opiniões historicas do author. A obra do snr. Oliveira Martins deve ser melhormente entendida e apreciada por aquelles que houverem colhido uma imperfeita, senão falsa, comprehensão da vida portugueza no estudo das chronicas.

Nas *Notas sobre a historiographia em Portugal,* ha uns lapsos de influencia nulla na contextura da obra. Os livros citados menos pontualmente, como subsidios, não elucidariam o snr. Oliveira Martins ainda que os consultasse com um grande e mallogrado escrupulo.

MEMORIA

SOBRE A

HISTORIA E ADMINISTRAÇÃO

DO

MUNICIPIO DE SETUBAL

POR

ALBERTO PIMENTEL

Da Academia real das sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra (publicadas a expensas da municipalidade de Setubal). Lisboa 1879, in-4.º

ENTRE as varias topographias de cidades portuguezas, é esta a mais methodica e bem organisada, com a vantagem de bem escripta. Estão grangeando estima e voga os trabalhos d'esta natureza. No transcurso dos ultimos dez annos, escriptores de merito sahiram dignamente com copiosas noticias de Coimbra, Aveiro, Lamego, Vianna, Caminha, Barcellos, Famalicão, etc. Nada ha, porém, modernamente escripto a respeito de Braga e Porto. A fallar verdade, bom é que o não intente algum curioso sem os dotes investiga-

dores do snr. Alberto Pimentel. O que ha do Porto são algumas paginas dos primordios da cidade, escriptas pelo snr. Simão Rodrigues Ferreira, que não destôa da boa critica em quanto se aparta de fr. Bernardo de Brito e do fabuloso Laimundo; mas desanda para as velhas preoccupações quando nos figura a igreja de Cedofeita edificada no seculo VI. Porto e Braga, opulentissimas de historia, estão á espera do explorador. As riquezas da vetusta cidade dos arcebispos, no padrão de antiguidades, sobreleva muito á do berço do infante D. Henrique, relativamente nova, e mais de molde para a historia politica e commercial. Houve aqui um obscuro e já esquecido trabalhador que ajuntou subsidios para uma *Historia do Porto*. Era João Nogueira Gandra, bibliothecario e litterato mediocre a quem Balbi, na melhor boa fé e ignorancia da lingua portugueza, chamára *poëte parfois heureux*. Nunca se atreveu, por mingoa de recursos, á magnitude dispendiosa da empresa. Chegou a fazer lithographar estampas com que tencionava illustrar o livro. Não sabemos onde param. Viu-as o fallecido e notabilissimo escriptor Arnaldo Gama que, nos ultimos annos da curta vida, colhera no archivo da camara elementos para uma projectada historia da cidade heroica.

Esta *Memoria de Setubal,* obra de prova e de execução primorosa, devia ser estimulo para

que o municipio portuense encarregasse Alberto Pimentel de tarefa analoga a respeito do Porto. Faz pena que a soberba rival de Lisboa não tenha um livro em que se estude a cadeia de successos que a trouxeram desde o seculo XI á sua opulencia actual. Lisboa tambem o não tem privativo, de lavra moderna; mas são vastissimos os documentos dispersos que lhe dizem respeito nas chronicas, nas chorographias, nos romances historicos, nas viagens de forasteiros, e em livros especiaes como o de Christovam Rodrigues, de fr. Nicolau d'Oliveira, de Mendes de Vasconcellos, de Marinho de Azevedo, do medico Santos Cruz, e tantos outros que se completam com as descripções dos estrangeiros por via de regra mais attentos aos costumes que aos edificios e á nomenclatura das ruas.

O Porto apenas tem do seculo passado a magra e sêca descripção de Rebello da Costa, e ultimamente as citadas *Antiguidades* do snr. Ferreira. Que magnifica obra para um pulso robusto, quando houver uma camara que entre as lucubrações transcendentes de abrir uma rua e destruir uma antigualha como o arco da Vandoma ou o de Sant'Anna ou a Porta Nova, se preoccupe de mandar colligir a historia dos seculos que esses monumentos derruidos viram passar! Era bom saber-se como se creou e engrossou até á actual pujança plethorica a Idéa utilitaria —

a americomania, esta fome de Ugolinos bancarios que seriam capazes de comer os filhos, se não preferissem antes comer os accionistas. Ah! que os bacalhoeiros não impugnem iracundos um lavor d'esta especie em razão d'elle ter um lado litterario e scientifico. Prometta-se-lhes contar pelo miudo como foi que o bacalhau e o pôlvo se insinuaram na rica circulação, nos esponjosos ádipos da cidade invicta; e sobretudo conte-se-lhes que a camara municipal de Setubal encarregou o snr. Alberto Pimentel, escriptor distincto, de nobilitar-lhe a historia da sua formosa terra em um livro cheio de noticias que se lêem como recreio e como estudo.

ELEIÇÕES LIBERRIMAS

Á ANTIGA PORTUGUEZA

Fafe e governo progressista em 1879. Manifesto eleitoral ao circulo 15, e cartas politicas ao presidente do conselho de ministros Anselmo José Braamcamp, pelo visconde de Moreira de Rey. Porto 1879. In-8 °

A RETARDADA noticia d'este opusculo não é extemporanea. O visconde de Moreira de Rey escreveu 35 paginas eloquentes e severas — que, mudados os nomes dos personagens e a numeração do circulo, podem servir para explicar o processo da ultima *degringolade* eleitoral. O visconde define o seu notabilissimo caracter na lucta em que a sua honra ficou victoriosa. Elle não faz grande alardo da sua honestidade politica: relata os successos que precederam a batalha, e dá os documentos que presagiavam a derrota. O governo

progressista de 1879 fez retroceder a liberdade do suffragio a 1845, com a differença que antepoz á violencia da paulada o suborno das consciencias com mais suaves pressões, exceptuados os dorsos que as sentiram duras. N'isto é que assenta a progressiva perfectibilidade do systema representativo, e um visivel symptoma de melhoria nos processos. O que está, porém, a pedir reforma é a localidade do fabrico de deputados. Ha opiniões de que o christianismo sincero desappareceu da face do Portugal fidelissimo desde que as igrejas se franquearam, segundo a lei eleitoral, para que entrassem os vendilhões que Jesus de Nazareth varrêra do templo. A urna na igreja recebe as listas e é ao mesmo tempo cinerario do decoro religioso. A mystificação do suffragio, a não se poder, por motivos de decencia, fabricar nos recintos municipaes, seria honesto que se fizesse em casas clandestinas, como um acto vergonhoso, cujo desbragamento em publico a policia não permitte. Eu, na minha boa fé catholica romana, creio que os templos onde ha gestação de deputados com indigestões de vinhos baratos, ficam interdictos, embora os antagonismos de murros sejam incruentos, a sêcco; porém, as palavradas, os convicios, as retaliações injuriosas devem ser de maior affronta sacrilega á Divindade do que umas gottas de sangue que não tem particulas de impiedade, nem perfumes de taberna, chimicamente examinado. Como objecto

de asco, o sangue é menos nauseabundo que a expectoração purulenta dos eleitores no pavimento das igrejas. Mudem-se estas operações para onde o ambiente não seja empestado, ou plantem eucalyptos desinfectantes nas naves dos templos. Outro alvitre: arranjem-se os eleitos do povo nas fabricas de cortumes onde nem a pureza atmospherica nem as côres das epidermes surradas tem que perder. Estas considerações de politica transcendente fizeram-se quando acaso ouvimos uns cantares de igreja que nos disseram ser um *Te Deum*, em acção de graças ao Altissimo, porque sua divina Magestade permittiu que fosse eleito o deputado progressista. Uma pandega ao divino. Se não fossem hypocritas, seriam blasphesmos, sacrilegos, o diabo!

O MACACO E O ELEFANTE

IMAGINA o candido leitor que eu lhe vou dar um *Apologo* á Kriloff, á Lokman ou á Lafontaine em que comparecem os dous bichos a fazerem syntaxe e rhetorica em linguagem portugueza. Não tenha medo. Sou um pouco do meu tempo e sei com quem lido. Os apologos tinham graça quando prevalecia a hypothese de que os irracionaes não articulavam discursos; mas, hoje em dia, que os parlamentos, os meetings e outras associações, saturadas de Cicero e vinho de Amarante, vieram confirmar que a nenhum ani-

mal é defêso o dom da palavra, o apologo não tem chisté nem moralidade, porque desappareceu a linha divisoria que separava com a baia da glottica a besta convencionalmente chamada *animal* da outra besta biologicamente chamada *homem*. Logo que Darwin desfez o contraste que a velha sciencia natural estabeleceu, escusado é dramatisar os bichós. O veo da allegoria rompeu-se.

Agora, se quero pôr duas ou mais alimarias a conversar, eu que necessariamente pertenço ao partido regenerador, ou ao progressista ou ao constituinte, vou ao jardim zoologico de S. Bento, e encontro, conforme o meu raio visual politico, na esquerda, no centro ou na direita, ricos exemplares, muito domesticados, cheios de gestos e gallicismos.

Mas não se trata de apologos.

Proponho me apresentar ao leitor dous nossos primos que floreceram na côrte de el-rei D. Manoel: um macaco e um elefante. Não me atrevo a suppor que talvez v. exc.ª não tivesse outros parentes na côrte do grande rei; mas pelo que me respeita a mim posso gabar-me de que estes meus primos, posto que palacianos, comeram menos cevada ao Estado do que os moços fidalgos que recebiam de meio alqueire para cima diariamente, como consta das moradias e filhamentos da casa real.

Direi primeiro do macaco.

Baldessar Castiglione escrevia «Il Cortegiano» por 1508, e só dezessete annos depois imprimiu o manuscripto. Um dos interlocutores das assembleas do duque de Urbino refere que um seu amigo, contando-lhe o que sabia de varios animaes trazidos a Portugal do paiz que os navegadores portuguezes recentemente haviam descoberto, affirmou ter visto um bugio *(simia)* de feitio muito diverso dos macacos que lá tinham. Este mono jogava o xadrez perfeitamente; e, estando um dia na presença do rei de Portugal (D. Manoel) o fidalgo que o trouxera, jogando o xadrez com elle, o macaco jogou tão finamente e apertou por tal modo o parceiro que a final lhe deu *mate ao rei.* O fidalgo furioso como costumam enfuriar-se todos os que perdem em tal jogo, agarrou do *rei* que era assás taludo como usam os portuguezes, e cascou com elle uma boa troquezada na cabeça do macaco. O bicho deu subitamente um salto, grunhindo fortemente, e parecia pedir a el-rei justiça da iniquidade que se lhe fazia. Depois, o fidalgo convidou-o a jogar outra vez, e elle por algum tempo fez tregeitos de recusa, até que por fim condescendeu. O jogo dispunha-se do mesmo modo contra o fidalgo. Vendo o bugio que podia outra vez ganhar, tratou de acautelar se com engenhosa malicia, para não ser espancado segunda vez; e, sem dar a conhecer o intento, poz brandamente a mão direita sobre o ante-braço esquerdo do fi-

dalgo que por delicado se encostava a uma almofada de tafetá, e tão depressa com a mão esquerda lhe deu *mate a um peão,* arrancou com a direita a almofada e defendeu a cabeça com ella; e em seguida poz-se a saltar deante de el-rei como a festejar o seu triumpho.

Mister Cezar Gonzaga, que ouvira a historia, sorriu e observou ironicamente: «É forçoso que, entre os outros macacos, esse fôsse um doutor de muita authoridade que a republica dos monos indianos mandou a Portugal para grangear reputação em paiz incognito.» Este Gonzaga intendia que um macaco doutor não deixaria de se distinguir em Portugal. O certo é que os doutores-chronistas d'aquella época, mencionando bichos notabilissimos, que D. Manoel caroavelmente abrigava no paço, guardam um silencio invejoso a respeito d'este doutor gorilha, mestre em xadrez. Tão importante documento, ignorado dos darwinistas e da Academia Real das Sciencias, perder-se-hia se o conde Baldessar Castiglione o não fizesse estampar em 1528. (Veja *Il Cortegiano,* edição de Lyão de 1553, pag. 194 e 195. N'esta edição, que é a segunda, ainda se conserva a dedicatoria ao bispo de Vizeu D. Miguel da Silva.)

*

A respeito do elefante que D. Manoel mandou

em 1513 ao papa Leão x, foram menos omissos; mas o mais essencial, os predicamentos intellectuaes do animal não os revelaram á posteridade. Damião de Goes, Jeronymo Osorio, Faria e Souza e outros referem que o pachiderme borrifara o pontifice com agua de cheiro colhida na tromba, e lhe fizera trez genuflexões. A relação mais eloquente e particularisada parece-me ser a do bispo Osorio que se traslada da versão do padre Francisco Manoel do Nascimento:

Este anno ia já no fim quando el-rei D. Manoel mandou ao papa Leão x trez embaixadores... com um presente digno da sua magnificencia real que constava de sagradas vestimentas, lavradas de obra mui prima com muito ouro, muita perola e pedraria, muita baixella tambem de ouro, e muitas joias custosissimas pelo pezo e pelo valor; e o lavor d'ellas era tal que, não se podendo imaginar cousa mais preciosa que a materia, era esta superada de muitos gráos pelo artificio. Acompanhava o presente um elephante da India de pasmosa estatura que não só em Roma, onde os homens, depois da decadente grandeza da magestade romana, nunca poseram olhos em animal semelhante, mas que por qualquer estrada que ia não havia poderes que arredassem o concurso do povo embobado em admiral-o. Vinha mais uma onça de montaria que não creio eu que mimo egual nunca os ediles romanos, quando alardeavam ludos tão magnificos, e quando além de outras ferocissimas alimarias deram tambem onças nos publicos espectaculos, o podessem dar. Por quanto, esta era amansada de sorte que não já combatia no circo homens lançados ás feras, mas corria pelas brenhas javalis, veados, causando estremado prazer aos principes que com

taes montarias usam deleitar-se. Pousava ella na garupa d'um cavallo airosamente ajaesado de peças de ouro. Era o cavallo persio, e um persa mui abalisado caçador o governava que para esse effeito o mandara el-rei de Ormuz com o cavallo e a onça..... Tremia Roma inteira com o estampido da artilheria, quando appareceram ante o castello Sancto Angelo. Destecida a escuridão do fumo, chegou o elefante perto da janella d'onde o pontifice estava olhando, e debruçando o corpo todo até affincar os joelhos, com todo o acatamento o saudou assim trez vezes, o que foi causa de muita maravilha para os que isto presenciaram. Mergulhando depois a tromb- n'um grande tonel de agua, borrifou quantos estavam pelas mais altas janellas, e d'ahi voltando para a plebe, como por divertimento, copiosamente a orvalhou..... No dia seguinte foram recebidos os embaixadores no Belveder que fica de traz do palacio papal no monte Vaticano, e lá os estava o pontifice esperando, e aceitados os presentes, cujo valor e brilho o admiravam muitissimo, desceu ao jardim para vêr a onça e o elephante, por não ser facil ao elephante subir ás sallas que davam passagem para o Belveder. Então quiz observar como se havia a onça no seguir a caça; que já d'antes eram a esse effeito lançadas algumas alimarias. Despedida pelo caçador que a governava, se arremessou a ellas a onça e com incrivel rapidez as degolou.

Mas a biographia psycologica do elefante está imperfeita.

Um contemporaneo, que se chamava João Pedro Valerio, escreveu em latim uma obra magna intitulada — *Hieroglyphica seu de sacris aegyptiorum aliarum que gentium literis commentaris.* A edição que consultei é de Lyão, 1602. No Livro

2.º pag. 20 e 21, falla-se do elefante que entrou em Roma aos 14 de março de 1514, enviado por D. Manuel, e relatam-se os seguintes pormenores authenticados por testemunhas do porte de D. Miguel da Silva, bispo de Vizeu, cuja probidade Pedro Valerio abona e invoca.

O elefante havia sido dádiva do rei de Ormuz e chamava-se *Hammon*. O cornaca que o seguira desde a India era um nayre que lhe communicava os seus pensamentos por meio de palavras e raciocinios. Conversavam. O nayre expunha, propunha, convencia, e o elefante ficava sciente. Ora, o cornaca apaixonara-se perdidamente por uma lisboeta —*puellœ amore perditus,* e recebera por isso com immensa magua a noticia de que tinha de navegar para Roma com o elefante. Inspirou-lhe a sua paixão um ardil. Entendeu-se com Hammon e segredou-lhe que el-rei ia mandal-o para longes terras barbaras e estereis; que iria ser assobiado e escarnecido pela canalha d'essas regiões remotas; que não teria lá boas petisqueiras, nem ricos chaireis, nem fôfos aposentos. Que, afóra isto, corria perigo de morrer no mar em naufragio acerbo; e, quer naufragasse quer não, era inevitavel a sua desgraça.

Aterrado com taes novas, o pachiderme deliberou não embarcar, e por mais esforços que se fizeram não foi possivel baldeal-o para bordo. D. Manoel estava afflicto, porque urgia levantar

ferro, e sua alteza não prescindia de enviar a Leão x o primeiro elefante persa que pisava as calçadas de Roma.

Alguem suggeriu ao rei que o cornaca persuadira á alimaria a desobediencia porque estava enfeitiçado d'amores, e que seria baldada diligencia querer embarcar o bicho sem que o nayre o despersuadisse dos embustes que lhe insinuára. Mandou D. Manoel chamar o cornaca, e disse-lhe que se, no praso impreterivel de tres dias, o elefante não embarcasse, mandaria matar a elle nayre — *extremo supplicio effecturam*, para exemplo de quantos tivessem o ousio de ludibriar as reaes ordens, *ut aliis exemplo esset, qui mandatus regis fucum facere ausi essent.*

O cornaca, gelado de pavor, vai-se ter com o elefante, e conta-lhe que tinha sido enganado pelo patife que desacreditára as coisas e as pessoas de Roma; que a cidade dos papas era a cabeça do universo civilisado; que Roma era o confluente de todas as maravilhas do mundo; que a alimentação era rica, o luxo esplendido, e o santo padre Leão x o mais que se podia desejar. Taes coisas lhe disse que por pouco não fez o elefante catholico.

O certo é que, no dia seguinte, o bicho enorme entrou voluntaria e jubilosamente á nau, e houve-se com o summo pontifice pelo modo cordeal e reverente que nos contou D. Jeronymo Osorio.

O inglez Charles Blount, commentando a «Vida de Apollonio de Tyane», escripta por Philostrato, apostilla este caso, acredita-o como eu, e decide que a intelligencia mais convisinha do homem é o elefante. Eu por mim estou perplexo em decidir qual dos meus dous primos da côrte de D. Manoel era mais atilado — se o mono, se o pachiderme. Sem laivos de modestia, confesso-me inferior ao macaco, porque não fui capaz de aprender o xadrez—e inferior ao elefante, porque nunca pude erguer como elle o meu espirito á alta comprehensão da reverencia que se deve aos papas — reverencia que elle manifestou, senão com phrases hypocritas, pelo menos com uma tromba sincera. Outrosim me considero abaixo do elefante na pudicicia que é proverbial n'elle; e tambem não posso aguentar-me a passeiar sobre uma corda como o elefante passeia, segundo Plinio assevera.

*

Alguns historiadores modernos (marquez de Rezende, Pinheiro Chagas, Oliveira Martins, etc.), dizem que D. Manoel enviara a Leão x, juntamente com o elefante e a onça, dous leopardos e um rinoceronte, e accrescentam que o ultimo morrera na viagem. Os historiadores antigos não mencionam estes bichos: é que os modernos con-

fundiram a dadiva de 1513 com a de 1517. Ora, é certo que, n'esta segunda data, D. Manoel enviou a Roma um rinoceronte que tem historia nos fastos palatinos do monarca venturoso.

No começo de fevereiro de 1517, D. Manoel quiz presenciar uma lucta entre o elefante e o rinoceronte, figadaes inimigos. Fez-se um circo imitante aos das feras em Roma. Entrou no amphitheatro o rinoceronte, sem vêr o elephante que entrava por outra avenida. N'isto, correram-se as cortinas que os separavam, e as feras entreviram-se de subito. O rinoceronte avançou para o inimigo, com o focinho de rojo, revolvendo a terra em nuvens de poeira. O elephante, rugindo formidaveis roncos, poz a tromba em riste; mas, apenas viu acercar-se o penetrante corno da outra fera, foi de encontro a uma porta gradeada de ferro, e, mettendo a cabeça por entre dous varões, apartou-os como se fossem de borracha, e, escoando-se por entre elles, fugiu pela cidade fóra desbaratando quanto se lhe antepunha. Causou grandissimo assombro vêr sahir tão corpulenta besta — diz Faria e Sousa — por entre aquellas duas rêxas, porque, depois de apartadas, não cabia por ellas folgadamente um homem. Tambem eu me espanto; mas acceito sem resalva o facto, visto que ainda se não sabe qual seja a elasticidade do elefante, nem Faria e Sousa nos diz se o homem que não coube no buraco por onde pas-

sou o pachiderme sería besta maior que o elephante.

Aquelle victorioso rinoceronte enviou D. Manoel ao papa, no mez de outubro de 1517, com uma baixella de prata dourada, de grande valor no pezo e de incalculavel preço nos lavores. Foi portador João de Pina. Aportando em Marseille (chama-lhe Faria e Sousa *Marcella*) onde estava Francisco de Vallois, sahiu a terra o rinoceronte a pedido do rei de França. O rei deu a João de Pina cinco mil escudos, gratificando-o pela exposição da fera. Feito ao mar, o embaixador naufragou em frente de Genova, o rinoceronte morreu affogado, e veio rolado pelos escarceus á praia. O embaixador mandou esfollar o cadaver, encheu-lhe a pelle de palha e assim mesmo o levou a sua santidade. Tal foi o destino d'este nosso parente que chegou empalhado a Roma e não viu o papa. Talvez que d'ahi venha o anexim.

Pois 65 annos depois d'este desastre, em 1582, Philippe de Caverel, secretario de Jean Sarrasin, que veio a Lisboa com embaixada a Filippe I, conta no seu livro intitulado *Ambassade en Espagne et en Portugal* que vira em Lisboa, vivo e são, mas com o corno de menos, o rinoceronte que, em presença de D. Manoel, pelejára com o elefante. Tem graça a orthographia e o estylo de Caverel: *Je me desrobay un jour pour aller veoir le rhinocéros qu'Emmanuel, roy très heu-*

reux de Portugal, taschant, par adventure, d'esgaler en ce la louange de Pompée le Grand, fit publiquement combattre contre un éléphant auquel il est ennemis naturel, en Lisbonne, l'an 1513. Car il puelt estre que ce soit le mesme qui demeura lors victorieux de l'éléphant, bien qu'on lui ait, depuis, scié la corne qui lui sortoit de dessus le nez de laquelle il prend son nom, estant descript par les Espargnols: animal que tient un cuerno sobre la naris, *et appelé des Grecs: rhinocéros* à rin, rinos et keras, *comme qui diroit:* cornu du nez *ou* nez cornu. *Les Portugais l'appellent la* bade *ou la baste, comme peut-estre qui, diroit* bestia, *par excellence, ou pour n'en sçavoir autre nom.*

Este secretario aproveita a occasião para nos chegar. Partindo da hypothese de que não sabiamos o nome da fera, acha que lhe chamamos *baste,* como quem diz *besta por excellencia.* Não ajuisou bem. Nós, os portuguezes, aos *rinocerontes* chamamos *rinocerontes.* «Bêstas por excellencia» chamamos nós cá aos viajantes escriptores do formato d'este francez; e, como elles são tantos que não ha estremal-os por excellirem uns entre os outros, chamamos-lhes simplesmente, e sem excellencia, *bestas.*

NOTA

Lêem-se interessantes extractos d'esta *Embaixada* no Boletim da Bibliographia Portugueza, dirigido pelo distincto bibliographo o snr. Annibal Fernandes Thomaz. A suspensão d'este prestante periodico é um dos symptomas da podridão que nos vai relaxando e acanalhando a um raso de despreso das lettras que não tem semelhante em parte do mundo, onde, alguma hora, houvesse livros e civilisação.

THOMAZ RIBEIRO

D. JAYME

Quando os escriptores eminentes de Portugal se queixam do silencio obstinado da imprensa periodica, não tem motivo sufficiente de aggravo. Em primeiro lugar, a reputação constituida é uma gloria que se dispensa de ser affirmada com um credo semanal de phrases poídas pelo uso com que indistinctamente os criticos se estafam no exalçamento de todos os adventicios. Em segundo lugar, a admiração espontanea gasta-se, e o artificialismo do elogio sobre-posse requer um grande talento e poderosa imaginação de palavras.

Um livro excellente, applaudido e reeditado, tem a sua theosis definida: o enthusiasmo divinisou-o, e firmou-o na sua magestosa immobilidade como qualquer dos milhares de deuses que a idolatria greco-romana punha no Olympo em uma serena perpetuidade gloriosa. Se succede multiplicarem-se as edições do livro consagrado pelo gosto derivado de paes a filhos, e a critica assiste silenciosa a este phenomeno, é porque a geração nova herdou da velha a admiração; o discernimento de muitos actua sem indicações da critica, e a voga do livro já não se atém ás caprichosas evoluções da Arte. Livros d'esta especie são o desespero dos Janins a 720, que não podem comprehender como as maiorias possuam um cerebro a funccionar independentemente da luz reflexa da glandula pineal d'elles. Aos Janins de raça, porém, deve relevar-se o silencio. Esses, ou não fallam — para não serem superfluos — das grandes faculdades incontestadas da obra seis vezes editada, ou entendem judiciosamente que não devem reeditar as suas quatro phrases panegyricas á proporção que a obra se reproduz.

Friza como exemplo ao proposito a nova e 6.ª edição do *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro esplendorosamente sahida dos prelos do snr. Silva Teixeira, segundo o primoroso gosto com que o snr. E. Chardron se desvela na belleza incomparavel das suas edições.

O poema de *D. Jayme* não teve apotheose sem a consagração do martyrio. O seu protomartyr, o Santo Estevão d'este evangelho da nacionalidade portugueza, foi Antonio Feliciano de Castilho, que preambulára o digno livro com exuberancia da affectiva justiça e sincera expansão. Raros homens conheceram aquelle amantissimo espirito e estrenuo mestre acariciador de engenhos mal implumados para o temerario alar-se ás regiões tempestuosas da publicidade. Livro que elle rubricasse de bom tinha em si a vitalidade perduravel, independente das inculcas do seu grande nome. *D. Jayme*, sem a apresentação de Castilho, teria encontrado as mesmas ovações dos escorreitos e menos hostilidades dos nescios. Se guerra lhe fizeram ao poema, os dardos miravam Castilho, e a obra sahia illesa, e mais para viver, a cada nova edição. A critica, a poucas voltas, esbateu-se pelos nimbos dentro da sua inepcia, e fez do seu silencio uma reconciliação salutar com o desprezo publico. Tinha dito Castilho que os *Lusiadas,* como livro de moral, não devia ser lido nas escólas, e alvitrára o *D. Jayme* em que se agrupavam com a formosura da dicção todos os predicados optimos para incutir affectos e enthusiasmos civicos. Tempestuou a celeuma contra o alvitre. Bem se lembram: — Que Camões fôra poeta muito maior que Thomaz Ribeiro; — que tomára toda a gente poder escrever os *Lusia-*

das; — que o confronto era uma profanação: — que Luiz de Camões era uma gloria nacional. Castilho tinha dito isso tudo melhor do que elles; mas á insidiosa sandice dos oppugnadores convinha-lhe desfigurar e deturpar o que o egregio admirador de Camões tinha escripto e feito com relevantissimo patriotismo. São volvidos 18 annos, e os *Lusiadas* nem já castrados pelo snr. Viale com mão pudica tem credito nas escólas, e *D. Jayme* triumpha pela 6.ª edição portugueza, afóra as contrafacções brazileiras — o que faz suppôr que nos dois paizes se inauguraram gyneceus de adultos para comprehenderem as bellezas da fórma e do espirito d'essa benemeritamente chamada *epopêa nacional*.

Eu nunca fallei d'este poema, com quanto lhe ouvisse alguns canticos antes de impresso e compartisse do enlevo que a declamação graciosa do author acrisolava. Não vim a publico, como seria meu dever, entre os minimos na tarefa de bem aquilatar o ouro d'esse livro singular, porque a idéa organica do poema não me era sympathica. O afinado patriotismo para mim é uma idéa abstracta; necessito de grande contensão de espirito para lhe dar relevo, fórma, feitio que a distinga de outras muitas idealisações banaes. Por isso, discursos, odes, romances e poemas patrioticos me commovem tão mediocremente como as philarmonicas assanhadas no 1.º de dezembro de ca-

da anno em que as bombas e os figles permittem que Portugal apresente o seu testemunho annual de fanfarrice pueril. Manifesto francamente este aleijão no tribunal da critica, na esperança de que ella me desculpará, visto que esta deformidade psychica não m'a podem corrigir os algebristas. Mas, não fallando mais d'este morbus de sangue galeciano que me torna indifferente á fusão iberica, o que a mim me enfeitiçou no poema de Thomaz Ribeiro foi a urdidura maravilhosa da narrativa, a selecta escolha dos rhythmos variados, o primor das rimas, a vernaculidade das locuções, o lusitanismo dos personagens, as pompas que engalaneiam as idéas grandiosas, a singeleza idyllica d'umas scenas travadas com outras d'um fragor tragico. Relendo hoje a 6.ª edição d'este livro immorredouro, não me sinto mais patriota; mas ratifico pela contextura do poema de Thomaz Ribeiro a minha admiração de annos que lá vão tão longe, e me identificam a este livro por uma saudade mais penalisadora que a perda da autonomia.

SONS QUE PASSAM

Ao folhear a 3.ª edição dos *Sons que passam,* uma curiosidade dolorosa depara-me a pagina 135. Á margem d'essa poesia esfumam-se, esvaídos como imagens vistas através de lagrimas, uns quadros d'aquelle festivo dia de julho de 1866. Junto de Castilho, que tinha no seio o coração de Jesus amigo das crianças, estão dous meninos. Eram meus filhos. Com uma alegria infantil — o jubilo das almas sãs que fazem a sua felicidade de coisas pequenas como as aves fabricam os ninhos de leves pennas que furtam á viração — Thomaz Ribeiro lia os versos que fizera para meus filhos recitarem ao principe da lyra portugueza. As crianças amavam o seu venerando amigo, mas em silencio como deve adorar-se o Incomprehensivel. Nas franças dos arvoredos fizera-se tambem o silencio d'esses outros poetas que nos ensinam a cantar, sem a discutir, a Providencia que lhes dera a sombra, as flôres e as searas. Thomaz Ribeiro disse em nome das duas crianças que o contemplavam absortas:

Somos de troncos robustos
os louros, os tenros gomos.
Das flôres surgirão pomos?...
se Deus regar os arbustos!

Castilho puzera as mãos sobre as cabeças de meus filhos; rolavam-lhe as lagrimas pelas faces, quando Thomaz Ribeiro proferiu a ultima quadra:

> Vaes partir! leva-a comtigo
> e jura por teus carinhos
> que, em nós já sendo homenzinhos,
> serás nosso mestre e amigo.

O grande poeta partiu; e quando meus filhos podiam conhecer o coração e o espirito do mestre e amigo que os abençoára, Castilho morreu. Um d'esses meninos, á volta dos quinze annos, quando devia lêr, nos versos de Thomaz Ribeiro, essa pagina memoravel e esquecida da sua infancia, recebeu na fronte um sopro de morte que lhe apagou a luz do entendimento. O sorriso que principiava a entreabrir-lhe nos labios o encanto das artes que precocemente o deliciavam, converteu-se n'uma hilaridade asperrima, despedaçadora, de demente.

Ha seis mezes que Thomaz Ribeiro o quiz vêr retrahido no espaldar d'uma sege, como se um grande terror das cousas luminosas da vida lhe incutisse a consciencia da sua escuridão interior. Thomaz Ribeiro viu-o, e com os olhos ra-

sos de lagrimas, como quem se despede d'um cadaver, disse-lhe: — Adeus, adeus, Jorge!

*

Nos *Sons que passam* está esta pagina, onde, por uma reversão do passado menos infeliz, para esta agonia de hoje, a saudade me faz vêr uma das estações do meu calvario.

VESPERAS

Pois que a poesia sentimental se está evolando como o perfume d'uma flôr que fenece no peitilho esbagaxado da musa cocodette vinda de Paris, terá a critica de retroceder aos antigos usos academicos de avaliar os poetas meramente pela vernaculidade da elocução, pela propriedade do epitheto e pela elegancia da metaphora. Voltamos aos dias de Miguel do Couto Guerreiro. Assim usavam Neves Pereira e Francisco Dias Gomes, com Camões, Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Caminha e Diogo Bernardes. Se nos restringirem a essa tarefa um tanto caturra, dar-nos-hão, ainda assim, ensejo a sobrepôr Thomaz Ribeiro no coronal dos poetas contemporaneos, hombro a hom-

bro de Castilho. A sua prosodia é riquissima, a expressão omnimoda, e de uma soberba honrada que nunca mendiga termo estrangeirado, nem emprega locução que não esteja bem aforada nos velhos que cunharam a moeda de melhores quilates da lingua.

Vésperas. O poeta diz o que é o seu livro:

Velhos cantares são; gravaram-se uns em lapide
que vão gastando os pés dos crentes, n'algum templo;
outros rasga-os a mão que os escondia trémula!
(poetas, se me ouvis, aproveitai do exemplo!)
alguns deu-m'os a patria e o immenso amor dos meus.
Andei pelo Oriente o eterno a vêr e o ephemero;
cantei, chorei talvez! O luto era completo!...
Vamos lêr baixinho os vespertinos canticos,
onde ha de novo só,—de novo ou de obsoleto,—
que a patria canto e o amor, e que ainda creio em Deus.

O amor e a patria; mas principalmente a patria é a mais vivida inspiração d'estes cantares. Desde o imperecedouro poema *D. Jayme*, a caracteristica de Thomaz Ribeiro é um fogoso e intransigente affecto á sua terra, um donoso afêrro de beirão a esta coisa convencionalmente santa que nos faz odiosa a annexação á Hespanha. Não nos importa saber se a união nos faria o braço direito e validissimo d'uma nação gigante: o que nós queremos é ser este corpo de pygmeu anemico, com o nosso rei e o nosso Tejo, e mais as nossas inscripções e os nossos brazileiros. As *nos-*

sas inscripções! — isto é rhetorica: entendamo-nos. Mas isto tudo em familia é bom e bonito. Se lá de longe, para nos enxergarem no mappa, carecem de violentar a geographia, e ainda assim obsequiosamente nos chamam *Hespanha* para nos não adscreverem no grupo nebuloso das regiões desconhecidas — isso não importa. A gente cá vai atamancando a sua autonomia, e contamos com a Inglaterra e com a França a que nos encostamos, assim como o veterano invalido se encosta ás muletas para contar com grande ufania casos de Aljubarrota, de Montes Claros, e outros

Casos que Adamastor contou futuros.

Dá-nos Thomaz Ribeiro poesia do Oriente; mas sua, de sua lavra. A India portugueza, se algum dia desabotoou flôr de poesia indigena, devastou-lh'a, sumiu-lhe os minimos vestigios o sirôco que lhe ventou de cá. As nossas espadas de Toledo, as nossas cruzes de pau santo e os nossos pelouros de bronze afugentaram a alegria, a juvenilidade e a segurança que desatam o espirito dos interesses baixos e o exalçam ás errantes balbuciações do amor — origem de toda a poesia, como a exprimem os Magyars, os escandinavos e as invenções, fraudulentas embora, de Macpherson.

A India portugueza não deu nada a Camões

e Bocage. Compoz Thomaz Ribeiro intuitivamente com as notas que lhe arpejou o céo e a vegetação d'aquelle paiz silente como um cemiterio, umas saudosas toadas que tem a côr local, mas não atam no fim da tradição. A poesia que podia dar-lhe a Gôa dos Albuquerques e Castros colheu-a elle com mão piedosa pelos escombros das ruinas; fez ramilhetes de goivos e perpetuas para as jarras da campa dos heroes proverbiaes das chronicas; porém das raças autocthonas varejadas por Vasco da Gama não achou tradição. Uma tal qual poesia que por alli houve, a poesia malabar, —a da fé gentilica, uma fé como outra qualquer, —e que devia ter um rito e uma hymnologia, tudo isso começou a derruil-o a espada e acabou-o a inquisição de Gôa. Havia lá um dente de bugio que D. Constantino de Bragança apanhou n'um saque. Os sacerdotes gentios davam-lhe trezentos mil cruzados pelo dente divino; e o pio bragança pulverisou-o n'um gral para provar aos crentes que o dente do bugio era quebradiço como qualquer outro. Ora o indio, vendo que os estandartes da cruz não eram, em conflictos de guerra e naufragios, mais preservativos que o dente do seu macaco, perderam a fé na sua e na religião alheia. D'est'arte se lhes vaporou toda a poesia; porque ella não coexiste nas almas sem um norte mais ou menos idealista do seu destino. O indigena do Pegú percebia o dogma do dente do bu-

gio; e hoje difficilmente poderá metter o proprio dente na biblia que os inglezes lhe fornecem n'um portuguez encharcado de parvoices, que Thomaz Ribeiro nos communica em a nota de pag. 291.

N'este livro das *Vésperas* ha poesias d'uma saudade sombria, que fazem mal aos que para lá vão, a fugir de si e das tristezas da vida decadente. O poeta, no vigor dos annos, accusa o estadista, o bureaucratico, o ministro que, pela intermittencia onerosa dos negocios publicos, cuidou que já lhe fica muito longe a mocidade. Não o demonstra no terso vigor da inspiração, no esmeril do rythmo. Nos seus versos não desluz uma rima violenta, e todavia affluem-lhe com rara felicidade as mais selectas e, á primeira vista, mais difficeis. Como dispõe do pleno thesouro da lingua, não sacrifica a palavras fracturadas por ellipses a construcção harmoniosa. Se uma expressão lhe quebra a toada musical, não faz illisões asperas; mas substitue a palavra sem desaire do pensamento. Ninguem rivalisa Thomaz Ribeiro na melopêa, na amenidade, na doçura florentina dos rythmos. Veio com este dom da sua escóla, do grande estudo que fez dos metros portuguezes e tambem da maviosa afinação que lhe deu Castilho.

A poesia atauxiada de erudição, por via de regra, é cançativa e enfadonha. Thomaz Ribeiro tem n'este livro poemas exornados de matizes

historicos, mas tão de geito e despretenciosamente enfeitados que a musa, tão culta quanto esbelta, não se compõe com aquella epica magestade roçagante que se foi com as epopêas ao ostracismo, como todas as magestades em viatura das velhas musas. Como elle diz :

... ainda creio em Deus.

Parece que nos conta um caso não vulgar: crêr em Deus. As rimas da ultima roça nos maninhos francezes tratam de o abolir. Em certos poemas vê-se o diabo de luto pelo Padre Eterno, em outros está Jehovah nos paroxismos. A poesia lusitana sahiu dos seus habitos incruentos, apenas uma vez desmentidos na *Gaticania*. Actualmente um symbolismo faccinora mata o amor romantico em D. João, e a piedade com o exterminio de Deus, até vêr. Estes poetas, exhaurida a mocidade que se estadêa doudamente vã e de nenhum modo funesta, que hão de fazer? Convertem-se naturalmente, e resuscitam Jehovah.

Thomaz Ribeiro tem na sua crença mananciaes inesgotaveis; no seu amor patrio uma inspiração que os acontecimentos por vir hão de acrisolar; e, quando já não sentir os impetos suaves do amor, será ainda o poeta de Deus e da patria.

A DELFINA DO MAL

A Thomaz Ribeiro

Os primeiros cantos da *Delfina do Mal* ouvi-os eu da tua encantadora recitação em uma carruagem da via-ferrea que nos trazia, ha quinze annos, de Lisboa — a ti para a Beira e a mim para o Minho. Vê se te recordas. Então, quando em nota de prosa mais commovente que o verso me asseveraste a existencia real da Delfina enferma e desvalida, eu, n'um rapto de liberalidade que ainda não é assás historica, abri os meus thesouros e dei-te não sei quantos tostões para a Delfina. O numero dos tostões ha de sempre ignoral-o a Historia — esta grande mestra da vida e das pêtas — se tu, mais Virgilio que Tacito, negligentemente desdenhaste inscrever no teu MEMORANDUM *de dictis factisque memorabilibus*, a quantia dos tostões, entre os successos notaveis que tens encontrado nas vias-ferreas portuguezas, como variantes de descarrilamentos.

Eramos seis os teus ouvintes. O mais conspicuo aconteceu de ser um par do reino, de annos maduros, com a cabeça encalvecida pelo vesuvio interior da ideia que escrevo com *i* minusculo, porque a ideia d'elle era velha, d'uma velhice depilatoria que o trazia allucinado em insomnias financeiras, com uma seriedade dramatica, uma tristeza de Timão de Athenas, como se elle, em holocausto á patria, tivesse pendurado os cabellos no mesmo *prego* em que D. João de Castro pendurara as barbas. Elle escutara os teus versos com o jubilo de quem os ouvia incolume, gratuitamente; porém, quando o meu exemplo magnanimo, quasi épico, dos tostões o colheu desprevenido como a punhalada de um sicario, o grande do reino olhou para os outros a ver se alguem lhe dava o exemplo de me bater e não dar nada para a heroina do teu poema.

Mas todos elles depuzeram na tua mão a bemdita esmola para a Delfina, aproveitando o raro ensejo de chegarem com o beneficio á choça de uma desgraçada desconhecida, por intermedio da tua generosa alma e dos teus portentosos versos. Então começou o par, n'um processo doloroso de extracção, a desembolsar da algibeira esquerda do collete com visiveis contorsões afflictas, um pedaço do coração metalisado em 5 tostões; e dardejando-me de esconso um olhar coruscante de colera — a raiva de um Schylock apanhado nas ciladas

da poesia — parecia desconfiar que tu, Apollo e eu estavamos feitos para o roubar.

Tenho prêsa a este livro teu esta pagina gloriosa e comica da minha vida accidentada.

Depois quando li os episodios naturalistas do teu poema, cuidei que inauguravas n'este paiz ronceiro a escola realista. No prefacio assentavas revolucionariamente que «a tua phantasia em vez de alisar e encobrir as rugosidades das ruinas, punha o seu cuidado e o seu trabalho em destruir, em esboroar os artecidas estuques do romanticismo e queria bem a nú o musgo da rocha, e as cicatrizes da face.»

Isto, em Portugal, e ha quatorze annos, pareceu-me temeridade, e a critica dos corypheus das lettras — dos coristas do Noticiario pedante — por desgraça, concordou commigo. Acoimaram-te uns innocentes de realista baudelaireano, como se houvesse poeta no mundo mais *artificial* e menos realista que Baudelaire; — escreveu-se que exhibias amphitheatro de gangrenas da alma e da carne; que descarolavas pustulas para expôr o colorido e o fetido das fibras podres. Havia escriptores de estomogo hysterico a queixarem-se de nauseas. Alumnos de pathologia consultavam o teu poema para dissertações cruamente adjectivadas do verde e do roixo das ulcerações. Damas lidas no D. Jayme, que eram todas, deploravam o teu desvio da linha sentimental que as conduzia pela idea-

lidade linda e limpa de furunculos ao affecto da patria, ao amor das bellezas imponderaveis, e até á paixão das coisas pedestres e tangiveis do modo como tu lh'as apresentavas escondidas, nas grandes corollas eburneas das magnolias. Eu já não era romantico afestoado de jasmins e wergiss-mein-nicht, n'esse tempo; mas de mim para commigo argui-te de rebelde aos preceitos do selecto gosto todas as vezes que abrias o teu estojo de Bichat e começavas a descarnar chagas canceradas e a forçar-me com a magia dos teus versos a contemplar espectaculos que eu evito nas realidades hediondas d'esta vida. Ainda hoje, depois de ter assistido á bacchanal litteraria e fatalmente necessaria dos ultimos dez annos, e quasi ter perdido o faro das sentinas d'onde tirei o Euzebio Macario e a Corja, ha um ou dous trechos grandiosos, muito sentimentalmente epidermicos, no teu poema, que eu não leio sem ancias de chegar depressa aos cantos suavissimamente apaixonados em que a tua poesia se inalta para onde, quando havia Deus, se dizia que se evolavam as lagrimas da afflicção. N'esta parte, sou ás vezes um pouco J. Prudhomme, e estou com os philistinos, com os burguezes da imprensa odiosos a H. Heine. Acho-te subtilezas da escola byzantina, quando a arte grega desfallecia; e tens phrases tão facetadas que me parecem notas tiradas no teclado do estylo da decadencia — a Arte velha ao passar de madura a sorvada. Mas,

meu querido amigo, tu, por mais que faças, não podes deixar de ser do teu tempo; tens de collaborar conscientemente ou a teu pezar na evolução que reprovas por amor da arte. Seja o que fôr e o que vier: d'esta fermentação ha de sahir alguma cousa melhor que o passado; porque o passado realmente não prestava, o seculo de nossos paes legou-nos um pezadelo, uma anemia encephalica e aneurismas enormes no coração — muita indigestão academica na prosa e muito amor palerma em versejadura. Foi uma longa noite com raras estrellas embaciadas pelos nevoeiros de uma terra paludosa de frades, de desembargadores e de poetas vadios. Tu floreceste nos esplendores da aurora nova; mas o que isto ha de ser ao meio-dia, seja o que fôr, deve ser melhor do que era quando viemos. Sinceridade. Deixa lá dizer o poeta das *Flores do Mal* que este seculo é *un siècle vaurien.*

O que parece que palpita no embryão das ultimas Musas é a poesia scientifica representada por Madame Ackerman, a primeira parturiente no genero. Se vieres a filiar-te n'este apostolado pedagogico, tens de rejeitar Horacio, Schiller e Lamartine. A *poesia* scientifica abrolha do *positivismo* de Comte. Vê tu que disparate! — Poesia e positivismo. É o mesmo que irmanar um madrigal com uma *Sebenta,* e uma *Noite* de Musset com uma prelecção do doutor Paes. Pretendem fazer-nos retroceder a Saint-Lambert e a Delille. A poesia

scientifica tem este modernismo — é apenas menos antiga que as *Georgicas*. Ameçam-nos com a rhethorica da sciencia — a peior das rethoricas. Emquanto, pois, não intenderes bem pela raiz o que seja generalisação philosophica derivada dos seis troncos principaes de toda a sciencia humana, segundo Comte, não faças da pasta dos negocios do reino pasta de redondilhas maiores e menores. Faze barões e não faças poemas. Os barões é que hão de reduzir os alexandrinos ás coplàs d'aquella Custodia de Famalicão, a naturalista, que ha quinze annos te fez recordar a Sapho e mais a Corinna, em S. Miguel de Seide.

Foi por esse tempo que eu conheci o abbade de Santa Maria de Silgueiros, o teu adoravel irmão a quem dedicaste a edição da DELFINA DO MAL. Se elle não fosse padre, um anthropoide moral — seria um homem perfeitissimo. Esculpturalmente gentil, com os teus olhos, e a graça melodiosa da tua palavra harmonica e compassada—com a tua fronte alta e larga, pouco ecclesiastica, e lá dentro, um cerebro, como em um bello ergastulo, a reagir á atrophia da tonsura, com a corôa em cima, a olhar para o ceu, como uma janella aberta para um mundo a esboroar-se debaixo do peso de chimericas monstruosidades, oh! meu caro Thomaz Ribeiro, que piedade me fazia o teu abbade quando me recitava um sermão phraseado como um poema, um trecho de locuções florentissimas

que tanto quadravam á religião pagã da Roma cesarea como a uma das quatro phantasias evangelicas da religião monotheista de Jesus! Eu estive quasi a perguntar-lhe se tinha fé, se o seu martyrio era espontaneo, se saboreava as delicias mentaes de Origenes mutilado. Seria indelicadeza e injuria duvidar da sua intelligencia. Elle não ousaria responder-me a verdade como os devassos da clerezia em suas expansões orgiasticas. Sorrir-se-hia com a hombridade melindrosa dos que não podem chorar, e não ousaria dizer-me: «Não creio».

Tu não contas perfeitamente como se fez a redempção d'aquelle espirito. Estás no coronal da grande sociedade. O teu circulo é o das coruscantes scintillações dos diamantes de strass. É necessario ser-se ahi tão esperto e acautelado em dizer verdades como mentiras. Lá no pinaculo da tua espiral, os pulmões fortes como os teus faltando-lhes o ar pela rarefacção das atmospheras altas, sentem-se mal e respiram curto. Se não fosses o grande talento publico, o ministro, o orador, o bemquisto das collectividades que diriges, contarias de espaço e magnificamente a historia que fez do abbade de Silgueiros um cidadão hespanhol, um esposo bom e amado, um chefe de familia, um honrado eremita da felicidade domestica.

Assim, não podes. Estorvam-te os precalços a que a posição obriga. Os teus bons creditos de-

pendem muito do cura da tua freguezia, e das boas ausencias do visinho, e talvez do Nuncio, e até me quer parecer que não serás sempre estranho ao Papa. Tu não podias contar que teu irmão, porque era filho submisso, aceitou das mãos de seus paes a tunica de levita que tem, ás vezes, nos seus tecidos a peçonha da tunica de Nessus. Ao vestil-a cuidou que poderia viver n'ella como em uma mortalha. Sentia-lhe a filtração do veneno quando sahia no tablado das igrejas a representar a tragedia da morte d'um philosopho divino acontecida ha dezoito seculos. Sentia adherirem-se as febras intoxicadas ás carnes convulsionadas quando todo o ceu theologico não bastava a desabar-lhe o altar onde elle puzera a imagem de uma mulher, e o seu coração como lampada apagada para que lhe não vissem a luz — o escandalo. O escandalo! N'esta inundação da immundicia geral fluctua ainda o vocabulo *escandalo* a flôr da vasa. O diccionario da lingua é o depositario sobrevivente dos significados das cousas boas. É boia de salvação para uso dos Iagos e dos Tartuffos, que nos não offerecem outra certeza de não terem naufragado.

Os novos dogmas que se debatiam em Roma abalavam a sua fé. Pois eu não o pensava assim, meu bom amigo. Se Henrique Ribeiro se desligasse da religião romana por motivo dos dogmas novos, desde muito que devera andar transviado do aprisco por causa dos dogmas velhos. Quem aceitar um

exauthora-se do direito racional de rejeitar algum. A scisão que retalha as christandades neo-latinas tem aquella parvoa, se não dissimulada origem. O dogma já agora passou a ser uma coisa humoristica.

Teu irmão já devia ter attemperado com excruciantes angustias o seu intendimento e a sua indole ingenua e rebelde a muitos sophismas. Revela-se um antagonismo despedaçador em que batalharam contra as ferocidades venerandas da sociedade o coração e a razão do pobre sacerdote. E depois, teu irmão e meu prezado amigo Henrique Ribeiro, como despisse a alva emprestada das pompas rituaes do polytheismo, n'um lance nobilissimo de paixão e honra, e retomasse do altar o coração e a esposa, dizes tu que *se desnaturalisou*. Qual *desnaturalisou?* O que elle fez foi naturalisar-se—completar-se. Sentindo-se regenerado pelo amor, deu um apoio honrado a esse esteio novo de vida. Casou-se. Jesus Christo nunca disse aos seus ministros, aos seus evangelistas, aos seus apostolos que não casassem. O padre, aleijado pelos concilios, arrancou-se ás mãos dos artifices que o mutilaram, e entregou-se nas da Natureza que o restaurou; e n'esta regeneração fez da mulher que amava a sacerdotisa da sua religião nova, que vem a ser a velha religião anterior ás outras que matavam a alma n'este planeta, promettendo-lhe onde quer que fosse, huris, musicas angelicas, e

perpetuas contemplações de essencias divinas. Olha tu, meu filho: mulheres sem fim, musicas angelicas sem fim, contemplações de divindades sem fim n'um mundo infinito! Credo! que massada!

OBSERVAÇÕES Á «CITANIA»

DO SNR.

DOUTOR EMILIO HÜBNER

POR

FRANCISCO MARTINS SARMENTO

EXPLICA o snr. Francisco Martins Sarmento a motivação do seu opusculo, attribuindo parte dos erros do dr. Hübner ás desleixadas incorrecções dos periodicos peninsulares que trataram, pela rama, as cousas da *Citania* com uma descuriosidade essencialmente portugueza e hespanhola. Transcrevemos alguns periodos do explorador das celebres ruinas:

«Sendo obrigado a fallar do escripto do snr. dr. Emilio Hübner, desejára tão sómente ter de agradecer as palavras de benevolencia e incita-

mento que me endereça o douto archeologo de Berlim; mas as inexactidões ácerca das cousas da Citania são taes e tantas no seu trabalho, que julgo do meu dever apontal-as e emendal-as. Para um sabio conscienciosо, e que tanto se empenha no esclarecimento das antiguidades da peninsula iberica, não é este, por fim, o peior modo de exprimir-lhe o meu reconhecimento.

«Escusado advertir que o snr. dr. Hübner não é responsavel pelas inexactidões de que fallo. As suas noticias foram todas colhidas em jornaes portuguezes e no jornal madrileno a *Academia;* e, a instaurar-se processo contra os verdadeiros culpados, não faltaria quem me pozesse na cabeceira do rol, como quem, estando mais no caso de corrigir os erros, os deixou correr e medrar.

«A minha desculpa é esta: Quasi todas as noticias, respectivas á Citania, appareceram dispersas por jornaes politicos. De algumas nem tive conhecimento. Quando os seus authores se dignavam enviar-me o numero dos jornaes em que escreviam, apressava-me a agradecer a fineza e a indicar as faltas em que cahiram. Corria, parece, aos vulgarisadores do erro a obrigação de vulgarisar a errata. Nunca vi erratas, como tambem me não lembra — diga-se de passagem — que ninguem me pedisse esclarecimentos.

«Entendiam certamente estes cavalheiros que não valia a pena gastar tempo com a emenda de

noticias, que esqueciam, mal se pousava a folha, em que vinham, e que pouco importava ao commum dos leitores que, por exemplo, a «pedra formosa» tivesse seis metros de comprido, como se dizia n'um jornal do Porto, ou apenas menos de metade.

«Acabei por me convencer de que tambem perdia o tempo com os meus reparos, e voltei-me para occupações menos infructiferas.

«Ás pessoas a quem mandei collecções photographicas, entendendo que as deviam examinar com interesse, mandei igualmente explicações e medidas exactas dos objectos que as necessitavam, para serem melhor comprehendidos. Assim succedeu com a collecção enviada ao snr. D. Francisco Tubino, director da *Academia*, que, em vista das inexactidões que publicou, entendeu mal o meu autographo.

«Ao director da *Renascença*, o snr. Joaquim d'Araujo, offereci algumas photographias escolhidas, sem explicações nenhumas, declarando-lhe ser-me impossivel dar-lh'as, quando mais tarde m'as pediu, por não ter deixado nota da numeração dos cartões.

«Pelo que fica dito, se vê que não deixei correr o erro tanto á revelia, como parece; fiz o que pude por sustel-o na carreira.

«Agora que o snr. dr. Hübner, em virtude dos falsos materiaes de que dispoz, condensou

nas vinte e cinco paginas do seu opusculo quantas inexactidões foram semeadas pelas publicações que se occuparam da Citania, vou levantar este longo *erratum* — o que já haveria feito ha mais tempo, se se me deparasse tão boa occasião, como esta, e — diga-se tudo — se não fosse o receio de ter de fallar ao echo».

Seguem-se os unicos esclarecimentos topographicos que possuimos authenticos da Citania, e explanados por quem conhece a technologia peculiar d'este ramo de sciencias. As estampas, corrigindo as incurias das lithographias divulgadas, prestam-se ao estudo das pessoas praticas em interrogar os vestigios delidos do passado; mas será bom que os interpretes não se empenhem em decifrar os enigmas que o snr. Francisco Martins Sarmento não houver lido. Este versadissimo archeologo é tão moderado em expôr opiniões suas que nunca cerra as portas ás hypotheses alheias — e tem-as ouvido curiosissimas com o seu sorriso ceremonioso. Um ou outro antiquario, d'um relance d'olhos e por palpite, lhe tem querido elucidar obscuridades que elle, entre incertezas, estuda ha dez annos com a inspecção immediata e o estudo comparativo procurado no que mais selecto lhe tem vindo do estrangeiro. Sobre archeologia é prudencia confessar que em Portugal nunca semelhante sciencia chegou a ser adulta e emancipada das verduras e balbuciações

dos Estacios e Rezendes. A epigraphia teve uns cultores ex-officio que não chegaram a despir as faixas da arte infantil. Hoje começam os lavores reflectidos, á luz dos modelos peregrinos, mas tão desajudados sequer de leitores curiosos que apenas os trabalhadores independentes e um tanto apaixonados como Francisco Martins Sarmento poderão exercital-os.

A PROPRIEDADE LITTERARIA

CARTA A SUA MAGESTADE O IMPERADOR DO BRAZIL

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

BRILHANTEMENTE! Não sabemos de que preste a rhetorica, e o grande cadoz das phrases arranjadas para mover os affectos, quando Pinheiro Chagas, n'uma linguagem sobria, fluente, senhoril, sem atavios muito pintalgados, demonstra que o doutissimo A. Herculano, em assumpto de propriedade litteraria, deixou de ser justo quando foi rhetorico.

O illustre publicista dirige-se epistolarmente a sua magestade imperial o snr. D. Pedro II. Tendo de gritar contra ladrões, achou que era mais

moderno e litterario escrever ao imperante como quem brada *aqui d'imperador!* visto que, n'um imperio, seria impropriedade gritar *aqui d'el-rei!*

A carta é uma rija corrente de fusis de bronze, inflexiveis como a velha logica dos dialecticos que não deixavam respirar o adversario. As consequencias travam-se rigorosamente com as premissas. O paradoxo do grande historiador — eclipse passageiro da sua rectissima razão — desfez-se apertado entre os argumentos de P. Chagas. Nunca se escreveu tão luminosamente ácerca de propriedade litteraria, e tão discretamente ácerca d'uns salteadores que abriram as suas bem trastejadas e luxuosas cavernas no Rio de Janeiro.

Temos visto muito repetido A. Karr n'este pleito da propriedade do escriptor. Tambem P. Chagas lhe invoca o testemunho; mas para A. Herculano aquelle humorista francez tão judicioso em seus simulados paradoxosos *pertencia a uma certa escóla litteraria, vulgar sobre tudo em França, que se não faz grande consumo de idéas vive sempre com grande opulencia de phrases.* E, notando a phrase applaudida de Karr: — «*é evidente que a propriedade litteraria é uma propriedade*» — acrescenta: *Em consciencia, a agudeza não tinha jus a grandes admirações. Nas aulas de logica a uma agudeza d'estas chamam os rapazes* «petição de principio»; *entre os homens*

feitos chama-se-lhe puerilidade [1]. Ora, se no animo supercilioso do eminente sabio era pueril a affirmação de A. Karr, não nos parece que os circumspectos argumentos de A. Garrett e P. Chagas o demovessem da sua isenção byroniana a respeito dos dinheiros grangeados pela lavra do pensamento nas paginas do livro. Chama-se-lhe *isenção byroniana* porque o lord immortal tambem assim pensava quando rejeitou os primeiros cinco centos de libras que lhe offereceram pela 2.ª edição da *Satyra contra os bardos inglezes e escocezes*. Deu gratuitos os dous primeiros cantos de *Child-Harold* quando lhe enviaram 1:000 libras st. por cada um, e mais confessa que lhe não sobrava o dinheiro, o *idolo universal,* diz elle. Precisava assim sustentar na pratica a desabrida arguição de interesseiro que fizera, na *Satyra*, a Walter Scott. Depois, melhor avisado, recebeu de seu editor, por vezes, proximamente setenta contos.

Manter em Portugal um desinteresse analogo ao do mallogrado restaurador da Grecia seria um pouco menos heroico em quanto os nossos editores, meu caro P. Chagas, nos não offerecerem umas insignificantes 1:000 libras por cada volume. Porém, quando os editores chegarem a esse acto

---

1 Opusculos, tom. II, pag. 124.

de justiça, sou de parecer que rejeitemos o ouro de Xerxes, e nos alimentemos de um succulento *menu* de gloria, e nos vistamos de louros e de trepadeiras, não por causa do pudor, mas por necessidade das condições climatericas. Se, todavia, sua magestade o imperador resistir obcecadamente á luz da carta primorosa de P. Chagas, é quasi seguro que morreremos plethoricos de gloria, emquanto os contrafactores residentes no Rio hão de morrer mirrados, chupadinhos de remorsos e de penitencias austeras de ladrões contritos.

Sua magestade imperial, se se compenetrar das eloquentes instancias do grande prosador que lhe escreve, póde obstar, áquem e alem-mar, a estes dous tragicos acabamentos de vida. Mas, se nada se conseguir, a litteratura portugueza ganhará a carta esplendida de Pinheiro Chagas.

Ernesto Chardron dedica ao conselheiro Mendes Leal a carta. Os escriptores portuguezes é que deveriam tributar a Ernesto Chardron um voto de gratidão pelos seus esforços, embora improductivos.

Historia e Sentimentalismo

(REPAROS)

No *Districto de Aveiro* n.º 784, publica o snr. Marques Gomes um folhetim allusivo a certo periodo da parte historica do livro *Historia e Sentimentalismo*. Emenda umas datas mal verificadas — datas que eu copiára do seu livro intitulado *Memoria de Aveiro,* cuidando que o estudioso escriptor, tendo á mão os documentos, não lhes erraria os algarismos por insufficiencia de attenção.

Dissera o snr. Marques Gomes: *D. Filippe I por provisão passada em Thomar a 15 de Agosto*

de 1582 concedeu á villa de Aveiro o titulo de nobre. Corrigi o anno, pondo 1581; mas devia tambem, segundo escreve o snr. Marques Gomes, corrigir o mez e o dia. Transcreve agora o documento existente no archivo municipal; mas a data do documento é *treze dias do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1581.* Parece, pois, que a provisão é de 13 de janeiro e não de maio, como reconsidera o snr. Gomes; mas isto não póde ser porque as côrtes se abriram em 20 de abril.

Escreve o snr. Gomes: *D. Filippe tambem não restabeleceu em 1585 nenhuns privilegios concedidos a Aveiro por D. Manoel, como diz o snr. Camillo Castello Branco.* Ora, o snr. Gomes, nas suas *Memorias,* tinha escripto: *O mesmo D. Filippe, por carta passada em Lisboa a 22 de dezembro de 1585, confirmou todos os privilegios que tinham sido concedidos a Aveiro pelos reis passados.* Tal qual o que eu dissera attido á supposição de que o curioso investigador, escrevendo em Aveiro, tivesse presentes os documentos originaes que, pelos modos, só consultou um pouco tardiamente, depois de ter publicado o seu interessante livro. Notei, na *Historia e Sentimentalismo,* alguns lapsos de data; mos eu não podia imaginar que todas estivessem erradas: acceitei as que julguei immediata cópia do archivo municipal. Agradeço entretanto ao snr. Marques Gomes a modes-

tia rara de se corrigir para que eu, alguma vez, aproveite na reimpressão do meu livro as correções que s. exc.ª fez ao seu.

Escrevi que os Alpoins influiram em Aveiro onde é mais que provavel que tivessem parentes proximos, não obstante o padre Carvalho da Costa não fazer a minima referencia á familia d'este appellido quando trata da nobreza de Aveiro, nem se encontrarem hoje aqui vestigios d'ella, como epitaphios tumulares ou brazões d'armas. No entanto Pedro d'Alpoim, um dos mais dedicados partidarios de D. Antonio, em prol de cuja causa perdeu a vida, era segundo neto de Affonso Domingues d'Aveiro, e administrador da capella de Santo Ildefonso, na igreja de S. Thiago de Coimbra, que o mesmo instituira.

«Por mais diligencias que fizessemos, não nos foi possivel encontrar, pelo menos agora, no archivo municipal, qualquer documento que nos pudesse elucidar sobre o ponto em questão», diz o snr. Marques.

O padre Carvalho da Costa não encontrou em Aveiro a familia *Alpoim*; podia já não existir ahi descendencia no seculo XVIII; nem tão pouco o snr. Marques Gomes achou epitaphios ou brazões de Alpoins. A razão é obvia. Os Alpoins, conhecidos desde o secelo XIII, nunca tiveram casa em Aveiro; mas sim meia legua distante, em Esgueira, cujos senhores foram. Tiveram o seu jazigo na capella-

mór do mosteiro de S. Jorge, perto de Coimbra. O primeiro da familia sepultado alli foi Diniz d'Alpoim, senhor das terras de Esgueira, embaixador d'Aragão [1]. Tambem tiveram jazigo na capella de Santo Ildefonso em S. Thiago de Coimbra, mandado construir pelo avô de Pedro d'Alpoim, que morreu degolado por ordem de Filippe II de Castella. Em tempo d'el-rei D. Diniz tinha sido assassinado em Coimbra um valente cavalleiro d'esta familia, Manfredo de Alpoim, que alguns genealogicos dizem ser neto de Martim de Freitas.

Os Alpoins de Esgueira ligaram-se a familias de Aveiro pelo casamento do jurisconsulto Pero de Alpoim com a filha de Affonso Domingues, de Aveiro, que viveu na primeira metade do seculo XV. Este Affonso Domingues tem uma historia lendaria que prende com o convento de S. Domingos, fundado pelo infante D. Pedro, filho de D. João I, em 1423, e concluido em 1464. A lenda que está recheada de milagres lê-se no *Agiologio Lusitano*, por Jorge Cardoso, tom. I, pag. 199, e no *Santuario Marianno*, tom. IV, pag. 383, Affonso Domingues passou ao jazigo dos Alpoins em S. Thiago de Coimbra, se é que não

1 D. Nicolau de Santa Maria, *Chronica dos conegos regrantes*, tom. II, pag. 156.

Os estrangeiros no Lima, tom. II, pag. 211.

acompanhou a filha quando a casou com o celebrado doutor e cavalleiro de quem o auctor da *Malaca conquistada* cantou epicamente:

Alpoim, qne nas margens do Mondego,
Desde a primeira idade ás letras dado
Tambem nas artes fez illustre emprego
Já de illustres avós valor herdado,
Segue Albuquerque pelo falso pego
Hora jurisconsulto, hora soldado,
Que das armas prudente se adornava.
Como das justas leis forte se armava.

Cant. I, est. CI.

O padre Carvalho e frei Agostinho de Santa Maria para ungirem a lenda com o maravilhoso bem tirado pela fieira, dizem que Affonso Domingues era um *pobre entrevado* a quem a Princeza dos Anjos fez embaixador ao filho de D. João I para a fundação do mosteiro. Jorge Cardoso, mais fiel á tradição, dá-o como doente de paralysia; mas não o empobrece. As genealogias que eu consultei consideram-o abastado, muito bom christão, e casado fidalgamente com uma dama de appellido *Caldeira*.

O seu bisneto Pedro de Alpoim, que floreceu em letras e funestas exagerações d'amor patrio por 1580, devia ser o administrador dos haveres de seus avoengos em Esgueira e Aveiro, assim como o era dos vinculos e capellanias dos Al-

poins em Coimbra. D'ahi se deriva naturalmente a influencia que elle empregou para que a villa do memoravel Affonso Domingues, embaixador de Nossa Senhora, se prestasse a receber D. Antonio, prior do Crato, com um affecto igual ao das monjas do convento de Jesus.

Como quer que fosse, aproveito o ensejo de louvar os trabalhos pacientemente investigadores do snr. Marques Gomes.

Ethnographos Palacianos

Taine, na *Philosophie de l'Art en Italie*, nota e encarece a polidez do celebrado escriptor palaciano, o conde Baldessar Castiglione, que publicou o seu *Cortegiano* (Cortesão) em 1528. Dedicou o conde o seu famoso livro ao bispo de Vizeu, D. Miguel da Silva, que então vivia em Roma no zenith da gloria, e lá morreu em 1556 no nadir da indigencia. (A. Herc. *Historia do estabelecimento da inquisição,* tom. III). Na carta dedicatoria que ainda se lê na 2.ª edição que possuo, de 1553, recorda o conde Castiglione, então já velho, com muita saudade, os defuntos illustres que

haviam sido na vida os esplendores da sociedade italiana e particularmente da côrte do duque de Urbino. O livro de Taine é muito conhecido. Decerto se recordam da rapida e luminosa pintura que elle faz da assemblea de donas, cavalleiros e futuros cardeaes que figuram no livro do grande cortesão do palacio de Ubaldo de Montefeltro. Castiglione, no dizer de Taine, era um exemplar de urbanidade com as damas; no seu livro lisonjeam-se belleza, virtudes e graças. Estylo elegante e perfeito. Escrupulo na escolha dos vocabulos, propriedade de expressão e purismo. Sobretudo, decencia. *Nous nous croyons bien civilisés,* diz elle, *et néanmoins, après trois cents ans d'éducacion et de culture, nous pourrions encore trouver là des exemples et des leçons.*

O philosopho exagera. Aqui está um exemplo de purismo e decencia que decerto não serve de lição para um escriptor moderno. Um dos hospedes do duque de Urbino conta o seguinte:

«Havendo em Padua um mosteiro de freiras dirigido por um frade de nobilissima reputação e sciencia, aconteceu que o frade, praticando no convento com familiaridade e confessando com frequencia as madres, cinco d'essas — e pouco mais havia — emprenharam. Descoberto o caso, o frade quiz safar-se, mas não pôde. Foi preso á ordem do bispo, e confessou logo que emprenhára as cinco freiras por tentação do diabo. O bispo estava de-

liberadissimo a castigal-o acerbamente; porém, como o frade era douto, sahiram muitos amigos empenhados em protegel-o. Marco Antonio com alguns d'elles foi ao bispo pedir o perdão do frade; mas o bispo não lh'o dava de maneira alguma; e o outro, instando, desculpava o frade com as commodidades do lugar, com a fragilidade humana e outros muitos motivos, até que o bispo disse: «Não consinto porque tenho de dar contas d'isto a Deus. Que hei de eu responder ao Senhor no dia do juizo, quando elle me disser: *Redde rationem villications tuæ?* (Dá-me conta da tua gerencia). Marco Antonio redarguiu immediatamente: «Monsenhor, responda com aquillo que disse o evangelho: *Domine, quinque talenta tradidisti mihi: ecce alia quinque superlucratus sum* (Senhor, entregaste-me cinco talentos e eil-os aqui com mais cinco que eu ganhei). O bispo, não podendo conter o riso, mitigou bastante a sua ira e a pena destinada ao malfeitor.»

A passagem é uma boa synthese da religiosidade romana do seculo XVI, mas não nos parece d'uma decencia ultra-virginal. Taine provavelmente não leu isto; mas decerto viu a aspera censura que o conde inflige aos ruins cortesãos, contadores de historietas que envergonham o rosto das senhoras... *Sporchi nel parlare, e che in presentia di donne non hanno rispetto alcuno, e pare che non piglino altro piacer che di fare arrossire di*

virgogna, e sopra di questo vanno cercando motti et argutie. Esta admoestação, pouco adiante da historia das cinco monjas, tem graça, e inculca que as fidalgas da côrte de Urbino não córavam com qualquer coisa.

Talvez que no exemplar do philosopho dos *Ideaes* fosse expungida a passagem do frade paduano que negociára com os cinco talentos; porque eu suspeito que as edições posteriores á minha soffreram discretas mutilações. No meu exemplar ha outras passagens canceladas, mas os traços de tinta não vingaram cegar os formosos caracteres italicos do meu livrinho. Estas passagens, que não entendiam com frades propagandistas, mas buliam com os cardeaes, são as seguintes:

«Perguntando eu um dia a Phedra porque era que fazendo a egreja uma santa oração não só pelos christãos, mas até pelos pagãos e judeus, não se mencionavam os cardeaes nem os bispos e outros prelados, respondeu que os cardeaes se comprehendiam na oração que diz: *Oremus pro hereticis et scismaticis*».

Outra de personagens mais relevante: «O pintor Rafael a dous cardeaes, suas visitas, que lhe notaram que em um seu quadro de S. Pedro e S. Paulo, os dous santos estavam muito vermelhos de cara, *troppo rosse nel viso*, respondeu: — «Não se admirem, senhores, que assim o fiz de proposito muito pensado; porque é de crêr que S. Pe-

dro e S. Paulo estejam assim vermelhos de rosto no céo, por envergonhados que a sua egreja ande governada por homens taes como os senhores».

E' admiravel como este livro circulou em Italia em multiplicadas edições, figurando entre os seus personagens mais chistosos o cardeal Bembo, secretario do papa.

*

O outro ethnographo palaciano é o portuguez D. Francisco de Portugal, que escreveu no seculo XVI a *Arte de galanteria,* publicada em 1670 por seu filho D. Lucas de Portugal, outro famigerado galan da côrte portugueza. O livro é dedicado ás *Damas do Paço.* D. Lucas deposita reverentemente o livro de seu pai nas mãos das damas *que parecem tambem de papel* (as mãos, percebe-se) *aonde estão escriptas grandes perfeições, e os jasmins em sua comparação podem ser seus negros, e o crystal e a neve se turvam de maneira que ficam ás escuras.* D'estes dizeres se deprehende com quanto melindre o pai e o filho praticavam com as damas do paço. Um censor da obra, Christovão Soares d'Abreu, diz que Francisco de Portugal, *fez a Arte do Damaismo e galanteio, e deu leis e regras á Monarchia das Damas, e áquelle imperio tão celebrado da formosura com as descripções e galanterias de Portugal e dos portuguezes.*

Visto isto, é de presumir que a *Arte da galanteria* não tenha phrase que incenda o pudor nas faces das damas a quem é offerecida pelo mestre da cortezania e da palacianidade, que ficou em proverbio nas Hespanhas de ha trez seculos. Pois a paginas 48 conta elle ás damas que *em França, onde a facilidade é costume, e muito material o paiz, se conta que entre algumas damas que dormiam juntas, uma d'ellas puxando por uma meia vermêlha, tirou para fóra um cardeal que é de crer estivesse alli para coisas da sua salvação.*

E, a paginas 50, é por egual palaciano e galan contando o caso de um portuguez cuja dama se casou, e elle vestiu-se de gala; *despues parió, vistiose de luto. Perguntandole como en el casamiento pusiera plumas, y en el parto capuz, respondio— que el casarse la señora hulana, podria ser por la voluntad agena, pero que el empreñar que parecia fuera por la propria.*

Estas frescuras não depõe contra o palaciano nem contra os costumes da côrte. As damas diziam, como Boileau, as coisas pelos seus nomes. Uma grande fidalga estava conversando com o conde da Idanha; n'isto principiou a cossar-se e a dizer: «Que farei compadre que estou comida de pulgas?» — E' sacudil-as, comadre — respondeu o conde. (pag. 61)

Desconfio que os costumes da corte da Prin-

ceza de Eboli e de Antonio Peres, onde floreceu D. Francisco de Portugal, estivessem algum tanto derrancados. Elle mesmo dá testemunho d'esse estrago em tres linhas que foram escriptas ha tres seculos e que Hartmann desenvolveu em muitas paginas ha poucos annos: *No se puede negar que las edades presentes, estragando las buenas costumbres, mejoraran las buenas artes* (pag. 87). Subtilissima ironia. Um fidalgo que assim pensava não podia deixar de offerecer ás damas a historia da meia escarlate e do lucto do portuguez.

*

Por livros offerecidos ás damas, tenho aqui um poema, escripto por Alexandre Garrett, irmão do visconde. Era um velho, muito caroavel de fidalgas, educado nas salas, cheio de galanices antigas, e muito das senhoras Cirnes, a quem especialmente dedicou o seu poema: *As viagens a Leixões*. As flôres mais aromaticas d'este livro, offerecido ás senhoras portuguezas, não se pódem expôr entre as rosas do snr. Duarte d'Oliveira. As suas imagens são extractos *des lieux d'aisance*. Usa toda a phraseologia prohibida pelas patrulhas e vergonhosamente velada nos compendios de physiologia e da hygiene dos canaes digestivos. O auctor do poema era um velho tão cortesão como catholico. Tinha altar em casa onde declamava o rosario to-

*

das as manhãs e a ladainha todas as noites, com a sua familia de elegantes meninas e rapazes um pouco entre mystagogos e mundanaes.

O vate defende a pouca limpeza das suas trovas, auctorisando-se com a *galantissima obra* L'ART DE PÉTER *que lêra e admirara na Bibliotheca dos Ex.mos Cunha Reis, em Braga.* Onde elle foi achar aquillo — em Braga! Parece incrivel!

Inculcam-se como specimen aos curiosos de olfato transigente as pag. 7, 23, 45 a 48, e todo o canto 7.º e o livro todo em fim que tem 7:128 versos, e 50 pag. de «Notas explicativas». De mais a mais explica!

Elle tem algumas imagens innocentes, tiradas da natureza vegetal, leguminosa, pantheista, mas de menos filigranas que T. Gautier, e João de Deus.

Por exemplo:

Então, como ia contando,
Alli estava eu com Tritão,
Mas confesso qu'em algures
Não me cabia um feijão.

Parece uma etherisação arrobada do illuminado Gerard de Nerval! Mas portuguez de lei!

*

No canto VIII descreve um baile em Leixões ao qual concorrem todos os appellidos illustres do norte:

Sequeiras, Lemos, Queiroz,
E outros muitos que vieram
Das provincias, Porto e Foz.

Tambem lá estiveram *Garrettes*:

Alpoins, Almeidas, Mênas,
Cunhas Mellos, e Garrettes,
Canavarros e Carneiros
Freitas, Guedes, e Huetes, etc.

Todos estes e outros eram illustres nomes que

.....se ouviam
Patrias glorias recordando,
Dos tempos em que o universo
Se curvava ao luso mando.

Que injustiça o poeta fazia aos seus avós! No tempo em que

o universo
Se curvava ao luso mando,

— no tempo em que os lusos praticavam enormes atrocidades na America e Asia, o avô de Alexandre Garrett era um honrado e inoffensivo sapateiro, de Villa do Conde, que floreceu em 1727, e

se chamava Domingos Gomes. (GARRETT, *Memorias biographicas por F. Gomes de Amorim, pag. 35.)*

—

Vou concluir com uma ideia bonita e moderna:

Leitor, se tens na tua geração um sapateiro bom, honesto e incruento, que retalhava o coiro curtido da vitella para fazer botas, emquanto o avô do fidalgo teu visinho retalhava as carnes vivas do indio para lhe roubar a pimenta, dize-nos o nome de teu avô, e honra-te!

ARMAS E LETRAS

POR

SOARES ROMEU

É um livro de impressões serias, de saudades fundas, de desejos bons. Revela-se um peito honrado que se abre em confidencias sem reparar na sociedade que se remexe nas suas preoccupações egoistas. Desenha-se-nos o meio pacifico em que este livro foi cogitado. O escriptor tem duas filhas, orphãs de mãe, e escreve em quanto as duas auroras lhe andam em derredor da banca, espargindo á phantasia a luz e o calor santo das idéas sãs, tristes e maviosamente religiosas. Uma d'essas meninas, nos paroxismos

da vida, aos pés d'um Christo, reabriu os olhos ao mundo como uma resurreição. D'ahi a fé, a felicidade da fé, esse thesouro inexhaurivel, riqueza divina que não poderia existir sem um Deus que a désse. A imaginação do homem desgraçado só por si não poderia creal-a; e, se pudesse, o homem então seria um Deus em si proprio.

Não se entenda, porém, que o snr. Soares Romeu seja um catholico genuino. A sua razão, que eu não posso competentemente questionar-lhe, nem o lugar se ageita a controversias theologicas, insurge-o contra os papas por causa de factos historicos que cumpria vêr mais de perto á luz do tempo em que succederam. Não podemos, no meio social da idade média, estudar senão os factos evolutivos para lhes assignar o elo que elles representam na corrente da civilisação que attingimos. A historia das coisas remotas é uma germinação confusa de fructos que sasonaram ha um seculo, e começam agora a apodrecer para ulteriores transformações. Os homens, reis e papas do seculo XII, não podem graduar-se no padrão dos nossos conceitos, sem um grande poder de abstracção dos juizos de hoje em dia para os factos ainda problematicos de ha sete seculos. Refiro-me ás apreciações do snr. Soares Romeu quando bosqueja a deposição de D. Sancho II.

De permeio com biographias illustres de soldados valorosos, de poetas inolvidaveis, entretece

o snr. Soares topographias muito noticiosas. Com referencia ao prelado bracharense D. Lourenço, cujo appellido o escriptor diz ignorar-se e a quem dá o n.º 86 na successão dos arcebispos, convirá corrigir o erro talvez typographico da numeração. Elle foi o trigesimo oitavo arcebispo, e o seu appellido foi *Veiga*. Ainda hoje na heraldica se conhecem os *Veigas* do arcebispo D. Lourenço, distinctos dos outros.

A benevola opinião com que o snr. Soares commemora as virtudes d'este prelado pugnacissimo, não me parece assente em bases muito criticas e boas para cimentar historia. D. Lourenço da Veiga, de paes humildes, foi muito rijo nas batalhas de Marte e de Cupido, Deus lhe perdôe. Um seu filho fez solar na Lourinhã e o outro é ascendente d'uma casa illustre de Braga— a das Carvalheiras. É muito sabida a sua proeza homicida em Aljubarrota quando enviou ao diabo o castelhano que lhe deu o gilvaz na cara. É menos notorio o facto de ser elle mesmo quem abrio no rosto da sua estatua sepulchral a cicatriz. Essa estatua, que ainda existia em 1640, desappareceu com a mudança da mumia para uma vitrine mais bonita e lucrativa. Ficou, porém, a memoria do facto no sermão que frei João de S. Bernardino prégou ao fundador da dynastia brigantina. Dizia o frade «...Terá Vossa Real «Magestade em cada um dos arcebispos e bispos

«d'este reino um D. Lourenço que ainda em a «sua sé de Braga, e em seu retrato e sepultura, «em ser de pedra, mostra sua firmesa, e em uma «cutilada, que tem pelo rosto, sua fidelidade de «que elle tanto se prezou, que a retratou por sua «propria mão, por não fiar da arte os lanços do «seu valor».

Velharias que, a fallar verdade, muito bem fará o snr. Soares Romeu não cavar muito n'ellas, se quizer que o leiam.

Ao terminar a leitura d'esta collecção de impressões affectivas e relevantemente patrioticas, figurou-se-me que eu retrocedera vinte annos para lêr um livro dos que n'esse tempo se chamavam optimos.

A LUIZ DA COSTA PEREIRA [1]

Sou de um tempo, snr. Luiz da Costa, em que o seu nome aureolado nas lides academicas, realçava ainda pelas ovações da scena. Quando fui para Coimbra já v. exc.ª tinha sahido com a constellação brilhantissima de João de Lemos, Couto Monteiro, Avelino, Rodrigues

---

1 Escreveu-se esta carta como prefacio aos escriptos de um naufrago que se agarrára á prancha descosida quando todos os outros expedientes de salvamento o haviam baldeado de rochedo contra rochedo. Creio que esses annunciados versos e prosas se esfarinharam desfeitos en-

Cordeiro, Bessa Correia, Francisco Palha e tantos outros rapazes illustres que parece haverem levado comsigo de Coimbra os ultimos risos das musas do Mondego e as ultimas alegrias juvenis de estudantes. Mas ainda encontrei n'aquella Coimbra tão vibratil das suas glorias do proscenio alguns contemporaneos de v. exc.ª, ainda estremecidos de enthusiasmo, que o nome de Luiz da Costa communicára á geração que lhe succedeu nos bancos escolares e no palco. Fallava-se com respeito do academico laureado e com uma saudade lendaria do meneio correcto, da voz vibrante, das attitudes esculpturaes, dos transportes impetuosos, da gesticulação incomparavel do mestre da scena. A mocidade d'aquelles tempos remotos extasiava-se em arroubamentos sinceros

---

tre os parceis. Em espuma muito amarga, por que é a da onda das lagrimas, se desfazem as illusões dos que, em Portugal, depois de muitas desgraças positivas, entram a procural-as nas chimeras — a sonhar que com algumas resmas de papel e algumas horas da noute e do dia, curvados sobre uma banca, podem reconstruir o edificio desabado de uma subsistencia honesta. Miserrimo aquelle que, na extremidade da penuria, sente ainda vasquejar-lhe no cerebro a luz do talento! Esse homem é a perfeição da infelicidade, por que as suas faculdades mentaes e inuteis o estorvam de ganhar o seu pão com os braços. E essa luz que tem no cerebro, em quanto não se apaga, é uma braza que o vai queimando até o matar misericordiosamente.

por estas coisas da Arte; fallava-se menos d'ella, havia menos Ideaes de convenção, menos iniciaes maiusculas; porém a gente deixava-se enlevar com toda a ingenuidade da sua alma muito môça em arrebatamentos luminosos a umas idolatrias que faziam de Luiz da Costa e dos seus contemporaneos no palco academico as nossas contemplações muito invejosas e muito respeitosas.

Volvidos treze annos, vi v. exc.ª no theatro de D. Maria dirigindo os ensaios de um esbocêto dramatico que eu chamei *O ultimo acto,* e o publico rasoavelmente considerou a lacrimavel sensaboria do ultimo romantico. Ainda possuo o manuscripto original do meu escorço, o mesmo de que v. exc.ª se serviu nos seus ensaios, com as suas notas graphicas do movimento scenico, e com uns justos, mas delicadissimos reparos a duas phrases duvidosamente portuguezas. Deviam ser de v. exc.ª; porque n'aquelle anno de 1859, na engrenagem litteraria de D. Maria havia poucos sabios que malsinassem uma locução bordalenga, pois bem me recordo que os espectaculos d'esse tempo eram umas orgias macabras de gallicismos precursores do cancan actual.

Tive então escassas occasiões de conversar com v. exc.ª, porque a sua incessante actividade de Hercules n'aquelles estabulos de Augias não lhe deixava sobejidões para palestrar com os vadios dos camarins; e eu, a fallar verdade, como

tinha muita lã no coração, raro me aproximei, com receio de incendiar-me, da luz das ribaltas. Dos nossos curtos dialogos entre scenas, revelou-me v. exc.ª um finissimo espirito, uma solercia graciosa, coimbran, de critica argutissima, comprehensão nova da arte, e reacção de delicadas facecias que para alguns dos seus alumnos fariam de v. exc.ª um heresiarcha odioso da religião dos Epiphanios e Theodoricos, aliás bem medidos gigantes para esta região liliputiana.

Passados annos, quando nos encontramos em uma bancada do theatro de Braga, tinhamos ambos envelhecido; e para que a nossa decadencia se sentisse bem repassada do colorido local, assistiamos ao esphacellamento da arte putredinosa. Eu olhava para as cans de v. exc.ª, e dizia entre mim: Este é aquelle Luiz da Costa que foi, na minha mocidade, exemplar consummado da arte scenica, o cerebro em que pulsavam todos os talentos criadores das paixões das grandes tragedias; do peito d'este homem explosiram os brados que levantavam as plateas em phrenesis de enthusiasmo. Esta fronte foi osculada pelas multidões que choravam pelos seus olhos. D'estes labios sahiram convulsas as phrases que ainda hoje repetem uns que ha trinta annos lh'as ouviram.

E então, snr. Luiz da Costa, senti por v. exc.ª uma condolencia cheia de respeito, e uma tão dorida saudade do seu passado, como se eu esti-

vesse no seu espirito, e não tivesse no meu uma reprêza de amarguras.

Não o tornei a vêr, meu amigo. Apraz-me dar-lhe este nome que é sagrado e sanctissimo quando se dá aos irmãos — aos sorteados funestamente. E v. exc.ª não póde ser feliz, porque, no inverno algido da vida, escreve o seu *Horoscopo*, e pondera que, na sua sahida ao mundo, foi preciso fechar-se a sepultura de sua mãe. Quando ao tocar a balisa d'onde se avista o comoro do descanço infinito, o homem celebra com lagrimas a fatalidade do seu nascimento, a vida d'esse proscripto das alegrias vulgares deve ter sido muito destroçada de revezes.

O seu livro, os seus *Reflexos*, devem ser uns lampejos de saudosa claridade que lhe dourem as cruzes erguidas na via dolorosa por onde as suas chimeras ficaram prostradas. Quando eu lêr o seu livro, ao perpassar por essas cruzes, heide conhecel-as, e sentir-lhes o peso e o contundir dos angulos como quem bateu com as faces nas escarpas do mesmo calvario. As suas elegias hãode ser como os membros dispersos de uma alma; e quem, ao lêl-as, se esforçar por aferil-as na craveira superciliosa da arte, não as terá comprehendido. Houve uns almotacés cruelissimos que ousaram conferir as ultimas estrophes do Lamartine pobre e infermo com as lyricas lucilantes do juvenil cantor de *Elvira;* e, deplorando o an-

cião alquebrado por ingratidões homicidas, deram-lhe um repellão de desdem que lhe foi a redempção, porque o matou. E o poeta vingou-se, como o soldado do grande orador — morrendo.

A' honra que v. exc.ª me concede de prefaciar com estas saudades e tristezas o seu livro, queira, meu amigo, ajuntar a confiança na certeza com que sou de v. exc.ª admirador agradecido...

S. Miguel de Seide.
Julho de 1882.

LISBOA ANTIGA

POR

JULIO DE CASTILHO

Os livros do snr. visconde de Castilho são uns como queridos amigos e conversadores, que nos visitam de longe a longe. Quem assim escreve, com tão pausada reflexão, não pode amiudar as visitas; mas, em cada livro, dá aos seus admiradores o redobrado goso de os relêr. Ora, relêr um livro é a maxima homenagem que se pode preitejar ao auctor.

«Lisboa Antiga» é leitura de captivar os doutos e os frivolos, ensinando e deleitando. Uma porção da velha Lisboa, a nova de ha tres secu-

los, que, digamol-o assim, foi baptisada pela companhia de Jesus, e nasceu das antigas muralhas de D. Fernando – o *Bairro alto* – é o assumpto d'este livro, incomparavel na sua especialidade. Assistimos á resurreição da sociedade do seculo XVI e XVII, á volta da familia *Andrade*, um grupo de nobres em que o snr. visconde condensa as virtudes domesticas que, a meu juizo, formariam uma excepção aos devassos costumes da época, mas que, plasticamente, nas contingencias materiaes da vida, se descrevem com uma intuição admiravel, indicativa de grande estudo e rara paixão de simi lhantes inquirições. De permeio com as miudezas topograficas, com a exhumação da sotterrada Villa-Nova de Andrade realçam em linguagem inexcedivel de vernaculidade episodios romanescos, flôres sentimentaes escolhidas na genealogia de Miguel Leitão d'Andrade, violetas que nenhum bibliophilo, a não ser tambem poeta, seria capaz de descobrir n'aquelle pedregoso chavascal da «Miscellanea.» E, depois, a arte com que vai entretecendo de fios romanticos e archeologicos o mappa da Lisboa antiga por maneira que nunca o enfado nos colhe, é, creio eu, o condão do estilo, enfeitado das antigas joias encravadas nos modernos engastes. Preciosissimo livro que dá a norma de escrever obras d'esta especie sem obrigar o leitor a grandes preparatorios de erudição para as saborear.

Na detençosa leitura que fiz da «Lisboa antiga», n'uma ou n'outra pagina, marginei umas notas que não pretendem esclarecer as duvidas do snr. visconde de Castilho, mas levam em vista movêl-o a continuar as suas indagações.

Pag. 118. O snr. visconde acha embaraços em decidir quem fossem os paes de Ignez de Athoguia, primeira mulher de Miguel Leitão de Andrade. Nós tambem o não sabemos, nem os nossos linhagistas se lembram d'isso. O que parece ser certo é que a terceira mulher de Miguel Leitão, D. Francisca de Souza (cuja filiação o snr. visconde diz ignorar «como os melhores linhagistas consultados») é que era filha de Francisco Ribeiro de Sousa e de D. Margarida de Vasconcellos. Quando Miguel Leitão, no «Dialogo IV», diz que seu sogro é «Ribeiro» e seu cunhado «Rebello», refere-se ao pai e ao irmão da terceira mulher que o era já na velhice d'elle, quando escrevia o livro. O pai de sua sogra era Francisco de Pedrosa de Rebello; seu sogro era Francisco Ribeiro de Sousa; e seu cunhado Simão «Rebello» appellidava-se como seu avô, ao passo que sua mulher era «Souza» como seu pai. No «Dialogo XVIII» da «Miscellanea», pag. 524, edição de 1629, Miguel Leitão esclarece o ponto escuro n'estes termos:... «E d'este parecer foi o snr. Francisco de Pedrosa de Rebello, fidalgo muito antigo de 90 annos, pai da senhora D. Margarida Ribeiro de Vasconcellos,

minha sogra que por serem d'essa familia, o tinha bem praticado com o conde de Castello Melhor Ruy Mendes de Vasconcellos seu primo segundo.» O soneto que elle fez á morte da sobrinha *(Dialogo IV)*, nos dois primeiros versos indica a distancia a que a fallecida menina estava de «Ribeiro» seu avô paterno, e de «Rebello» seu bisavô materno :

> Murchada é aquella flôr bella *Rebella*,
> No *mais perto Ribeiro* mais regada, etc.

Quanto ao conjugicidio attribuido por Manço de Lima a Miguel Leitão nenhum outro genealogico dos que consultei dá margem a julgal-o veridico. Quem o poderia dizer era o bispo D. Pedro de Castilho, governador do reino e parente do snr. visconde. Foi elle quem mais tenazmente perseguiu o suspeito matador da mulher.

Pag. 123 e seg. O auctor pende a crêr que Miguel Leitão de Andrade conhecesse pessoalmente Luiz de Camões, seu contemporaneo. Não nos parece muito verosimil a conjectura. Miguel Leitão sahiu do Pedrogão para Salamanca, voltou para Coimbra onde estudava direito canonico em 1577, em junho do anno seguinte saíu para Alcacer-kibir, e voltou do captiveiro em 1580, quando Camões era já fallecido.

Pag. 128. Notando o snr. visconde de Castilho que Vasco de Pina, fidalgo de linhagem, casado

com Isabel de Andrade, foi um casamento desagradavel aos Andrades, accrescenta: «Não é já possivel saber em que se fundavam essas repugnancias domesticas.» Podem-se conjecturar. Os Pinas foram sempre suspeitos ao santo officio. A má vontade dos inquisidores esteve sopeada pela mão poderosa de D. João III. O cardeal, por deferencia ao irmão, não os perseguiu; mas, os dominicos, logo que se lhes abriu o ensejo, regalaram-se de os queimar, pretextando que o fidalgo Alvaro de Pina Cardoso, de Montemór, já eivado, casara com a christã nova Andreza de Andrade. Fallecido o fidalgo em 17 de setembro de 1608, começou a perseguição. Vinte e cinco annos depois, a inquisição de Coimbra queimou-lhe o filho primogenito, Ruy de Pina (Auto de fé de 4 de maio de 1623), e queimou-lhe tambem a mulher, Luiza Gomes, de 50 annos, e Paulo de Pina, seu irmão, que de mais a mais casara com uma Navarro, filha de um suspeito lente da Universidade; o outro irmão, Amaro de Pina, de 44 annos, foi penitenciado com cinco annos de galés; Sebastiana de Pina, freira em Campos, foi presa e mettida nas convertidas em Coimbra; dous sacerdotes da mesma familia saíram no auto de fé de 1625, enredando seu cunhado Bento da Cunha Perestrello, morador em Coimbra no paço de sub-Ripas que os fabulistas chamam o palacio de Maria Telles. (*A Caveira da martyr*, tomo 1.º —

Vej. *Genealog de Pinas)*. Em 1678, um ramo d'estes Pinas vivia em Amsterdan. N'aquelle anno, publicava a sua these de doutoramento em medicina, na universidade de Leyde, David de Pina, que alcançou grande celebridade. Lembra-se d'elle Rod. de Castro, na «Bibl. Rab. Espanhola, tom. I.» O snr. visconde de Castilho olhou os Pinas pelo lado das proesas e das lettras: cumpria-lhe vêl-os á luz das fogueiras do santo officio.

Pag. 132. Submetto ás investigações do meu illustre amigo umas idéas que me suggere a sua filiação de Andrades nos condes de Andrade em Galliza. Propendo a crer que sahiu d'esta familia D. João I. Sua mãe, a amante obscura e quasi desconhecida do D. Pedro I, é apontada na historia como Thereza Lourenço, dama da Galliza, e mais nada. O nome completo d'esta senhora era D. Thereza Gil Lourenço de Andrade. Achei-o pela primeira vez na «Poblacion general de España», do hebreu, de Celorico da Beira, Rodrigo Mendes Silva, pag. 231, ed. de 1675. No reinado de D. Pedro I refugiou se em Portugal Nuno Freire de Andrade e aqui foi Mestre da Ordem de Christo. Era da casa dos senhores de Puentes Dume, Ferrol e Vilalva em Galliza, e tinha uma irmã ou prima D. Thereza. N'aquella casa entrou o titulo de conde no reinado de Isabel a Catholica, na pessoa de D. Fernando de Andrade (*Alonso Lopes de Haro, Nobil. genea-*

logico, tom. II, pag, 135). Miguel Leitão, na «Miscellanea», pag. 281, não diz que destino teve uma «Thereza,» e engana-se quando chama conde de Vilalva a D. Pedro de Castro e Andrade, pai de «D. Thereza». A tradição escondeu quasi tudo. É de notar que a historia não escondesse tambem que o filho natural de D. Pedro I foi educado em casa de Nuno Freire de Andrade— talvez seu tio. Deixou-nos assim entrever que o filho foi educado por sua mãe, depois de creado secretamente em casa do cidadão Lourenço Martins. Como quer que seja, a protecção que D. Pedro I deu aos Andrades implantando-os em alguns melhores empregos do reino, leva a suspeitar que a mãe do mestre de Aviz, «hermosa y noble dama gallega», como escreve Rodrigo Mendes, era da casa em que depois entrou o titulo de condes de Andrade. O snr. visconde de Castilho, com certeza, vae scismar com isto e abrir talvez um periodo novo nos annaes clandestinos dos nossos monarcas [1].

Pag. 141. A respeito da Torre de Alvaro Paes, diz o snr. visconde: «Não sei a origem de tão significativa alcunha».

O corregedor Alvaro Paes era intendido fiscal

[1] No livro das *Memorias para a historia de D. João* I esta e outras hypotheses se encontram muito desenvolvidas.

de obras de defeza. Já D. Pedro I o mandara presidir á construcção da ponte e dos muros de Ponte do Lima quando a reedificou na era de 1359. No arco da ponte que foi demolido em nossos dias, leu João Pedro Ribeiro, ou trasladou, a errada inscripção que lhe enviaram, e dizia assim:

Rei nãt o mui nobre rey Dom
Pedro na era de Mil et CCC. LXXXVII
anos mandou cerquar esta Villa e fazer
estas tores per Alvar Paes que era
seu coregedor e começaron a britar
a pedra VIII. ds Março e come-
çaron a fundar III, dias de Ju... o [1]

Admira que João Pedro Ribeiro não desse logo pelo anachronismo da data da inscripção. A era 1387 corresponde ao anno de Christo 1349. N'este anno ainda reinava Affonso IV que falleceu em 1357. D. Pedro mandou fazer os muros e a ponte por Alvaro Paes em 1359. Está por tanto errada a era na inscripção a que subtrahiram um X. Parece-me provavel que a «Torre de Alvaro Paes» nos muros de Lisboa se appellidasse assim por haver o corregedor presidido á sua construcção, como idoneo que era, e já experimentado em analogas missões, attinentes ás corregedorias, no anterior reinado.

---

1 Dissertações chronologicas e criticas, tomo I, pag. 392.

Pag. 199. Quem falleceu, ou mais correctamente «pereceu», no dia 1 de dezembro de 1640, foi o corregedor do crime Francisco Soares de Albergaria, assassinado no paço. Tinha uma filha, D. Isabel, sua herdeira unica, mulher em segundas nupcias de José de Souza Castello Branco, senhor do Guardão. Fr. Agostinho de Santa Maria, no «Sanctuario Marianno», equivocou-se. D'aquelle consorcio é que proveio aos Souzas Castellos Brancos a ermida de Nossa Senhora do Alecrim. Os mais novos representantes d'esta familia por sua mãe são os filhos do finado Manoel Maria da Silva Bruschy, havidos do seu segundo matrimonio. Creio que ainda vive seu avô o snr. José de Souza Castello Branco. Tambem descende d'esta familia o snr. Felisardo de Lima, que ensina a ler rapazes em Fafe, e publicou ha pouco um curioso livro de polemica sobre primasias methodicas e modernas no ensino. Se ao chronista-mór Bernardo de Castello Branco e ao general litterato Pedro de Sousa Castello Branco se lhes prefigurasse que um dos seus descendentes havia de ensinar rapazes em Fafe, os bons dos fidalgos davam dois estoiros de paixão! Voltas do mundo.

Pag. 277. Dizendo da influencia do corregedor do Bairro Alto, o snr. visconde refere o assassinio do magistrado Ignacio Sanches de Goes de uma maneira inverosimil: — que em 8 de março

de 1694, pelas 5 horas da tarde, o corregedor que assistira a uma festa em S. Roque, descendo a rua com um seu amigo, parára, na occasião em que os condes da Atalaya e Prado subiam n'um coche. O corregedor, como não visse os condes, não os cortejou; e os fidalgos, enfurecidos pela descortezia, apearam-se, e mataram-o trespassando-o com um espadim. Depois, fugiram; e, protegidos pelo embaixador de França, expatriaram-se. Um foi sentenciado á morte, outro a degredo; mas, passados annos, foram perdoados. E acrescenta: «O que é notavel... é que veio a morrer assassinado, á sahida da portaria dos padres do Espirito Santo, em 17 de setembro de 1722, o conde do Prado, e que o seu antigo cumplice morreu dois dias depois, a 19, em Vienna d'Austria».

Não succedeu assim perfeitamente o caso. O snr. visconde manda ver as sentenças de Moreira; mas a sentença, que condemna os réos, já no exordio nos está dizendo que a tragica passagem precisa de melhor informação. O titulo da sentença reza assim: «Sentença da Relação de Lisboa, contra os condes do Prado e da Atalaya por matarem o corregedor do Bairro-Alto «no exercicio da sua auctoridade» etc. (Innocencio Dicc. tom. VII pag. 223.)

Se o corregedor morreu por não tirar o chapeu, decerto não foi morto no exercicio da sua

auctoridade, nem os desembargadores poriam a descortezia como prerogativa da sua magistratura. O caso tem outra explicação, e é a seguinte, qual m'a dá um MS que tenho presente, e o cavalheiro de Oliveira (*Euvres mêlèes: ou Discours historiques, politiques* etc. Londres, 1751, tom. II, pag. 147 e seg.):

D. Pedro II [1] era devotissimo do santo portuguez patriarcha dos hospitaes, o beato João de Deus, de Montemór. Os jesuitas, para comprazerem com o monarca, festejaram o santo na sua casa professa em 1694, no dia 8 de março, anniversario da sua morte.

A porta principal do templo era vedada, sem excepção da primeira nobreza e alta cleresia, em quanto não entrasse a familia real. O corregedor do Bairro-Alto Ignacio Sanches Goes era o defensor da entrada. Os condes do Prado e Atalaya apearam dos seus cavallos em frente da porta reservada, para a qual se encaminharam por entre a turba da gente mean que esperava a famillia real e abriu respeitosa ala aos gentilissimos condes. O corregedor avançou urbanamente um passo

---

[1] Extracto de um livro inedito intitulado «Raças finas», por C. C. Branco.

para os fidalgos e preveniu-os de que não podiam entrar por aquella porta antes de chegar el-rei. Responderam que essas ordens não se podiam entender com pessoas da sua qualidade. O magistrado redarguiu que as ordens não exceptuavam ninguem: que os senhores condes tinham duas portas da egreja francas. O publico assistia muito interessado á contenda entre as armas e a beca. Os fidalgos, por isso mesmo, vexados, insistiam que se lhes concedesse uma distincção. O corregedor talvez carranqueando, teimou em cumprir rigorosamente as ordens recebidas. Injuriamam-no de palavras; e, no ardor crescente da ira, o conde da Atalaya deu-lhe com o chapeu na cara; e o do Prado, que já tinha a mão no punho do espadim, arrancou-o no conflicto em que o corregedor dava ao offensor a voz de preso, e o trespassou de peito ás costas. O velho magistrado caiu morto.

Assim, a crueldade d'este homicidio tem uma explicação: o orgulho dos condes e a sobranceria do corregedor.

Quanto á morte do mais criminoso, em 1722, ás mãos de D. Juan de la Cueva, cumpre saber que o assassinado já era então o general marquez das Minas, e que o assassino era o commendador do Pinheiro, capitão de infanteria e bisneto de D. Fernando de la Cueva que, em 1640, governava

por Castella a fortaleza de S. Gião, e a vendera a D. João IV como Tristão Vaz da Veiga, o portuguez, a tinha vendido, 60 annos antes, ao duque d' Alva. E matou o marquez porque o general lhe não deu «senhoria», quando elle la Cueva, que se dizia primo dos duques de Albuquerque e descendente de D. Beltran de la Cueva, lhe dava «excellencia»! O conde do Prado matara por soberba e morrera por soberba.

Vai longo o aranzel. Imaginei que estava conversando com o meu presado visconde ácerca do seu magnifico livro, sem incorrer na coima de estafador com que bem póde ser que a opinião publica nos condecore a ambos. Parece-me que não terá desculpa o panegyrista da «Miscellanea», um livro de coisas e de pessoas que ninguem lê sem intermittencias de grande fastio. Pois é um bom livro o de Miguel Leitão de Andrade. Ali se aprende como João Baptista *Leitão* de Almeida Garrett metteu o *Leitão* na sua familia pelo facto dos Almeidas, mais que modestos burguezes no Porto, terem herdado em Gaya uma quinta de Christovão Leitão. Conta-o assim a «Miscellanea» pag. 614:... «D'este Christovão Leitão ficou um só filho natural, do mesmo nome, o qual por fallecer sem filhos na cidade do Porto deixou a estranhos a sua quinta e logar de Gaya, meia legua d'essa cidade, que era patrimonio de seu pae, não sem alguma nota de tirar isso aos seus, etc.»

Eu não me admiro de que A. Garrett se inventasse parente dos Leitões, depois que elle se phantasiou parente de S. Gonçalo de Amarante. Eu, por mim, antes queria ter feito o «Fr. Luiz de Souza» do que ter santo e Leitão na familia.

PHILARÈTE CHASLES

VELHO professor do collegio de França, o encyclopedico Philarète Chasles estava em Veneza, no estio de 1874.

Sahira de Pariz muito triste, fatigado e doente, mortalmente infermo do desgosto da vida. Assim mesmo, aquelle poderoso espirito não podia attemperar-se á fraqueza do corpo. Prostrado em uma poltrona, em frente d'uma janella que abria sobre o mar, ditava a um sobrinho um livro — o seu derradeiro livro chamado *A psycologia social*. Não tinha livraria no seu

gabinete d'hotel, e ditava com uma bibliotheca alojada no enorme cerebro, onde lhe refluiam todos os fluidos da vida, onde se esvoaçavam todas as ideias em uma grande sonoridade como a revoada das andorinhas que se abandam para emigrarem. N'esse livro de 288 paginas em formato pequeno ha um index onomastico em que figuram 723 nomes de publicistas, de politicos, de philosophos e artistas! Ultimos lampejos da maior retentiva que teve o seculo XIX em França.

Um dia, ao romper da manhã, o ancião mandou chamar o sobrinho. A noite havia sido de muita calma. Chasles estava no seu quarto, já erguido, em frente da janella aberta, esperando o repontar do sol. O sobrinho entrou receoso de que o velho tivesse tido má noite por causa do calor.

— Vem cá, filho, e contempla este sublime espectaculo! — disse Chasles — Vae fazer-se a luz. Eis-me aqui amparado n'uma das paredes dos circulos do Dante, contemplando o ceo, o mar, e aquelle grande astro rubro que vae surgir, sem olhar para o fundo do abysmo que é a duvida. Filho, a minha misanthropia é de mais em ti: a tristeza que eu sinto essa é digna dos meus annos. Mandei-te chamar para que de novo me promettas de proteger as minhas obras e as minhas Memorias. Andei de mais pelas alturas. Eu devêra ter a habilidade do meu amigo Saint-Beuve que

primeiro se embrenhava pelos valles para depois escalar os pincaros. Vamos concluir, esta manhã, o volume da *Psycologia social*. Ha dez annos que trabalhas comigo, conheces a minha vida nas suas menores particularidades. Sinto aproximar-se o meu ultimo dia; não posso pedir o infinito á vida finita. Não reclamo a perfeição n'um mundo imperfeito. Mas o dever de philosopho me obriga a exigir de ti a solemne promessa de nada desattender para que as minhas obras e Memorias sejam completadas, bem conservadas, não falsificadas e religiosamente consagradas á obra honesta que quero concluir para as pessoas honestas, bem como á obra individual de que meu coração ulcerado carece. Tem cuidado que a calumnia me não manche as minhas obras...»

Dito isto e pouco mais sobre a escolha de editores, o philosopho trabalhou sem descanço por espaço de tres horas. Ás nove estava o livro concluido.

«— Basta — disse elle — sinto-me cançado.»

E, no dia seguinte, á mesma hora, estava Philarète Chasles, sentado na mesma poltrona em frente da mesma janella. Mas então estava môrto — fulminado pelo colera; e, ao outro dia, foi sepultado no cemiterio das Lagunas.

*

O livro posthumo appareceu no seguinte anno, 1875. Os francezes choram moderadamente a falta dos seus grandes homens. É preciso que elles se inforquem como Nerval, ou engulam a chave como Gilbert, ou morram de fome como Malfilatre, ou de absyntho como Musset para que, ás temporadas, appareçam umas commemorações plangentes, cheias de arabescos de estylo e de invectivas contra a infame e tenebrosa organisação d'este mundo, que não obsta que uns insandeçam e se estrangulem, e que outros se embebedem e morram de *delirium tremens*.

Do grande trabalhador de quarenta annos que morreu em Veneza, n'um grande silencio, n'uma especie de transfiguração, pouco se disse em França e até do seu livro posthumo não me recordo de ter lido sequer a *réclame* da casa Charpentier.

Eu tambem, cá do fundo d'esta aldeia, não venho vingar o mestre que me foi uma delicia na mocidade. Os seus grandes livros dispensam-se da glorificação da ultima obra, que realmente é um ramal de perolas que se desata em desordem, é um cerebro luminoso, que se desfaz em faúlas na sua derradeira fulguração. Não se é velho impunemente — fallo de experimentado. A systematisação, na decrepitude intransigente, é enfadonha como a rabugice. Philarète Chasles tinha 76 annos. E Victor Hugo, por mais que uma convenção

universal o queira fazer invulneravel na sua armadura faiscante de antitheses e paralogismos, tem 80 annos. Ha d'estes prestigios sagrados e intangiveis como a Arca Santa. Os Marinos e Gongoras não foram menos protentosos. É que as anemias cerebraes têm umas nevrozes que parecem convulsões de genio.

Philarète Chasles, n'este livro da *Psycologia social*, lembra-se de Portugal e de um escriptor portuguez que deixou formosos livros e uma dulcissima memoria da sua breve e mansa e dolorosa existencia — Gomes Coelho. Tambem falla do marquez de Pombal.

D'este paiz não reza bem; mas afina pela toada monotona dos seus patricios. *Portugal,* diz elle, *ha coisa de cincoenta annos, a fallar verdade, não é mais que uma colonia ingleza.* (O mais curioso como historia são os *50* annos!) *D'esta situação analoga sem ser identica á vassalagem hindostanica sob a pressão ingleza, resulta que muitos pontos da vida intellectual se modificam entre os homens mais illustrados de Portugal. A historia, como depois demonstrarei* (demonstração que não chegou a ditar) *trata de colligir documentos authenticos; recolhem-se diplomas, cartas...*

E acrescenta abruptamente áquellas *cartas* que não sei se são epistolas, se mappas, se codigos governativos: *E esse pequeno reino, outr'ora tão*

rico de heroes e poetas, honra-se de ter visto nascer um dos melhores romancistas contemporaneos, totalmente da escóla analytica de Dickens, de Foe e de Fielding; alma terna, d'um erotismo algum tanto sentimental, espirito dôce e fino, d'uma delicadeza um pouco subtil, mas muito attento em separar, joeirar e descriminar os meios tons e as meias tintas dos caracteres. Jules Dinir (Julio Diniz) *faz lembrar, mas com mais amenidade e louçanias, o auctor genovez do* «Presbytère» *e dos* «Menus Propos». *O calido dardejar do sol africano e a suave viração que vem do mar a doidejar nas florestas onde o mosteiro da Batalha se repousa emboscado, augmenta o encanto das suas creações mixtas, septentrionaes pela paciencia do estudo e orientaes pelo movimento:—as* «Soirées de Provence», *a* «Famille anglaise», *as* «Pupilles du Seigneur Recteur». *Marco este phenomeno; symptoma e presagio d'uma litteratura universal e europea, filha de todas as influencias, desabrochada de todas as auras, producto de todos os raios, eco de todas as modalidades do pensamento —a que o grande philosopho Gœthe esperava e vaticinava.* (Pag 172).

*

Não havia então, nem me consta que haja ainda versões francezas dos romances de Julio Diniz. Em 1874 enviava Augusto Soromenho a duas Revistas ingleza e allemã noticias do excellente romancista e dos seus livros. Soromenho correspondia-se em latim com os emprezarios das revistas que o traduziam nas suas linguas. Uma raridade pouco celebrada e conhecida — um escriptor portuguez e ainda rapaz, d'uns trinta annos, escrevendo em latim!

Seria n'essas Revistas que o escriptor francez achou condensada a apreciação judiciosa da obra do nosso bom romancista, ou possuiria Philarète Chasles a lingua portugueza? É certo que elle tinha seus pruídos de polyglota. Versava as litteraturas allemã e hespanhola e ingleza magistralmente, como sabem, nos seus bastantes volumes chamados Estudos. Porém, quanto á portugueza, não lisonjearei a sua memoria assentando que elle a possuisse com alguma sufficiencia. Ao proposito dos *Dramas fantasticos* de Shakspeare, cita uma imagem do poeta, emprestada de Virgilio, e lembra que já Camões plagiava como o dramaturgo inglez; e, apontando o texto dos Lusiadas, escreve:

> Qual reflexo lume do polido
> Espelho d'aço *o* de cristal fermoso

Che do raio solar sendo ferido
Voy ferir *nontra* parte luminoso:
O sendo da *oʒioʒa mao* movido, etc.

Depois, os algarismos com que elle indica a passagem extractada do poema são uma curiosidade. Por debaixo dos versos, indicou :

Lusiadas, 7, 86, 87, 26.

Se a deturpação é do typographo, é natural que o auctor a corrigisse na prova. A meu vêr, Chasles desconhecia a lingua ; serviu-se d'uma versão confrontando-a com o original ; copiou os versos portuguezes ; mas o typographo não os percebeu ; e elle, revendo a prova, tambem não percebeu para os emendar. Quanto a confrontal-os de novo, não valia a pena, visto que a linguagem portugueza e a siriaca podiam affoitamente passear incognitas em Paris, em Londres e em Berlim.

Do marquez de Pombal, em promiscuidade com outros estadistas que encheram o seu seculo, diz Chasles em poucas linhas o lemma que deve ser a divisa do centenario de Sebastião José de Carvalho :

Um homem politico é um maquinista exposto a todos os perigos sobre a maquina de fogo e aço que o conduz. Eu queria vêr no logar d'elle os criticos que o condemnam. O philosopho sabe

que o Richelieu de Luiz XIII *e o Mazarin de Anna d'Austria, assim como o Pombal* e *Henrique* IX, *tem que resolver problemas mais difficeis que os de Euclides, e cujas incognitas a determinar são numerosas e cheias de trevas, cheias de dores, cheias de desastres.* Pag. 10)

Profundo bom senso na desculpa das cruêzas dos homens diabolicamente providenciaes !

Nada mais encontrei com referencia a Portugal designadamente; mas desconfio que nos eram dirigidas estas linhas da pag. 6:

Paiz que não tem litteratura está morto. O que a tem má, frenetica, depravada, continuo plagiato ou de rebutalhos senis, apresenta o symptoma hypocratico de proxima agonia. Surge então a contenda entre falsos classicos e falsos romanticos. Lucta de furiosos e idiotas.

Isto, se não é comnosco, é com a Galliza.

NOTA

Um anonymo prudentissimo, para me não fazer critica em publico e raso, enviou-m'a em carta por tanta maneira discreta que até veio estampilhada. Uma lição e um desfalque de 25! É muito.

Além da prodigalidade do cobre, o consumo do phosphoro da sciencia, que não vale os 25, a fallar verdade.

Traslada estas linhas do meu folhetim. «A morte de Philarète Chasles»:

«*A historia... trata de colligir documentos authenticos*; *recolhem-se documentos*, *cartas...*» E, como eu dissesse que não sabia se aquellas *cartas* eram *epistolas* se *mappas*, se *codigos governativos*, o critico zupa-me d'esta arte:

«O sr. fulano confunde *cartas* com *epistolas* que são *cartas em verso*; confunde *cartas* com *mappas* que é gallicismo torpe; confunde *cartas* com *codigos governativos*, como quem quer dizer *carta constitucional da monarchia.*»

E, posto isto, manda-me estudar diplomatica.

O conselho serve; mas ha muitos annos, senhor, que uns laços indissoluveis de caturrice me prendem a João Pedro Ribeiro e a Santa Rosa de Viterbo. Não conheço os *Trez mosqueteiros* e tenho alguma tintura das *Observações historicas e criticas da diplomatica portugueza*. Deixei de lêr os *Mysterios de Paris* para me saturar do caruncho do *Elucidario*. Mas, se eu ignorasse o que são *cartas* diplomaticamente, era mais uma ignorancia para ajuntar aos milhares de coisas que não sei.

1.ª accusação: Que confundo *cartas* com *epistolas* que são *cartas em verso*.

S. Pedro e S. Paulo escreveram *epistolas* em proza. *Epistolas* eram cartas missivas. As epistolas de Cicero não eram poeticas. Os santos padres escreviam *epistolas* sem empregarem o dactylo nem o spondeu. Não é pois obrigatorio que *epistola* seja sempre *carta em verso*. Quando o sr. ouve dizer *clerigo de epistola*, que cuida? que é um padre que faz cartas em redondilha maior? quando o subdiacono, em missa solemne, abre o *Epistolario*, que pensa o sr.? que elle vae cantar as *Cartas d'Ecco e Narciso?*

No mosteiro de Paço de Sousa havia as *cartas pastoraes* de frei João Alvares, secretario do infante D. Fernando. Essas cartas que se guardavam n'um volume chamado *Cartayro*, chamavam-se lá *epistolas*, por terem a uncção e a forma das primitivas missivas dos padres da christandade. E, pelo facto de estarem no *cartayro*, ou *cartario* e modernamente *cartorio*, chamavam-se *cartas*. Já vê o sr. que não confundi: puz um synonymo de *cartas*, escrevendo *epistolas*.

2.ª accusação: Confundo *cartas* com *mappas* que é gallicismo torpe.

Gallicismo! e de mais a mais *tôrpe*. Deixe-se d'isso, e abra o seu Diccionario de Moraes. Veja: *carta geographica*, em que está afigurada a terra arrumada (de *rumo*) *Carta nautica*, *carta de marear*. Abra o seu padre A. Vieira, tomo 2.º, pag. 138, 3.º 92, 8.º 157. Ahi verá que farte *cartas geographicas*. N'esta accusação, por tanto, se alguma cousa ha *tôrpe*, não é o gallicismo.

3.ª accusação: Confundo *cartas* com *codigos governativos*, como quem quer dizer *carta constitucional da monarchia*.

Codigo é uma collecção de leis. *Codigo Affonsino, Manuelino, Philippino*. Nenhum d'estes *codigos* era rigorosamente a *carta constitucional*. O sr. percebe. *Codigos governativos* eram não só as leis geraes, mas os estatutos que regiam os mosteiros e as *Constituições* que governavam os bispados. Estes *codigos* eram tambem *cartas* porque entravam nos *cartarios* ou volumes assim chamados. No *Cartario* de Paço de Sousa, de par com as Epistolas ou cartas de frei João Alvares, estava a versão da *Regra de S. Bento*, codigo do governo monastico, e as *constituições regulares* d'aquelle mosteiro. No *Cartario* da camara do Porto encontrou João Pedro Ribeiro o corpo das ordenações de D. Affonso v. Os codigos governativos do seculo XIV tiveram nomenclatura independente da *carta constitucional da monarchia*.

Por tanto: *Epistolas* e *codigos governativos* e *cartas*, diplomaticamente fallando, tem analoga importancia, conforme aos antigos usos.

E, finalmente, tentei demonstrar que sob o nome de *cartas* se comprehenderam epistolas em prosa, e legislação ou codigos governativos, como testemunha João Pedro Ribeiro, o primeiro professor de diplomatica que teve este paiz e seria talvez o unico, se depois d'elle não viesse o segundo que é indisputavelmente o sujeito anonymo que me escreveu.

É provavel que este sr. continue a mandar-me estudar diplomatica. Pois que o anonymo sabe fundamentalmente esta sciencia, eu, se houver de o mandar, não é á diplomatica.

Depois de uma carta assim repolhuda e empapuçada de cabedellas eruditas, não sei como heide ataviar a minha Musa com as gases diaphanas e as espumas de renda que se requerem no capitulo XI do SR. GONÇALINHO (*réclame*)

— uma novella despeitorada como os seios de lady Hamilton ou d'uma donzella em baile da côrte.

Se os anonymos continuam, e a Musa se faz academica, perdendo o *zing* de *boulevardière*, o paiz não sabe o que perde.

CURSO THEORICO E PRATICO

DE PEDAGOGIA

Por MIGUEL CHARBONNEAU, traduzido da 3.ª edição por JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO, official do exercito.

Em vez de *pedagogia* podiamos dizer *Magisterio* ou *professorado*. A interpretação que se dá áquella palavra é violenta: *conduzir menino* — é o que se deduz dos dous vocabulos gregos que a formam. *Pedagogos* na Grecia antiga eram os modernos escudeiros dos meninos abastados. Ainda agora, a palavra *pedagogia* não permitte que se lhe derive um adjectivo para qualificar o professor.

Se lhe chamarmos pedagogo ao mestre de meninos, não o temos em conceito bastante serio; ou

o ridiculisamos pela profissão modesta ou pelo pedantismo burlesco.

Mas o termo *Pedagogia* tem hoje o consenso universal e exprime *a sciencia da educação*.

Matter, escriptor francez devotado á missão nobilissima de regenerar o professorado, escrevia ha annos: «Ha progressos sensiveis na sciencia da educação actualmente? Avançou muito? Rica e ambiciosa é ella; mas não é boa nem completa porque carece de harmonia: é mixta como o estado social que se reflecte n'ella. A pedagogia esperava de nós as suas ultimas reformas; mas reformas sérias e principios harmonicos com as nossas instituições e costumes. E mister é que se lhe dêem, porque debalde tentariamos actuar sobre gerações encanecidas em toda a especie de preconceitos e hostilidades. Nas intelligencias juvenis poderemos ainda depositar os embryões da união moral que é a grande necessidade da época»,

Esta grande necessidade produziu o livro mais util, mais serio, mais generoso que dos prelos francezes tem vindo collaborar na educação da juventude. Mr. Michel Charbonneau escreveu o *Curso theorico e pratico de pedagogia;* o snr. José Nicolau Raposo Botelho traduziu-o da 3.ª edição; e o snr. E. Chardron deu o mais difficil e indispensavel impulso á divulgação da obra benemerita. Pelo que respeita ao traslado a portuguez, não me limito ao elogio da vernaculidade, que já em

si não é pouco nem vulgar; a esse louvavel empenho satisfeito habilmente, ajuntou o snr. Raposo Botelho as alterações judiciosas que se requeriam na obra applicada ao curso de pedagogia nacional, modificando o methodo rudimentar da aprendisagem do idioma portuguez, e indicando os compendios adoptados no subsequente ensino. É um trabalho de consciencia e de intelligencia.

N'este curso se nos deparam largamente tratadas a educação do coração e a educação de espirito.

A religião é chamada a germinar nos animos infantis a arvore bemdita cuja sombra será abrigo ás flôres do espirito que mais tarde, expostas ao calor das paixões, podem degenerar em perfumes deleterios. A suavidade, a lhaneza convidativa, a dôce unção com que os preceitos da moral de Jesus se insinuam no entendimento das crianças é n'este livro um dos seus mais bemfazejos e formosos intuitos. Claro é que deve ser muito attenta a vigilancia que Charbonneau recommenda na escolha dos preceptores. N'este ponto, se explana o livro em conselhos aos paes e preceitos aos mestres; para os primeiros é um guia, para os segundos um instructor moral com elevadissimas idéas que engrandecem a dignidade do professorado alteando-o ás grandes responsabilidades das altas missões. Para os paes de familia ha ahi admoestações que lhes devem parecer estranhas novidades,

em vista da despreoccupação com que custumam confiar indistinctamente seus filhos a mestres de costumes exemplares ou de suspeita moralidade. O mais commum é perguntar-se se os alumnos de um determinado collegio são melhormente qualificados nos exames que os alumnos d'outros collegios. Averiguada a prova dos bons custumes dos preceptores pelo exito animador dos exames, não se investiga se o discipulo esqueceu ou desprezou no collegio a iniciação religiosa que recebeu de sua mãi. Não me quer parecer que os professores portuguezes expendam theses atheistas aos seus discipulos como Alphonse Karr fazia aos d'elle; mas não escrupuliso em acreditar que a educação religiosa de um menino é tão indifferente á maioria dos mestres quanto no acto da prova está provado que o é aos examinadores.

Charbonneau insiste com discreto fervor n'este momentoso assumpto do seu curso; e dos sentimentos religiosos deslisa para a educação physica sob o ponto de vista hygienico, harmonisando as condições do desenvolvimento corporal com o do espirito, sem mutuamente se sacrificarem pelo desequilibrio. N'esta parte, teem ahi muito que aproveitar os directores dos gymnasios onde o exercicio das forças ou transcende o que podem dar orgãos debeis, ou são empiricamente applicados por systemas de velha rotina.

Sob a epigraphe de *Educação intellectual,* desenvolve um tratado de moral philosophica ao alcance dos meninos sem que o preceptor haja de simplificar a expressão para se fazer entender. Todos os assumptos ventilados no antigo ramo de philosophia que se chamava «ethica» se esclarecem em termos e raciocinios tão modelados para comprehensões infantis que o transcurso d'estes prolegomenos á logica e á theodicea será facillimo para os educandos e gratissimo para os professores.

Passa depois á parte mais positiva da educação — aos methodos das diversas disciplinas desde a leitura e escripta até á historia, através das prendas que constituem a educação esmerada. Sobre o desenvolvimento das faculdades intellectuaes e moraes alvitra conselhos que não tem contra si o damno das theorias: nenhumas nebulosidades que desanimem até á indolencia o preceptor, nem obriguem o cerebro do discipulo a um esforço incompativel. O exercicio a que a sua razão é brandamente convidada faz-lhe mais claro, mais intelligivel o tirocinio das disciplinas que vai confiando á memoria.

Segundo a «organisação das escólas» d'este *Curso de Pedagogia*, ha muito que modificar nos collegios portuguezes em proveito dos proprios professores e vantagem dos alumnos. N'um breve esboço dos traços geraes do livro, a um tempo

complicado e singelo, não se póde dar por menor o complexo de reformas alvitradas. O que mais em favor dos educandos se póde fazer é estimular os preceptores dignos d'esta honrosa qualificação a que leiam o *Curso de Pedagogia*, se, afóra isto, nos não é levado a mal que roguemos aos que dirigem a educação publica que dêem a este livro uma intervenção legal nos collegios. Como quer que seja, sabemos que alguns professores já de ante-mão almejavam algum escripto d'esta especie. Esses já tinham em si a luz que lhes mostrava a necessidade de outra mais esplendida; e elles, os dignos formadores da geração que vai occupar a porção mais activa da humanidade, serão por ventura os primeiros a dar o exemplo, e a receber as bençãos dos paes de familia.

É certo que as idéas de Charbonneau, respectivas ás qualidades que se requerem nos preceptores, já vem de longe preconisadas, mas, n'estes ultimos cincoenta annos, pareciam obliteradas da previdencia dos paes e da consciencia dos educadores. Excellentes maximas se nos offerecem nos que exercitaram o professorado no nosso paiz. Ha mais de seculo e meio que um mestre-escóla portuguez, Manoel de Andrade e Figueiredo, publicára *A nova escóla*, offerecida a D. João v, e no capitulo *Eleição dos mestres* preluziram-lhe os excellentes preceitos que Charbonneau explana.

O que é novo é a organisação das escólas, o methodo do ensino, a systematisação dos mappas, e tudo que coopera em haurir do tempo o maximo proveito. Este livro não foi sómente escripto para os que ensinam; a maior parte d'elle é um compendio de moral para os que aprendem, e um conselheiro que confidenceia aos paes cousas sublimes que elles hão de comprehender e agradecer, se as virem á luz do amor que tem aos filhos.

POESIAS POSTHUMAS

DE

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

A POESIA de Faustino Xavier de Novaes é estranha ao ideal que caracterisa os productos de épocas diversas. Juvenal, Boileau, Tolentino e Novaes frizam a todos os seculos, porque se inspiraram das corcovas insanaveis e irrisorias de todas as gerações. É fonte que não sécca jámais a Cabalina onde bebem os alegres observadores d'este carnaval perpetuo que se estreou, com ares tragicos, no paraiso, em Eva lograda pelo diabo. Um planeta que assim começou nunca poderá abster-se de ser um tanto comico.

Xavier de Novaes não viu tudo; mas examinou com sagacidade rara tudo que viu; e, se o não captivassem respeitos indeclinaveis na sua posição dependente, poderia, adivinhando, fazer cantar nas ruas as trovas grotescas do pataratismo dos salões. Não o fez Nicolau Tolentino porque era um bureaucratico andador das almas da familia; pedia sempre para si e para as irmãs. Não o fez Faustino justamente pela razão inversa: — para que o não imaginassem capaz de acceitar o estipendio do seu silencio. E, depois, toda a gente lhe queria do coração, áquelle operario francamente vaidoso do seu officio.

.....
Não pensas que o independente,
Que é sobre os maus um açoite,
Bate quasi em toda a gente,
Mas trabalha, dia e noite,
Para ter que dar ao dente?

Não calculas a tortura
Que soffre e que bate o vicio,
E adora a virtude pura,
E, sem tratar d'outro officio,
Viver d'isso, aqui, procura?

Tinha a musa ao pé do maçarico.

..... me chamam atrevido,
Que sem ter do latim nada aprendido,
Provoco em meus insipidos escriptos
Os genios immortaes, os eruditos
Que a vida tem gastado, e a paciencia,
Entre os bons *calhamaços* da sciencia,
Em quanto eu, infeliz, por não ser rico,
Me cançava bufando ao *maçarico!*

Brunia o ouro e as rimas simultaneamente. Não rendilhava as arrecadas das camponezas maiatas com lavores de Cellini ou Ludovici, nem as estrophes com as elegancias de Pereira da Cunha ou Gonçalves Crespo. Pesava na balança o cerebro dos seus admiradores, e dava-lhes a dóse certa de espirito que elles podiam digerir. D'ahi, a sua grande e ruidosa popularidade. Tirante os poetas sinistros, que tinham tragedias nos olhos, bronchite chronica nas cavernas do peito, e ululavam saudades de tres mulheres amadas e mortas problematicamente, toda a gente de grandes e pequenas letras se deleitava com os improvisos de Faustino de Novaes nos outeiros, nos saraus e nos banquetes onde elle, ás vezes com excesso, se deixava seduzir das tradições festeiras, mas pouco briosas dos seus predecessores nos chistes.

Ninguem consolou maior numero de tolos seus conhecidos. Pintava-os em quintilhas, mostrava-lhes o retrato, e elles riam-se... dos visinhos, como os Sganarellos de Molière nas scenas que o leitor conhece.

Faustino era poeta necessario, tão necessario á evolução espiritual do Porto como uma boa barra á prosperidade do seu commercio. Ninguem, como elle, gozou seis annos de triumphos. Quantos poetas então vegetaram inconscientes das condições climatericas cobria-os a sombra da Upas de Java — arvore homicida. Esmaeceram, murcharam e lavraram raizes na leiva dos cemiterios, em quanto Faustino medrava nas grandes inspirações e expirações da gargalhada.

Se olhava para o céo, era com o discreto proposito de se acautelar das trovoadas; e, em vez de abrir a sua alma aos mysterios do Azul, abria o guarda-chuva contra os aguaceiros.

Novaes teve uma doença implacavel de coração: um amor baixo, ignobil até á miseria que se deplora e não se perdôa. Foi essa deformidade moral que o propelliu para o Brazil. O critico mordente morrêra na sua terra, desde o instante em que se amordaçou, facultando que um inimigo ferido lhe revidasse as satyras como flechas que varam a honra.

Tinha sido muito feliz. Aos 34 annos ria os risos explosivos de uma criança.

.....

Nem hoje, aos *trinta e quatro* me confundo;
Mas folgo, rio e canto em tom festivo!—
— Pois eu tolo não sou — conheço o mundo!

Depois, no Brazil, sacudido pela desgraça e pelo opprobrio immerecido, entrou-se da combustão do desespero que lhe queimou o cerebro. Insandeceu e morreu. E' uma historia negra que, a espaços, escureja de entre as *Poesias posthumas*.

O primeiro tomo dos seus versos é a mocidade, a exuberancia inculta, o riso bom do epigramma benevolo, sem odios nem invejas. Amor, sentimentalidades, finezas de coração, ou o poeta desconhecia isso, ou o occultava para se apartar da turba lamartiniana. Era a unica lyra da rua das Flôres que não soluçava. Tinha elle, alli, quatro visinhos poetas, lacrimaveis todos, e d'estes vive apenas um, o snr. A. Moutinho de Souza, que desertou a tempo da ala dos namorados gementes, e nutriu como se vê. Os outros, Dias de Oliveira, Pinheiro Caldas, Nogueira Lima estão desfeitos.

Novaes mofava dos seus collegas esthericos. Em 1853 escrevia elle:

Folheando as lindas folhas
D'este album, fiquei pasmado!
Não encontrei um poeta
Que não fosse desgraçado!

Chorei ao vêr a *descrença*
Arreigada em corações,
De mancebos que no mundo
Passam por grandes ratões...

Será moda chorar sempre?
— Não quero a moda seguir:
Em quanto os poetas gemem,
Eu passo os dias a rir.

É moda descrêr de tudo?...
Tambem não quero descrêr:
— Creio em tudo quanto vejo,
E em tudo o que ouço dizer.

Creio nos jornaes politicos,
Nos hymnos e nos vivorios;
— Creio até nos almanachs,
Folhetins e reportorios;

Creio em homens e mulheres,
Creio em sabios e patetas,
Creio em vivos e defuntos,
Só não creio... nos poetas!

Estes rapazes decrepitos da actualidade cuidam e espalham que os poetas de ha 20 annos estavam carregados de edade média e tangiam cytharas, pela calada da noite, debaixo das adufas do Arco de Sant'Anna e da Penna Ventosa. Persuadem-se que o individualismo lyrico era uma epidemia, e que todos os bardos, á força de chorar, tinham fistulas lacrimaes. Pena tenho eu que Faustino Xavier não chegasse até nós com o látego da satira para os fazer entrar na escóla.

Ha 30 annos que eu escrevia a Faustino na *Carta* que acompanha o seu segundo tomo de versos: «A poesia das elevações, dos extasis, dos arrobamentos, é individual de mais para captar o interesse de muitos. Os poetas abstractos, os psychologicos, os orientalistas são excellentes creaturas, são talvez os que mais convisinham com os espiritos ; mas que queres tu, Novaes ? para quatro d'esses poetas não ha quatro interpretes ; a gente sobe com elles um pouco ; e, á maneira que os sublimes aeronautas se engolfam nas nuvens, vem a gente cahindo como a arêa despejada dos saccos do balão. Terra-a-terra é o que se quer agora em que está provado que a lua, a casta lua, não dá trella a poetas, nem arrisca a sua virgindade a troco de algumas trovas puxadas da alma».

No segundo tomo dos versos, enviados do Rio de Janeiro, ha menos graça e mais atavios. O poeta abancou. Faz profissão das letras. Adorna os seus poemas de poemas de epigraphes classicas. Manuseia Diogo Bernardes, Antonio Ferreira e parodía Camões. A correcção não desluz, mas dá ao sorriso a linha horaciana: já não é a casquinada, é a ironia, o tregeito um tanto aulico das pilherias de palacio. Lá nos vislumbra já o lyrismo amoroso. Foi o sol do Brazil que fez o prodigio, quando a desgraça e os

annos lhe nevavam a cabeça; mas o poeta, receoso da mofa, entraja o seu cupido de *Pierrot*.

Fingem-se paixões ardentes
Sem que do coração venham
As caudalosas correntes
D'affectos, em que se empenham,
Bem mais do que o peito, os dentes!

Teve amor, em outras eras,
Na terra tal poderio,
Que domava altivas feras;—
Hoje não—que amor e brio—
Virtude, honra—são chimeras.

Fundando o imperio brilhante
N'um sentimento profundo,
Foi monarcha dominante:
Mas, vendo virado o mundo,
Fez-se amor negociante.

E cahiu em tal desgraça,
Que hoje em dia as letras suas
Não teem desconto na praça;
E, forjando as falcatruas,
Vivendo vae da trapaça!
.....

As *Poesias posthumas* são o inverno torvo e algido d'aquella alma. Sente-se que o assombra o crepusculo da noite infinita. Ahi apparece El-

vira, paixão serodia, cheia de peçonha dos ciumes e insilveirada nos espinhos das difficuldades que a honra não ousa atropellar. O poeta presagia a demencia e a morte redemptora.

.....
Não vês que a razão, perdida.
Mais não volta ao desgraçado
Que uma vez te viu sómente
Se de ti é separado,
Sem que um teu meigo sorriso
Revoltando um céo interno
Possa vir suavemente
Transportal-o d'este inferno
Aos gosos do paraiso ?

.....

Vamos vêr se o céo clemente
Mais ameno abrigo encerra
Para este amor tão ardente,
Tão desgraçado na terra !...

E n'outro relanço :

Sem ti, á força do pezar amargo,
Meu animo cedera, outr'ora forte ;
D'esse estado, infeliz, fôra ao lethargo,
Do lethargo á loucura, e d'ella... á morte!

.....

Que estado é este que a razão condemna,
E o pobre coração inda sustenta ?
Porque matar-me quer agora a pena,
E a esperança, mais tarde, me aviventa ?

A esperança ?... A loucura...

... .

Eu tenho uma carta de F. X. de Novaes, escripta á luz vasquejante da sua razão. Conta-me com phrases rancorosas este seu amor, primeiramente correspondido com delirio, e depois lùdibriado com a perfidia brutal de uma *cocodette*, posta em almoeda. Eu, quando vejo na cidade heroica esta heroina encanecida, cuido que o remorso lhe alvejou as tranças de Magdalena em edição barata; mas, se reflexiono, tiro a responsabilidade ao remorso, e adscrevo-a ao tempo. Ella é velha, a desgraçada! A vingança de Novaes seria estrondosa, se eu, para então lhe abrir respiradouro á colera, publicasse a historia de Elvira que me elle enviou. Devolvi-lh'a para o Rio, e pedi-lhe que m'a remettesse, transcorrido um anno, se a sua ira lhe aconselhasse ainda o desforço. Não me redarguiu. E, antes de findo o anno aprasado, morreu. Foi melhor. Vingou-se mais nobremente assim. O corpo lá apodreceu á sombra de um monumento; mas a alma do

poeta deve estar cravada no peito de Elvira como a folha hervada de um punhal. Eu sei lá! Ha peitos que fazem dos espartilhos uma couraça, e mulheres que não tem, sequer, a fibra vulneravel no calcanhar.

INDICE

DO SEGUNDO VOLUME

Os contrafactores do Brazil..... 1
Portugal e os estrangeiros..... 13
Galeria de figuras portuguezas..... 49
Galeria de sciencias contemporaneas..... 59
Jesuitas!..... 85
Tratado de Historia ecclesiastica..... 91
Citania..... 99
Margarida, scenas da vida contemporanea..... 105
Cartas do marquez e marqueza de Tavora..... 109
Conde de Azevedo..... 149
Os descendentes do famoso poeta quinhentista Doutor Antonio Ferreira..... 165

Oliveira Martins: Historia da civilisação iberica, e Historia de Portugal 191
Eleições liberrimas á antiga portugueza 211
O macaco e o elephante 215
Thomaz Ribeiro: D. Jayme, Sons que passam, Vesperas, A Delfina do Mal 229
Observações á «Citania» 253
A propriedade litteraria 259
Historia e sentimentalismo, reparos 263
Ethnographos palacianos 269
Armas e letras 279
A Luiz da Costa Pereira 283
Memoria sobre a historia e administração do Municipio de Setubal 207
Lisboa antiga, pelo visconde de Castilho 289
A morte de Philarète Chasles 303
Curso theorico e pratico de pedagogia 317
Poesias posthumas de F. X. de Novaes 325

CORRECÇÃO

Pag. 185, linha ultima, onde está 1596, emende — 1569.

PQ
9261
C3N28
1882
v.2

Castello Branco, Camillo
Narcoticos

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 01 01 002 2